45 Anos

Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

Este livro foi composto e diagramado
nas fontes: Arial corpos 8 e 11, Times New Roman corpo 11.
Miolo em papel OffSet 75 g/m^2 - 1 Caderno em Couchê 115 g/m^2
e capa em Cartão Triplex 300 g/m^2
Impresso pela Gráfica Elyon em novembro de 2023.

ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS

REVISTA Nº 25 ANO XXV

2023

Copyright © 2023 Academia Guarulhense de Letras
Revista nº 25 Ano XXV 2023 - Edição dos 45 anos

Todos os direitos desta edição reservados para:
ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS - AGL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Academia Guarulhense de Letras : revista nº 25 / coordenação Valdir Carleto. -- 25. ed. -- Guarulhos, SP : Academia Guarulhense de Letras, 2023.

Vários autores.
ISBN 978-65-981664-0-3

1. Academia Guarulhense de Letras - História 2. Literatura brasileira - Coletâneas I. Carleto, Valdir.

23-177484 CDD-B869

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Antologia B869

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Ficha Técnica
Coordenação editorial: *Valdir Carleto*
Revisão: *Fátima Gilioli, José Roberto Jerônimo, Mauro dos Santos Oliveira e Valdir Carleto*
Diagramação: *José Roberto Jerônimo*
Fotos e ilustrações: *Acervos da AGL e de autores*
Capa: *Fábio Vicente e José Roberto Jerônimo*

Academia Guarulhense de Letras - AGL
Endereço para correspondência:
Rua Alexandre de Oliveira Calmon, 98 - Centro
Guarulhos - SP - CEP 07115-020
Site: www.academiaguarulhense.org.br

45 Anos

Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

DIRETORIA 2022 / 2024

Presidente:
Mauro dos Santos Oliveira

Vice-presidente:
João Bosco da Silva

Secretária Geral:
Teresinha Silva Maltez de Souza

1º Secretário:
José Roberto Jerônimo

2º Secretário:
José Augusto Rodrigues Pinheiro

Tesoureiro Geral:
Valdir Carleto

1º Tesoureiro:
Milton Cesar Bassuma

2º Tesoureiro:
Jacques Miranda de Oliveira

Conselho Fiscal
Presidente: Armando Attilio Colacioppo Sobrinho,
Francisco de Souza e Clovis Domingues

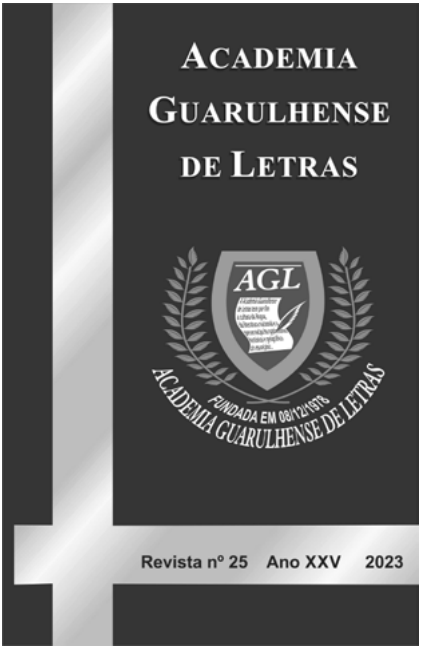
Suplentes:
Fábio Cardoso, Gil Campos de Farias e
André Figueiredo Rodrigues

Orador Oficial:
Valdir Carleto

EXPLICAÇÃO DA CAPA

O trabalho foi elaborado, em parte, pelo designer Fábio Vicente, em 1999, e atualizado com o brasão da Academia Guarulhense de Letras.

Como registra o acadêmico Bismael Batista de Moraes, as duas retas se cruzando, uma vertical e outra horizontal, identificam a localização do município de Guarulhos, na confluência de duas estradas federais, a Rodovia Fernão Dias, com destino a Minas Gerais e a Presidente Dutra, com destino ao Rio de Janeiro, por onde passa grande parte da riqueza nacional.



ACEITA-SE PERMUTA

Exchange is accepted - Si piede permuta
On demande l'échange - Man bitter um austausch
Si praga l'intercambio

45 Anos

Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO
José Augusto Pinheiro 11

PARTE I - Artigos

ANTONIA VAZ 15
AURA GOLD 27
BISMAEL B. MORAES 37
DARLAN ZURC 43
ELAINE PATRÍCIA MALTEZ SOUZA FRANCESCONI 49
FÁBIO CARDOSO DOS SANTOS 55
FÁTIMA GILIOLI 65
FERNANDO CANTO BERZAGHI 73
ISABEL BORAZANIAN 83
IVO DE SOUZA 'POETA DOS MARES' 93
JACQUES MIRANDA 101

JANDILISA GRASSANO 109
J.R.JERÔNIMO 119
MANOEL MONTEIRO 129
MAURO DOS SANTOS OLIVEIRA 139
ROBERTO SAMUEL 147
SÍLVIO RIBEIRO 157
TERESINHA SILVA MALTEZ DE SOUZA 165
VALDIR CARLETO 173
YANNICK BASSUMA 179

PARTE II

SINOPSE DAS ATIVIDADES RECENTES DA AGL ... 187

PARTE III

MEDALHA DO MÉRITO CULTURAL JOÃO RANALI 195

PARTE IV

HINO DA AGL - LETRA E PARTITURA 197

PARTE V

GALERIAS 201

Os textos representam opiniões de cada acadêmico.
A Academia, por sua Diretoria constituída,
não interfere no conteúdo dos autores.

45 Anos

Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

APRESENTAÇÃO

VINTE ANOS DE MEMÓRIA EM 45 DE HISTÓRIA DA AGL

A Academia Guarulhense de Letras, orgulhosamente, apresenta: a sua Revista - edição 2023. Esta publicação anual contempla textos dos acadêmicos – homens e mulheres, amantes das letras e defensores do vernáculo. A AGL foi fundada em 8 de dezembro de 1978 por pessoas que idealizaram a instituição que preserva os valores culturais de nossa terra. Capitaneados por Gasparino José Romão, presidente por 20 anos, pouco mais de uma dezena de intelectuais realizaram o sonho de erigir a nossa Academia.

Este é o 25º número da Revista da AGL. Vinte e cinco anos de fundação contava a Academia quando eu tive a honra de ingressar no rol de escritores de minha cidade-natal. Eu tinha 40 anos de idade e recém-lançara o meu primeiro filho literário: "Novo Amanhecer". Desde então, tornei-me assíduo frequentador das reuniões mensais, tendo ocupado todas as funções executivas: secretário, em 2006/8; tesoureiro, 2008/10; vice-presidente, 2010/12 e 2014/16; presidente no biênio 2016/18; orador, no período de 2018/22.

Creio, portanto, ter plenas condições de resumir os vinte anos mais recentes desta enriquecedora História. Eu fui empossado em 9/12/2003 pelo meu ex-professor de Economia Po-

lítica, Ary Baddini Tavares, que meses depois passou a missão ao acadêmico Armando Attilio Colacioppo Sobrinho. Este fez melodiosa gestão no biênio 2004/6 – Bravo, maestro! A seguir, passou a batuta para o professor Bismael Batista de Moraes, que fez da paz a sua incontestável bandeira no período 2006/8.

O jornalista Aristides Castelo Hanssen demonstrou na gestão seguinte como rimar simplicidade com felicidade, edificando elevados versos de harmonia e de humildade. A poetisa Isabel Borazanian Macedo de Oliveira valorizou a cultura guarulhense e, assim, imprimiu a sua marca na gestão 2010/12. Clóvis Domingues foi o sucessor e elegeu a divulgação das atividades acadêmicas como prioridade de sua gestão. Após histórica eleição direta, Ary Baddini retornou ao cargo de presidente e buscou tom conciliador para manter de pé os pilares da Agremiação.

Em 2016 eu assumi os destinos da AGL por dois anos. Naquele período houve três destaques: a efeméride dos 40 anos de fundação, a criação do estandarte da Academia – concebido por Silvio Ribeiro -, e do Hino da AGL, com música do maestro Colacioppo e letra do confrade Mauro. A escritora Antonia Conceição Vaz Duarte foi sublime na condução das reuniões mensais no biênio 2019/20. A sua postura doce e generosa auxiliou no processo de continuidade dos trabalhos, mesmo diante do fato de que a pandemia do Covid-19 tornou real a necessidade de encontros virtuais entre os acadêmicos.

Valdir Carleto assumiu o mandato para o biênio 2020/22. Sabiamente, ele fez uso do imenso prestígio alcançado em sua carreira como jornalista a fim de enaltecer a nobre missão da AGL. E logrou pleno êxito. Neste 2023, o advogado Mauro dos Santos Oliveira cumpriu o seu primeiro ano como presidente. Este, com a sua figura sempre amorosa e fraterna, soube receber com absoluta maestria os novos membros que valorizaram sobremaneira o nosso Sodalício.

Isto posto, cabe-me desejar a você momentos de intensa satisfação que somente a leitura pode proporcionar ao ser vivente – e pensante! Grato, gratíssimo por sua inestimável atenção.

Em tempo – Faltam cinco anos para o Jubileu de Ouro da Academia Guarulhense de Letras.

José Augusto Pinheiro
Acadêmico Efetivo

45 Anos

Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

PARTE I - ARTIGOS

ANTONIA VAZ

O CAVALINHO QUE SABIA NADAR

Num lindo oceano de águas rasas e com profundo entusiasmo, Theo[1] viu Lia[2] pela primeira vez... Foi água borrifada para todo lado, cauda daqui e dali: estariam os dois cavalos marinhos enrolados por toda a vida.

– "Essa ciranda quem me deu foi Lia que mora na ilha de Itamaracá[3]..."– cantarolava Theo numa sedução amorosa infalível, enroscando Lia por inteiro...

Juntos, ensaiavam uma linda coreografia sincronizada, parecendo um nado nupcial. O movimento sensual dos apaixonados era um verdadeiro balé aquático amoroso, de causar inveja a qualquer solteiro de plantão.

---

1 Theo: 1. Theo é um nome próprio de origem grega. Surge a partir de théos, cujo sentido literal é "deus". 2. Significa "Deus", "Deus supremo".

2 Lia: 1. A partir do grego, Lia significaria "aquela que é portadora de boas notícias". 2. Lia: Significa "vaca selvagem", "leoa", "aquela que tem olhos doces", "cansada", "trabalhadora". Lia, também chamada de Leia ou Leah, foi o nome da primeira esposa de Jacó, irmã de Raquel, citada no Velho Testamento da Bíblia.

3 Quem Me Deu Foi Lia - Gilberto Gil

Os cavalos-marinhos, cautelosos, escolheram uma enseada de águas tranquilas para a reprodução, gerar seus filhotes e protegê-los com todo amor e valentia, objetivo do casal enamorado: formar uma família, passar seus genes para a frente, perpetuar a espécie...

Era preciso garantir a segurança da futura geração de cavalos-marinhos. Podem ter até 500 filhotes, que são minúsculos... Lindos! Nascem escuros e depois ficam claros para se camuflarem. Predadores há muitos e nem todos chegam à idade adulta, apesar do zelo parental.

Theo e Lia gostavam de passear além dos limites de seu habitat natural, para explorar outras águas: salinidade, temperatura, fauna e flora diferentes. Conhecer a diversidade alegra, enriquece o conhecimento dos futuros pais.

O casal de cavalos-marinhos trazia vários objetos, lembranças dos diversos lugares visitados: conchas, esqueletos de peixes, algas, e tudo que parecesse uma relíquia.

Traziam lembranças, utensílios, coisas, peças para coisificar o mundo. Colecionavam retalhos de vivências e recordações afetivas.

Cavalos-marinhos são peixes ósseos. Macho e fêmea compartilham o trabalho da gestação. Assim, diminui pela metade o tempo para gerar os filhotes. É o macho que engravida. É o único caso na natureza. A fêmea deposita os ovos na bolsa incubadora do macho e ele os fecunda e carrega. Ele cuida dos nutrientes, temperatura e proteção dos embriões até eclodirem.

De repente, grita Lia:

– Vem lanchar, querido Theo! Aqui tem muitos camarões, peixinhos e plânctons saborosos... Nade! Nade! Senão desaparecem; alguém perceberá que estamos famintos.

– Que apetite voraz, Lia!

– Estou louca de fome! Também com tantos ovinhos para alimentar! Serão peixes fortes como os pais. Enfrentarão corren-

tes, corredeiras e mares bravios, ondas gigantes como as de Nazaré[4]! Aquela que desafia surfistas do mundo todo... Nunca saberemos o tamanho da coragem que o futuro exigirá de nós.

Os pais, sempre projetando a realização dos seus sonhos nos filhos! Isso é bom ou ruim? Também, se não sonharem nada, certamente será pior...

Percebemos o mundo de onde nossas caudas se agitam... – dizia, pensativo, o futuro pai Theo. Olha a geografia desse lugar encantado! É muita beleza a nos rodear! Oremos a Poseidon[5], deus dos mares! Cuidem de nosso lar, águas abençoadas...

Lia grita:

– Theo, rápido! Algum plástico enroscou na minha cauda, não consigo nadar... Socorro!

– Ah! Esses humanos, com suas embalagens descartáveis, estão fazendo os mares de lixão! Ainda não entenderam os crimes que cometem a todo o instante... É preciso urgente usar biodegradáveis...

– Pare de filosofar e me ajude!

– Hak... Hak... Hak... Pronto! Agora, você está livre, até o próximo acidente! Tenha mais cuidado, Lia!

– Estou sentindo contrações... Cada vez mais a miúdo! – exclama Theo, sensivelmente assustado. É sua primeira vez, quanta emoção!

---

4 Ondas gigantes de Nazaré- Portugal

A vila de Nazaré está localizada a 99 km a norte de Lisboa.

Devido à projeção mundial que têm as ondas gigantes de Nazaré, a vila tornou-se a anfitriã dos maiores campeonatos internacionais de surf e recebe muitos desportistas dessa modalidade, assim como milhares de curiosos e de turistas que vêm apreciar as suas corajosas demonstrações.

5 Poseidon - Como Zeus, Poseidon, o rei dos mares, era filho de Cronos e de Rea. Segundo a lenda, foi criado pelos Telquines, demônios da ilha de Rodes, e por Cêfira, filha de Oceano.

Instantaneamente, saem rápidas e velozes dezenas e centenas de minúsculos cavalos-marinhos da bolsa gestacional do orgulhoso pai, encantando a mãe, Lia.

A mãe, numa esfuziante alegria, serpenteia o cardume. Nada... Nada... Nada! Bate a cauda, o focinho e o coração. Dá boas-vindas aos filhotes, com um contentamento maternal tão grande, que só as mães sentem... Nesse caso, excepcional, penso que o cavalo-marinho também é privilegiado, contemplado com esse estado de graça.

Agora, é cuidar e torcer para que a maior parte dos filhotes de cavalos-marinhos chegue à fase adulta e o milagroso ciclo da vida recomece... Reproduza-se novamente, garantindo a perpetuação da espécie.

Cavalo-marinho - nascimento

Cavalo-marinho

Ondas de Nazaré – Portugal

Poseidon era um importante deus que estava presente na religiosidade da Grécia Antiga. Os gregos acreditavam que ele era o deus dos mares e dos rios e a divindade responsável por catástrofes como os terremotos e as enchentes. Marinheiros e pescadores pediam a proteção de Poseidon quando iam navegar no oceano.

Oceanário de Lisboa - https://www.oceanario.pt

O Oceanário de Lisboa é um aquário público de referência em Lisboa, em Portugal e internacionalmente conhecido. Sua exposição permanente tem mais de 8000 criaturas marinhas.

PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE

- Economize água diminuindo o tempo de banho, fechando a torneira ao escovar os dentes e não usando o vaso sanitário como lixeira;

- Utilize lâmpadas fluorescentes ou de LED para redução de consumo de eletricidade e consequente redução da emissão de CO2. Estas lâmpadas são mais caras, mas você terá retorno no médio prazo, já que elas duram mais e sua conta de energia diminuirá. Vale lembrar que é importante descartar as lâmpadas velhas de forma correta. Pesquise na internet locais de descarte no Brasil e em Portugal;

- Utilize sacolas retornáveis ao fazer compras em supermercados;

- Dê preferência à compra de produtos em refil com a menor quantidade possível de plástico na embalagem;

- Dê preferência a alimentos da estação e provenientes de produtores locais. Desta forma, se incentiva a produção local, diminuindo a queima de combustível no transporte desses alimentos;

- Tente enviar o que for possível para reciclagem. Mais informações disponíveis nos sites: Brasil e Portugal;

- Não consuma nenhum produto que possa estar contribuindo com a extinção de espécies e degradação dos ecossistemas;

- Não tire nada da natureza (com exceção de fotos), e também não deixe nada nela (com exceção dos suspiros e saudades).

QUEM TEM MEDO DO WILLY?

Dona Etelvina se arrepiava toda quando via o jovem "alemão" no bar. É de causar medo até em satanás! – dizia a jovem mulher, sussurrando a meias palavras, a meio tom, de corpo encolhido e alma escondida. Era penoso dar conta das circunstâncias!

Nenhum freguês lhe causava tanta paúra, tanta vertigem e pânico semelhante ao ruivo Willy.

– Como um ser humano pode ser tão perverso? – pensava em devaneios horripilantes. – Jofre não se parece nada ao irmão, jovem trabalhador, sereno, cordato, de paz...

Jofre envergonhava-se do fraterno incômodo, afastava-se o mais que podia, para evitar constrangimentos.

Certa vez, a mãe olhou para o filho e disse:

– Sabe que eu tenho pena do Willy! Coitado, está sempre maquinando alguma trapaça, maldade ou emboscada. Como pode? – falava do filho como se nenhum vínculo houvesse; um estranhamento sem afeto algum. Indiferença que instigava dona Etelvina.

A família de Mercedes, mãe do temido Willy, morava circunvizinho ao bar, próximo à linha do trem, que na década de 60 ainda corria por lá, em Santana. O apito do trem sinalizava o cotidiano dos moradores. O som fazia parte do afeto sonoro das pessoas.

A casa dos alemães, isolada, alcançava-se a pé, depois de se atravessar uma ruela e um bueiro. No espaçoso terreno, vivia toda a família; ninguém os incomodava; viviam às soltas... Mesmo porque, quem se atreveria?

Nunca se ouviu falar do marido de Mercedes. Quem seria ele? Um fugitivo de guerra, ou apenas mais um pai que abandonou a família, quem sabe?

Willy estava sempre acompanhado de algum amigo, com algum instrumento na mão, afiando seu objeto de trabalho. Alternando humores, assim fiava, engendrava matreiramente os seus dias.

Quando o medonho ruivo aparecia, o tempo ficava cinza, sem contornos. Quem definia a temperatura e a cor era ele, o valente e temeroso jovem, sem escrúpulos, nem empatia alguma. Causava pânico somente com sua atrevida e sinistra presença.

Que tipo de atividade pagava seu sustento? Alguém sabia?

Como sombra, o macabro aparecia e desaparecia sem deixar vestígios nem saudades. Que falta haveria de fazer a indigesta criatura das trevas?

Vez ou outra passeava tranquilamente com sua caçula nos braços, como se carregasse um troféu. Nunca chegou uma notícia de violência doméstica... Isso era um estranhamento!

Sua companheira era de cor parda, tímida, de poucas falas. Mas a filha era loirinha, miúda e clara.

– Puxou ao pai – dizia dona Mercedes, toda orgulhosa.

Nos anos anteriores e posteriores à Segunda Guerra Mundial, vários nazistas e simpatizantes do fatídico regime adentraram as terras brasileiras. Alguns deles, famosos, procurados pela polícia local e internacional. Muitos plantaram sementes dessa ideologia do partido de extrema-direita da Alemanha (1933-1945) em vários

lugares do Brasil, que permeia, apenas pontualmente, o pensamento político até hoje, cultivando o que há de pior no ser humano.

Presume-se que a família paterna de Willy seja dessa leva.

Uma nação pode produzir cidadãos admiráveis como: Johann Sebastian Bach, Karl Marx, Albert Einstein, Martinho Lutero, Emmanuel Kant, Angela Merkel e muitos outros que tanto bem fizeram à humanidade e ainda fazem, com seu legado memorável.

Convém a eterna vigilância...

Dona Etelvina podia contar sempre com o gentil e amável vizinho Otto, pintor, designer gráfico, um artífice plural. Ele era parceiro de sua filha para trabalhos escolares que exigiam boa apresentação artística. Faziam sucesso na escola!

Em datas especiais comiam Eisbein[1], delicioso joelho de porco alemão com chucrute (conserva de repolho), batata ou purê de ervilha. Uma delícia que a mãe de Otto preparava como os antigos da família, receita transmitida oralmente e no fazer fazendo...

Emborrachar-se não era o hábito do malévolo Willy. Nunca se via embriagado, nem mesmo em celebrações de jogos vitoriosos do seu time. A sua índole era má, porventura genética ou por fatores ambientais. Como saber?

Quiçá, para dar um respiro, sumia alguns dias... Era um alento para todos que se perturbavam com sua presença marcante, embora silenciosa, por vezes...

Aparecia como fantasma e assustava como assombração. Desaparecer mesmo, somente depois de concluído o terror: emocional,

1 Literalmente Eisbein significa perna (Bein) de gelo (Eis). É um dos pratos mais famosos da culinária alemã. Joelho de porco (Porco não tem joelho) - essa expressão é usada para designar o final do pernil dianteiro ou traseiro que se junta ao pé. (fonte: WEB)

físico ou espiritual. Ninguém era capaz de enfrentar o Willy, exceto o marido de dona Etelvina, para seu desassossego e desespero.

O bravo português conseguia conter os ímpetos destrutivos desse malfeitor, por instantes... Evitavam-se! Como dizia a esposa do Sr. Alberto, eles se entretemem.

Etelvina, a jovem senhora, de tez muito alva e fala mansa, repetia a miúdo:

– Reze para que seu inimigo seja feliz; gente feliz não enche o saco.

– Adoro conversar comigo, estou quase me compreendendo. Foram anos de solilóquio...

– Quando uma amizade se constrói, acende em mim a esperança de que a humanidade pode dar certo.

*****

Num entardecer iluminado, o comércio trabalhava normalmente: Tônia, ainda garota, filha de dona Etelvina e o Sr. Alberto, fazia sorvete italiano de massa de frutas, em ritmados movimentos circulares. Mexendo... Mexendo... Mexendo pazada por pazada numa dança mágica: a delícia dos deuses! A Dona Etelvina servia os fregueses apressados e o Sr. Alberto cuidava da caixa registradora. Tudo funcionava como previsto.

Bem, quase tudo!

Tônia contava pouco mais de uma década de vida; porém, multiplicavam-se experiências, subtraíam-se folguedos da infância. Ganhos e perdas, que mais tarde, tirariam a prova dos nove!

Bruscamente, Willy penetrou no armazém, à procura da cunhada Benedita, que já havia saído com uma bengala de pão fresco na mão, ganhando a passos largos a calçada.

Talvez tivesse pressentido o seu verdugo.

O tresloucado alcançou a coitada, sem dizer palavra alguma, ergueu uma foice e desceu-a no rosto pardo da jovem Benedita. Parte do nariz alargado, jorrando sangue, escorregou pela face. Era um corpo estendido no chão! Willy fugiu...

Segurando a pá de sorvete, Tônia paralisou por instantes. Era uma cena de terror ao vivo!

Os fregueses, chocados, mobilizaram-se. Alguns levaram a pobre Benedita ao hospital, outros gritavam e choravam. Alguém foi avisar a família. Pânico geral, cena dantesca, insólita, rara de ser vista.

A polícia demorou a chegar, não havia celular. Telefone fixo era uma raridade, muito caro, poucos afortunados possuíam tal aparelho. O casal de imigrantes Alberto e Etelvina ainda presenciaria muita violência, algumas alegrias, poucos prazeres e labuta nada fácil. Tudo isso seria recompensado lá na frente...

Os pais de Tônia gostavam muito de ler e contar histórias, ler poesias... Tal exemplo faria toda a diferença na vida dela, exemplos marcantes que haveriam de sinalizar sonhos e projetos futuros. Naquele ambiente rude, de labor insano, regado a letras, cantigas e mitos familiares, crescia a menina com TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade).

– Não sossega! Parece que tem bicho carpinteiro no corpo – dizia a mãe, sem saber lidar com esse transtorno. Ora ajudava Tônia, ora a atrapalhava. Ficar quieta era um esforço hercúleo.

A curiosidade a movia... Era atenta às falas paternas e maternas, que a ajudavam a construir forte capacidade moral internalizada, reforçada com aforismos, reflexões e exemplos.

– Pois é, Etelvina, na nossa aldeia em Portugal, quando acontecia um crime, os repentistas cantavam em prosa e verso, por ser tão incomum. A história trágica passava oralmente de geração em geração, inserindo-se na literatura oral e na literatura de cordel da região Trasmontana. Onde viemos parar, meu Deus?

– Homem, o que há de se fazer? Tenho chorado vales de lágrimas de saudades, mas gosto do clima daqui: do Sol maravilhoso, dos vizinhos, da fartura de frutas, das festas da igreja e da escola da nossa filha. O trabalho nos consome o tempo todo: de domingo a domingo. Tenho pena de não podermos aproveitar, devidamente, tudo isso! Amo esta terra brasileira...

– Meu destino é planejar meu futuro com todos e tudo o que amo... Utopia? Mas como viver sem ela?

Depois de alguns dias...

Via-se a mulata Benedita, carregando a filha, andando a passos largos em direção a sua moradia. Sôfrega, estava alerta, possivelmente vivendo um estresse pós-traumático.

Ouviu-se na rádio-bar que um bondoso e competente doutor recuperou-lhe as ventas.

Considerando-se a década de 50, foi mesmo um milagre a cirurgia reparadora.

Quem não dava as caras por lá era o cunhado agressor, Willy. Estava aguardando, para que as coisas arrefecessem. Voltaria na ocasião certa, fantasmagórica, para arquitetar novas maldades.

O perverso[2] deixara o ambiente leve com sua ausência forçada. Mas por quanto tempo?

Que ninguém se arrependa de fazer o bem... Ele jamais sairá de moda!

---

2 Perversão - Termo derivado do latim pervertere (perverter)
É um desvio de comportamento, apontado pela psicanálise como um tripé das psicopatologias, juntamente com a neurose e a psicose.
A perversão estrutura-se sobre a vontade de transgredir a ordem natural das coisas, de perturbar a ordem social.
A pessoa perversa busca o prazer continuadamente, tanto nos seus comportamentos como em suas fantasias. Ela é manipuladora, impulsiva, sedutora e se sente superior. Não há sentimento de culpa.
Perversão não tem cura. O tratamento psicoterápico consiste em desarticular os sintomas, para que a pessoa perca essa sensação de gozo e prepotência e o quadro se estabilize e controle. (fonte: WEB)

WILLY, O PERVERSO!

Willy olhava de lado, de banda, enviesado.

Da linha reta se esquivava. Até o olhar era atravessado.

Como transversal era sua vida, sempre inclinada ao mal.

Perverso para alguns, reverso para outros, ou quase todos...

Alemão Willy, se você soubesse como é bom ser bom...

Aqui, ou no Butão, no Chile ou no Japão,

Jamais experimentaria o fel de ser cruel.

Fugiria do mal banal.

Procura... Procura... Procura!

Que loucura ser são!

Porém perversão não tem cura.

AURA GOLD

HISTÓRIAS DE VIDA

SIMPLES ASSIM

Era uma vez uma jovem chamada Emília que vivia numa fazenda com seus pais e cinco irmãos.

Era uma família modesta, mas com seu patrimônio garantido. O pai, João, português, filho de imigrantes, nasceu e cresceu naquela propriedade. Ainda muito jovem, casou-se com uma mocinha de treze anos de idade que fora laçada (era índia) quando tinha, por volta de uns cinco anos, pelo dono da fazenda e pai de João. A menina, filha de índios nativos da região, estava pegando bananas no chiqueiro dos porcos para se alimentar. O velho Sebastião, dono da referida fazenda, laçou-a e tentou conversar com ela para saber sobre a tribo e ver o que podia fazer para devolvê-la. Entretanto, a menina não entendia a linguagem dele e quando resolveram procurar assim mesmo a sua família, não encontraram, pois, temerosos, fugiram deixando para trás a menina.

O velho adotou-a e chamou-a de Joana. Assim ela foi crescendo, aprendendo, até que começou também a olhar João, o filho de Sebastião, com outros olhos. Olhos de amor. João era muito gentil, educado e ajudou Joana a aprender a ler e escrever. Ela estava se adiantando na vida.

A fazenda não oferecia muitas opções para os jovens, que, desde cedo, começavam a trabalhar e casar, ter filhos, dando continuidade à família. Do casamento da índia com o português nasceram cinco crianças. A mais jovem, Emília, desde tenra idade começou a manifestar uma relevante diferença no comportamento. Isso a deixava vulnerável às pessoas que a chamavam de tontinha. Assim acontecia porque, de repente, quando surgia alguém com alguma dificuldade, principalmente de doenças, Emília logo assumia a postura de uma médica e enfermeira, receitando remédios que ela fazia com as ervas colhidas no seu quintal, que ela mesmo plantava e cultivava com carinho.

Ninguém entendia aquele dom de cura. Sim, de cura, pois ficavam todos curados e aliviados de suas dores e mazelas. Isso era maravilhoso para aquelas pessoas simples e humildes, os colonos e serviçais que não tinham condições para casar-se com Manuel, filho de proprietários de fazendas de gado. Ela o conheceu quando procuravam médicos em outras cidades, quase sempre distantes.

Emília curou muita gente com suas garrafadas, preparadas cuidadosamente por suas mãos hábeis e abençoadas. Assim ela cresceu e aos quinze anos, ele, descendente de alemães pomeranos, garboso, nos seus vinte anos, chegou acompanhando o pai, montado num belo cavalo de raça de cor castanho-claro.

Seu pai viera tratar de negócios com o pai de Emília. Dois estrangeiros radicados na Terra Brasil. Quando os jovens trocaram olhares, nasceu uma esperança no brilho dessa troca. Noivaram, casaram e tiveram também cinco filhos.

Emília, sempre dedicada à família e aos afazeres domésticos, arrumava tempo para os necessitados de suas ervas curativas.

Viveu sua missão de curandeira, Manuel viveu um pouco mais sua missão de provedor, deixando herança para a família. E assim, foram aos poucos se dispersando.

Alguém, no entanto, recebeu o dom da cura, não com as ervas, mas com as palavras emitidas numa vibração de amor e ensinamento: sua neta, Maria…

A MENINA QUE NÃO QUERIA CRESCER

Juliana era uma menina feliz dentro de seu universo familiar e social. Aos 5 anos de idade, a irmã mais velha fez uma veste de Santa Terezinha do Menino Jesus para Juliana.

A Santa era a padroeira da Igreja da cidade do interior de Minas Gerais e ter sido convidada pelo padre para coroar Nossa Senhora fora uma honra, tanto para a menina como para a família. Embora não se desse conta da importância, ficara feliz porque via estampado nos rostos da irmã e da mãe o sorriso de alegria pelo convite.

Quando chegou o dia da coroação, a coroa de ouro maciço cravejada de esmeraldas ficava um dia na casa da família sob os cuidados da mesma, enquanto se preparavam todos para ir à Igreja no centro da pequena cidade interiorana.

Juliana não sabia exatamente o que iria fazer porque nada lhe haviam dito a respeito dessa coroação. Tudo na cidade ficava perto; então, foram a pé. A menina vestida de Santa Teresinha e os irmãos Orlando e Laura, a mãe Maria e o pai Francisco, que colocaram suas melhores roupas e calçados. Afinal, era um evento importante para todos, uma honraria. Chegando à Igreja, Laura e Juliana foram para a Sacristia onde aos poucos foram chegando as outras meninas vestidas de anjo com asinhas e vestidos brancos longos, amarrados na cintura por um cordão dourado. Todas com as idades entre 5 e 8 anos, acompanhadas por alguém de suas famílias, geralmente a mãe ou irmã mais velha.

Só Juliana estava vestida diferente e ela, olhando para as outras meninas, gostou mais das vestimentas claras com asas e cinto dourado, lindo de se ver.

Logo fez amizade com uma das meninas, que se chamava Luíza. Enquanto todos conversavam e trocavam informações, Juliana e a amiga aproximaram-se de uma sala na sacristia onde havia uma mesinha de escritório, paredes brancas, cujo teto era muito alto, aproximando-se da torre da Igreja. Juliana observou duas coisas que logo lhe chamaram a atenção. Defronte à porta, também alta, encostada na parede, em frente havia uma enorme escada que devia ser usada para aproximar quem fosse coroar a imagem de Nossa Senhora das Graças, no altar principal da Igreja. De um lado da imagem, estava a de Santa Terezinha com seu tradicional ramo de flores e do outro lado a imagem de Jesus apontando Seu Sagrado Coração. Era muito linda essa visão do altar.

Juliana observou também que havia uma mulher de saia preta, blusa branca e cabelos negros sentada próxima à escrivaninha como se a qualquer momento fosse escrever algo. Falou então para sua nova amiguinha, Luíza, se também estava vendo tudo aquilo que ela via. Ficou surpresa com a pergunta: – De que moça você está falando? Não tem ninguém ali dentro, só tem aquela escada – disse apontando para a mesma,

Juliana estremeceu com o relato de Luíza e, ao olhar com atenção, viu que a mulher se levantou e dirigiu-se para a escada, colocando a mão direita sobre a mesma. A fisionomia da mulher era estranha, um meio sorriso na face pálida e olhos fixos que assustaram Juliana. Numa questão de segundos, pois as duas meninas estavam na porta que dava acesso à sala, a mulher empurrou a escada, só dando tempo de Juliana empurrar a amiga e as duas se jogaram no chão, enquanto a escada despencava vigorosa e rente a elas. Juliana olhou e viu a mulher rir e subir até o teto, como se estivesse voando, e desaparecer de imediato.

Laura e a mãe de Luíza correram para pegar as meninas deitadas no chão, cuja escada tinha caído a menos de um palmo das duas.

Logo começou a aglomeração e um responsável pela Igreja veio ver o acontecido. Laura pegou na mão de Juliana e perguntou se ela sabia o que tinha acontecido. A menina contou tudo o que vira, mas não foi levada muito a sério quando falou sobre a mulher, mas principalmente quando disse que a mesma tinha empurrado a escada e tinha subido e desaparecido no teto da sacristia.

Laura, sem dar muito crédito ao relato da irmã, tomou aquele fato como uma advertência e ali mesmo resolveu que a menina não iria subir naquela escada que representava tão grande perigo. Todos concordaram e um dos ajudantes maiores da Igreja subiu, ficando oculto atrás da Santa e, sem ser visto pelas pessoas que assistiam, ergueu a coroa na cabeça da imagem.

Assim foi a coroação de Nossa Senhora das Graças naquele dia. Ao saírem, havia um fotógrafo que fez a foto de Juliana vestida de Santa Teresinha para guardarem de lembrança desse acontecimento. A foto mostra uma menina com uma lágrima retida nos olhos, prestes a jorrar pela pequenina e inocente face.

Depois desse dia, mudanças da família para a capital, outras igrejas, outras coroações, outros anjos e Juliana de tudo participava. Mas, ficou retida e fixa em seu olhar a lágrima não chorada e nunca mais ela pôde coroar a Nossa Senhora…

A MUDANÇA

Olegário era caixeiro viajante, o que mais tarde foi denominado vendedor representante. Ele viajava por todas as cidades do interior de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Bahia e outras de São Paulo. Ele representava uma fábrica de tecelagem da capital de Minas, de onde levava amostras da produção de lindos tecidos. Era muito bom na profissão, porque tinha o dom da palavra, da comunicação com os clientes. Usava de uma linguagem simples e concreta, mostrando a beleza, durabilidade e qualidade da mercadoria. Os clientes tornavam-se amigos de Olegário, que demonstrava satisfação com o seu trabalho.

Inúmeras vezes era convidado para almoçar ou jantar em suas residências e como ele estava só, aceitava de bom grado, desenvolvendo assim, na época, muitas amizades e simpatizantes.

Era popular, gostava de tocar um violão, cantar, tinha uma boa aparência e andava sempre bem vestido. Na época era considerado elegante pelo uso do chapéu, gravata e terno. E assim ele estava sempre charmoso. As moças ficavam cativadas por sua fala repleta de falácias contadas com ironia discreta, o que o tornava um excelente comunicador. Porém, ele tinha uma certa reserva quando se tratava de "moça de família", colocando o respeito acima de tudo. Mas quando se tratava de artistas, mulheres de circo e tantas outras, ele colocava toda a sua simpatia a favor da conversa e certamente ia além disso.

Havia um "porém": Olegário era casado e pai de três filhos. O mais velho, já com 25 anos, a moça de 20 anos e a caçula de 5 anos. Almerinda, sua esposa, era uma pessoa muito simples e reservada, totalmente dedicada à família, que amava com todo o ardor de seus 40 anos. Olegário, aos 45 anos, parecia mais jovem por sua vida de viajante, sempre alegre e disponível. Moravam numa cidade do interior, quando ele resolveu, tendo visualizado um futuro melhor, mudarem-se para a capital.

Foi então que algumas coisas começaram a acontecer.

Mudança é sempre um novo ritmo de vida das pessoas.

O filho, Luís, trabalhava como cobrador de passagens na estrada de ferro Vitória-Minas, de onde retirava uma quantia mensal e ajudava a família.

A outra filha, Lúcia, fazia pudins, bolos e salgados, que levava para vender diariamente na estação, aos passageiros do trem. Dali retirava um dinheiro para participar também com o orçamento da família.

Só a mãe, Almerinda, e a pequena Lourdes não trabalhavam, mas Almerinda dedicava-se ao lar e ajudava Lúcia a fazer os quitutes que vendia.

Tiveram de abandonar tudo para se mudarem. A pequena Lourdes, que adorava colecionar pedras coloridas encontradas nas

areias do rio que passava nos fundos de sua casa, foi forçada a jogá-las fora, porque o pai achava bobagem carregar peso inútil. Mal sabia ele que ali, talvez, deveriam estar contidas algumas preciosidades como esmeraldas, topázios, ametistas, etc. O rio das Velhas, esse era o nome do rio, era rico em pedras preciosas na época. Mas todos obedeceram a destinação de irem para a capital, pensando ser o pai aquele que sabia o que estava fazendo para o bem de todos.

Despediram-se da pequena cidade, dos vizinhos, dos amigos, de tudo e foram a recomeçar suas vidas num lugar enorme e desconhecido. Entretanto, poderiam ter chance de progredir, de estudar, de trabalhar ganhando um pouco mais. Essas, pelo menos, são as expectativas de todos quando trocam sua vida, sua estabilidade, tudo o que construíram por algo novo, desconhecido.

Mudança de vida, mudança de hábitos, mudança de tudo. Mas o que ficou e até hoje perdura na memória da pequenina, hoje adulta, é: "Por que não pude trazer as minhas lindas pedras?" e uma lágrima de saudades reflete em seus olhos claros…

REVIRAVOLTA

Meu nome, desde pequeno, me causava constrangimento: Rosivaldo, aquela mistura de Rosilda (minha mãe) e Osvaldo (meu pai).

Aí começaram os apelidos tipo: Ro, Vado, Branco (eu era loiro) e eu, como sempre, aceitando o que vinha. Eu era extremamente tímido, o que me fazia ser ignorado pela maioria das pessoas que cruzavam meu caminho. Isso me proporcionava uma certa comodidade por não ter que falar muito, explicar coisas que eu não queria, mas ao mesmo tempo minha comunicação com o mundo através da fala ficava prejudicada a ponto de acharem que eu era mudo.

Nos primeiros anos de minha vida, fui muito acomodado a essa situação, porque não precisava me expor ao mundo, que pra mim era desconhecido e muitas vezes cruel. Ao mesmo tempo, era interpretado como idiotizado ou um coitado que não sabia das coisas e nem conseguia olhar nos olhos das pessoas. Eu não ligava pra isso, porque sempre foi mais cômodo ser ignorado do que ter que participar ativamente de qualquer situação que eu não queria.

Na escola, eu preferia ficar nas primeiras carteiras, porque os mais levados, afoitos, ficavam atrás pra puxar as tranças das meninas, ou rabiscar o caderno dos outros. Eu não queria esse confronto: como disse, eu era tímido e tinha medo de chorar e ser pichado de "maricas" como chamavam os meninos mais educados ou tímidos na época. Mesmo assim, alguns colegas mexiam comigo, me provocando, batendo a régua na minha cabeça. Mas eu, então, olhava pra esses de uma forma assustadora, fixando meus olhos verdes nos semblantes deles, quando viam claramente uma atitude de "fera", de tigre e assim, não sei se por temor ou por não achar que valia a pena, me deixavam temporariamente em paz.

Eu era considerado um garoto inteligente pelos adultos mais esclarecidos; minhas notas nas avaliações eram sempre altas, só era mais deficitário em Educação Física, porque, em vez de futebol, preferia ir para a biblioteca escolar para folhear e até ler alguns livros que eu achava interessantes. Fui pra escola já alfabetizado, pois meu pai lia os jornais em casa na minha frente e eu, muito interessado, comecei a ter acesso à leitura comparativa com as imagens postadas no jornal. Conforme a foto, eu entendia perfeitamente o que estava escrito já que o alfabeto eu sabia de meu próprio interesse pelas letras. Foi assim que encontrei um caminho, meio solitário, para minhas divagações e interesses pessoais, a leitura.

Minha mãe, pessoa simples, do interior que antigamente chamávamos de "roça", sentia uma felicidade imensa quando eu lia para ela (era analfabeta) e eu fazia isso com muito prazer, sentindo-me útil, valorizado e esquecendo-me do principal: ensiná-la a ler

e a escrever. Só mais tarde me culpei por isso, pois, na época, eu não tinha muita noção da importância disso. Meu pai, Osvaldo, era muito popular, lia e escrevia bem, tinha o dom da comunicação, o que nos serviu de sustento familiar, pois ele era comerciante. Vendia mercadorias avulsas a pedido dos clientes, até abrir um armazém de secos e molhados. A família ajudava no trabalho, revezando-se no balcão, pesando as mercadorias, cuidando do caixa, etc.

Minha vida toda foi e tem sido de trabalho, mas com a diferença de que eu consegui estudar bastante, me tornando um intelectual de certo renome e dali retirando o posterior sustento de minha nova família, tendo me casado com uma moça muito faceira, falante e esperta, além de uma boa aparência física. Era bonita, carinhosa e tivemos cinco filhos ao longo de muitos anos de casados. Tudo ia bem e de acordo com o chamado "destino", até que um dia, depois de nossos filhos já adultos e encaminhados na vida, decidimos nos separar.

Eu não era mais aquela pessoa tímida, discreta: mudei.

Por necessidade de me colocar no meio da sociedade culta, deixei de lado alguns conceitos e preconceitos como: falar baixo, por ser educado, não fixar o olhar nas pessoas por parecer petulante, rir contidamente para não chamar a atenção em mim. Deixei, sim, tudo isso para trás, porque na minha profissão de comunicador eu precisava exatamente do contrário: falar em tom mais alto, sem, no entanto, gritar; fixar, sim, meu olhar em pessoas, para que essas sentissem a necessidade de se expressar e participassem comigo de palestras interativas e perguntas objetivas e rir, sim, alto e em bom tom, se o momento fosse adequado para tal. Minha vida mudou.

Pessoas que pareciam antipáticas, na verdade eram diretas, e quando as conhecia de verdade, eram excelentes na conversa, na comunicação e até no coração. As que eram também tímidas e às quais dávamos a oportunidade de se expressar, cresciam interior e exteriormente, colocando suas opiniões e falas. E quanto a rir, trata-se de uma catarse, um modo aberto de colocar para fora a

alegria, o compartilhamento total.

Sempre irão existir diferenças entre os seres humanos. O que todos precisamos entender é que ouvir o outro, aceitar o que ele é de verdade, auxiliar no que for possível, é dever de todo ser humano consciente.

Estou feliz e, se me perguntarem a receita, aí vai:

- Seja você mesmo, com seu interior, pois está aqui para aprender e ensinar.

- Seja paciente: nada se consegue na correria; só se você for atleta de corrida.

- Seja honesto: nada se ganha às custas de outros, só pelo seu esforço consegue.

- Seja atento em tudo: chega primeiro quem presta atenção aos acontecimentos.

- Seja persistente, não desista de seu sonho, de sua vida, de seu aprendizado.

- Seja bom, seja sincero, seja amoroso, seja parceiro, seja o que é ou aprendeu.

- Seja o "Eu sou o que eu sou".

Agradeça por tudo: esse é o caminho do aprendizado, para chegar ao destino final.

Ah! E não se esqueça de gostar de si mesmo e de seu nome. O meu nome é Rosivaldo.

BISMAEL B. MORAES

MEUS PENSAMENTOS ABSORTOS

O ÚLTIMO SAMBA

(Homenagem ao compositor popular Chico Buarque)

"Nasceu bem no pós-guerra, e jamais viu a paz.

Cresceu com seu suor, para não se arrastar.

Ergueu-se com orgulho dos que sabem ser.

Amou, dando de si bem mais do que devia.

Sentiu sua mulher com alma e corpo inteiros.

Vibrou no gozo intenso de um beijo sem freios.

Sofreu o desamor, por dar amor demais.

Buscou achar a luz, e descobriu verdades.

Notou por trás dos risos muita ironia...

Cansou de ouvir mentira em forma de promessa.

Forjou-se em seu ser uma revolta imensa.

Armou-se com a lei, mas por quem é a lei?

Privou da amizade de quem o traía.

Falou, e o seu verbo foi se distorcendo.

Tentou dizer num samba tudo o que sentia.

Perdeu a liberdade numa estrofe rara.

Cantou sua tristeza, sem ritmo e sem som.

Plantou uma semente: o samba derradeiro.

Deixou a sua marca, e desapareceu.

Calou-se para sempre, por ser justo e bom."

NA RETIRADA

(Homenagem ao compositor popular Geraldo Vandré)

"Tô cansado de lutar. Sertanejo também cansa.

Tanta fala já ouvi, tanta fala sem sustança,

Que, parece, até perdi minha fé, minha esperança.

Não sou de desanimar e não fujo de careta,

Mas a coisa ficou preta... No sertão falta luar...

Lutar contra o que não vejo, mas sabendo que existe,

O meu braço não resiste... Tá sumindo o meu desejo

De cavar e de carpir, de ver muita plantação...

Café, milho, algodão, arroz, feijão, e sorrir!

De seu Fulano ou Sicrano, eu escuto, o ano inteiro,

Que vem ajuda e dinheiro, mas, no fim, só desengano...

Rio é sabido e contorna rochas, montanhas, barreiras...

Vou fazer a vez dos rios e deixar dessa besteira

De malhar em ferro frio, pois só arranjo canseira.

Remédio pra minha dor é correr pra Capital,

Que tem até hospital, edifício, elevador...

Vou vender minha cabrita, depois, juntar meus teréns

E partir, de carro ou trem, já que ninguém me acredita.

Vou ganhar muito dinheiro! Só não tenho profissão...

Mas, com essas duas mãos, dou servente de pedreiro.

E, se a sorte me ajudar, quando eu chegar à cidade,

Com mais oportunidade, eu posso até enricar!”

MUNDO VERDE (AMAZÔNIA)

(Homenagem ao maestro e compositor popular Tom Jobim)

"Sou pioneiro da Terra, no tempo da Lua.
Sou convidado e convido que tenha amor,
Para evitar a tragédia do Século Vinte,
Pois é urgente parar tanta destruição!
Um forte avanço, de ferro e de aço,
Procura rasgar, bem no meio da mata –
que é fonte da vida –, imensa clareira,
Por onde os homens, sem fé, passarão...
E a mais cobiçada das noivas do mundo,
Vestida de verde, virgem como é,
Espera, silente, sem se defender,
A serra, o asfalto, a poluição...
Os loucos unidos irão dizimar, em tom de vitória,
Em toque de artéria, para todo sempre, mil frutos de paz,
Querendo banir a crença no futuro, então...
Vou abrir minha jogada, pra salvar o mundo verde.
Nossa sorte está lançada, pra salvar o mundo verde.
E agora é tudo ou nada, pra salvar o mundo verde.
Não há terra habitada, sem salvar o mundo ver!"

UM ADEUS DE PÓ

(Uma crônica sem verbo, aos amantes da língua portuguesa, publicada originalmente no jornal “Folha de S. Paulo”, em 18/9/1966)

“Num mais que repentino instante, como por excelsa magia do destino, ao alcance dos meus olhos, você – superlativo do belo em forma de mulher, sonho real dos meus sonhos de incerteza. Um olhar, um simples sorriso seu, e quase um sem-fim de ansiedade em mim. E, com a coragem em covarde fuga, o coração – este músculo sensível ante o amor, esta forma de poemas em verso ou prosa – meu único sustentáculo. Um feliz e oportuno pensamento em mim: com estes braços vazios em tom de espera, e meu eu de corpo inteiro em fogo interno, por que distância?

Sim, mas... E a sombra do insucesso por recusa em tal momento? Ora! Morte à sombra num dos seus voos rasantes! Pois... Derrota antes da luta? Nunca! Fim às sementes de mil erros idos! Uma busca ao imenso arquivo cerebral, e um divinal conselho à luz: para indecisão, fel, temor, angústia, solidão, revolta interior: amor – o melhor remédio. Amor! Ah! Que gostosa invenção da Natureza! Longe de mim os sem amor!

E, após essas exclamações afoitas, eu, um sentimental perpétuo, com uma chuva de palavras de amor sem verbo, todas sobre você, em busca de um sim. Em minha mente, plurais de fantasias com imagens suas; em você, beleza demais para um só cristão. Aí, uma pergunta: para que tanta beleza sem comando oposto? Então, dos seus lábios rubros e em sorriso franco, o som maravilhoso de um suave sim às minhas pretensões.

Agora, meu coração em pulsações ligeiras, numa extasiante alegria. De mim, incontinenti, um turbilhão de frase em jorro contínuo, assim: "Antes de você, ninguém. Deste momento e para sempre, mil e muitos desejos meus em suas mãos. – Engraçado... Eu – o sentimento em pessoa –, após quase uma existência de muita melancolia e pouco riso, neste já de tempo, em súbita festa pelo seu amor".

Esse o começo dos sonhos semirreais de um amor com feições crescentes; porque, depois, somente lágrimas incontidas num final tristonho. Você – paixão cristalizada em mim –, hoje, por barreiras de um mundo insensível e por tabus e convenções inconcebíveis, longa de tanto amor ao nosso alcance, muito estrela e muito alta para nada mais do que um homem!

Ontem, em meus braços, uma imensidão de felicidade; agora, uma tempestade de tristeza em meus olhos. Por imposição deste muro de preconceitos e concepções errôneas, um gosto a menos e um desgosto a mais. De quase um Universo de venturas à palma da mão, só uma realidade amarga: distância, ao invés de abraços entre dois corações famintos de amor.

Hoje, no fim da longa vereda da vida, ainda pela saudade desse lindo sonho, vezes latente em meu peito, vezes exposta em meu rosto, com as horas em forma de séculos, antes do último sopro, um derradeiro olhar ao sem regresso, num adeus de pó à meditação!

DARLAN ZURC

UM ENGANO CHAMADO MODO DE PRODUÇÃO[1]

A teoria marxista agrupou a história europeia (e depois a de todas as civilizações) em etapas que se sucederiam até chegar ao comunismo. Essa taxonomia deu tão certo, ainda que a morte do seu inventor esteja completando agora 140 anos, explicou tão facilmente uma suposta face do real, que parece encarnar a própria verdade.

O conceito de modo de produção, criado por Karl Marx (1818-1883), baseia-se na premissa segundo a qual, em determinadas épocas da história, um tipo de relação econômica é hegemônico, desenvolve-se por um tempo perante outros possíveis e define a sociedade e a cultura. Como a economia, que é a infraestrutura para esse esquema de interpretação, delimita as caracte-

---

[1] Publicado originalmente no livro do próprio autor *A fúria de papéis espalhados* (São Paulo: Scortecci, 2020, págs. 57-61).

rísticas da superestrutura (as manifestações culturais), ele, Marx, auxiliado por Friedrich Engels (1820-1895), estabeleceu que, para a Idade Antiga (4000 a.C.-476 d.C.), o modo de produção é o escravista, para a Idade Média (476-1453) é o feudal e, para as Idades Moderna (1453-1789) e Contemporânea (1789 até hoje), é o capitalista, sendo este último com diferenças de intensidade de uma Idade para outra. Enquanto na Modernidade teríamos a acumulação primitiva de capital — quando cercar campos, explorar de forma indistinta povos colonizados e escravizar uma parte eram ocorrências comuns —, na fase Contemporânea o capitalismo adquiriu a condição de adulto e apareceu já industrializando e jogando (ou querendo jogar) na lixeira do tempo a origem agrícola e rudimentar do planeta.

A civilização europeia ganhou a partir dessa ideia, assim acreditava Marx, um instrumento de fato científico de análise do seu passado e, claro, do seu presente. Ele teria inventado uma sonda que, uma vez rompendo a resistência de uma superfície desconhecida, de uma incógnita que é o organismo social, extrairia daí as informações necessárias ou levaria para a própria sociedade a luz que afugenta a ignorância.

Embora seja considerado um dos pioneiros na criação das ciências históricas e tenha ajudado de modo considerável nos estudos de economia, suas teses se assentavam e se assentam ainda naquilo em que os pensadores do século XIX, com pouquíssimas exceções, também sustentaram seus argumentos: o materialismo. O método materialista em Marx era diferente, mas era materialismo.

O tempo, que, por causa dos marxistas, se encarregou de restringir outras interpretações históricas, hoje está se dedicando a

erguer o mausoléu do próprio marxismo. A teoria que subscreveu a cultura do século XIX quando, entre outras coisas, anunciou a morte de Deus, envelhece igual a suas concorrentes, tipo o weberianismo e o liberalismo. Se bem que Deus, conforme havia escrito o romancista sueco Lars Gustafsson, "dorme há vinte milhões de anos num canto distante do universo". A Astronomia diz "vinte bilhões". Contudo, isso é assunto para outro artigo.

Segundo os manuais marxistas, as revoluções inglesa (século XVII), americana e francesa (ambas do XVIII), para ficar naquelas primeiras que fizeram diferença no mundo, foram todas burguesas. Sob o olhar do marxismo, não poderiam ser vistas de outra forma: se a Idade Moderna surgiu foi porque a infraestrutura capitalista começara a ditar as regras. Como não existe capitalismo sem burguês, da mesma maneira que Fada Azul não é Fada Azul de fato sem a varinha mágica, tais revoluções, que são posteriores à etapa inicial da Modernidade e decisivas para a economia da época, só podem ser burguesas.

Estudos relativamente recentes, trabalhos mais monográficos que ensaísticos, mais específicos e menos generalizantes que os dos "marxistas primitivos" e daqueles de uns trinta anos atrás ou mais — adicionando exemplos brasileiros —, notaram que a sonda Mars Observer (ou seria "Marx" Observer?) não vasculhou as profundezas tal qual tinha falado. Avançou até onde foi possível ou até onde queria.

Quem folheia, mesmo não sendo monografia, um livro como A força da tradição (trad. Denise Bottmann, São Paulo: Companhia das Letras, 1987), de Arno Mayer — sem citar as obras que ganharam vida para, em essência, atacar os fundamen-

tos filosóficos e (supondo que existem) científicos do marxismo —, sente em parte o cheiro necrosado de um corpo intelectual, comprovando inclusive que, segundo bem pontificou o Manifesto comunista (1848), com certeza "tudo que é sólido se desmancha no ar". Ainda assim, o professor Mayer, que foi e permanece materialista e muito influenciado por Marx, é sujeito inofensivo, não quer e não tem a ferocidade crítica de um Raymond Aron.

A tese de A força da tradição é a de que o Ancien Régime (Antigo Regime) era a forma de organização desde o final da Idade Média, levou um pequeno golpe na Revolução Industrial, prolongou-se pelo século XIX todo e, lutando contra as forças modernizantes da sociedade, deu origem à I Guerra Mundial. Para Mayer, capitalismo de fato existiu apenas a partir da primeira metade do século XX, embora os impulsos econômicos do século anterior tenham sido decisivos. Além dos dados sobre a economia dos principais países, Mayer entra na Filosofia da época, analisa sistemas como o de Friedrich Nietzsche, mapeia a importante existência do irracionalismo e mostra a força do conservadorismo e dos signos criados pela tradição do Antigo Regime (ou criados antes desse período). Tudo isso para provar, das estatísticas à cultura letrada, que a Europa pouco mudou entre o fim da fase medieval e o início dos anos de 1900.

Em outro livro, a exemplo do que foi escrito por Adeline Daumard, Os burgueses e a burguesia na França (trad. Antônio de Pádua Danesi, São Paulo: Martins Fontes, 1992), qualquer um observará de cara que a burguesia aparece na história a partir do século XIX, ao contrário de ter sido entre os séculos XIV e XVI, segundo se imagina.

Aquele que vislumbra esse fato revelador das pesquisas recentes pode descobrir também, em efeito colateral, uma grande

pedra de incongruência no caminho marxista: um curioso artigo de Christopher Hill, "Uma revolução burguesa?" (publicado na Revista Brasileira de História, trad. Luiz Antonio de Almeida, São Paulo: Anpuh e Marco Zero, n.º 7, março de 1984). O texto nada recente é uma tentativa frustrada de preservar o conceito de modo de produção quando a realidade diz o contrário.

Acuado diante da evidência de que a interpretação marxista da história se enganara num ponto central, ele apareceu com um paliativo que pouco melhora a ferida purulenta. A solução de Hill foi propor que, se a burguesia não estava presente e dominando a cena enquanto cabeças rolavam e enquanto ocorriam batalhas e conflitos rurais na Idade Moderna, pelo menos ela é a principal beneficiada. Conclusão: se houve esse benefício, então as revoluções foram burguesas. Porém, imagine que belo raciocínio: um ato será definido mediante a apresentação de quem usufruiu dele e não de quem o praticou. É claro que isso é papo-furado. Ao José machucar seu dedo, e Maria, sem nada influenciar no ocorrido, rir dele, então ela é a responsável pelo machucado de José, pois tirou proveito rindo? Ou seria o farmacêutico, pois ganhou vendendo esparadrapo e pomada?

Supondo por um momento que o raciocínio ad absurdum de Hill esteja coerente, é só dobrar a esquina que aparece a contradição gigantesca com seu pai intelectual e com ele próprio. Ora, o marxismo sustenta que a escatológica história criará os meios de surgimento do comunismo a partir da evolução natural da sociedade e das falhas e esclerose do modo de produção capitalista (além de uma pequena fase socialista logo depois dele). Tem-se como algo sem escapatória: uma etapa sucederia a outra. OK. Pensando agora na linha de Christopher Hill, pode-se deduzir que, na

realidade, as tais revoluções burguesas, que não são burguesas, seriam revoluções comunistas (sic) uma vez que, em termos evolutivos, concorreram para o aparecimento e a maturidade do modo de produção capitalista, o qual — após o seu inevitável esgotamento (imaginado por Marx) — permitiria, sem querer, a gênese do comunismo.

No fim, o que era burguesia já não é mais porque não havia burguês, mas pode ser burguesia, pois ela teria sido ajudada pelo movimento revolucionário acontecido séculos antes (como quer Hill). E, de modo infinito, pode ser comunista porque, em longo prazo, auxiliaria o comunismo. Pode ser, da mesma forma, socialista porque o socialismo seria implantado por completo antes do comunismo e..., enfim, lá se vai Inês de Castro morta.

A falha conceitual em questão demonstra algo que ultrapassa uma indeterminação cronológica. Abalado está — e há tempos — o paradigma marxista de definir o processo da história. Inclusive, o materialismo histórico e o dialético não saem ilesos diante de uma imprecisão sobre séculos e fatos e diante da fragilidade de determinados fundamentos seus (nos quais também estão em jogo terminologias cruciais: revolução, infraestrutura, ideologia, luta de classes e outras).

A ideia de modo de produção tem tudo para ser o que não é e não ser o que é. Ou seja, virou um paradoxo. Sendo assim, nessa barca furada, seu sentido tende a se constituir em coisa nenhuma, em nada, em um engano.

ELAINE PATRÍCIA MALTEZ SOUZA FRANCESCONI

Acadêmica Honorária

INDO EMBORA

Foto: terceiraidademelhor.com.br

Sim eu sei.

Indo embora é redundância, mas é exatamente a ênfase que quero dar a esse assunto.

Hoje, mais experiente, agradeço a todas as experiências que me trouxeram até aqui, pois sem elas não reconheceria as oportunidades e mal saberia o que, realmente, significa “prioridade”.

Momentos.

Estes são as minhas reais prioridades.

Aqueles momentos em que ouço meus filhos contando estórias ou histórias. Tudo o que eles têm para me falar são minhas prioridades.

Aqueles em que ouço algo engraçado ou engrandecedor. Só esses são priorizados. Conversas fúteis já não fazem mais parte das minhas interações.

Momentos de olhares e mãos entrelaçadas que podem evoluir para abraços. Esses são especiais.

São muitos momentos.

Com o passar do tempo, aprendi que até os momentos de tristeza são joias a lapidar, pois lapidamos a dor, tiramos os excessos e ficamos apenas com as boas lembranças, com aquela sensação quentinha no peito, de amor, de saudade.

Um desses momentos, misto de dor e felicidade, é aquele quando estou com a minha avó, “Dona” Maria Magdalena.

Uma palavra resume essa mulher: coragem.

Assim como tantas de sua geração, o início da revolução feminina, quando as mulheres já não aceitavam mais tantas coisas sem reclamar, ela decidiu colocar o marido alcoólatra para fora de casa, pois cansara de vê-lo "beber" o pouco dinheiro que ela ganhava, com um esforço tremendo, para sustentar quatro filhos e a bebedeira do marido.

Não foi moleza para a D. Maria.

E não está sendo moleza.

Há cerca de três anos foi diagnosticada com Alzheimer e, há três anos, percebo ela indo. Indo embora.

Ainda são os mesmos olhos azuis. A mesma pele branquinha. Os mesmos cabelinhos brancos. Os mesmos dedos grossos. O mesmo sorriso simpático. Mas ela já não está mais entre nós.

Ela foi para um lugar melhor, onde ela é mais feliz e grata a tudo e a todos. Ela não lembra da vida dura que levara, das noites insones com as quatro crianças para alimentar que dependeram exclusivamente DELA.

Ela sorri mais. Gosta de nos ver sorrir. Fala coisas engraçadas, não necessariamente para nos ver sorrir, mas porque gosta do efeito que provoca em nós.

Ao mesmo tempo, esquece onde está, não reconhece seu lar de mais de 30 anos, não entende que a comida no prato à sua frente é sua, não reconhece filhos e netos, nem de como traçar a rota do banheiro ao quarto.

Certa vez cismou que ia embora para a sua casa. Arrumou uma malinha com duas calcinhas e uma camisola e se encaminhou para a porta. “Vou embora. Essa não é a minha casa”.

Foi um perrengue convencê-la a ficar.

Outra vez, entrou no elevador junto com a minha mãe e se assustou ao olhar no espelho. Virou-se para a minha mãe e perguntou: “Quem são essas duas velhas horrorosas?”.

Outro dia não sabia escrever o próprio nome.

Coisas da doença.

Mas uma certeza eu tenho: ela sente um orgulho imenso dos filhos que criou (quase) sozinha (minha bisavó Valentina e seus filhos ajudaram muito na época), porque, em meio a tantas dificuldades, são pessoas íntegras, batalhadoras, leais e muito unidas.

Eu sei que está lá. Amor não some, não desaparece. Tenho certeza, em algum lugar estão guardados nossos nomes, nossas histórias. Têm que estar.

Se pensarmos bem, todos nós estamos indo, dia a dia, em direção à morte, desde que nascemos. Um caminho sem volta, às vezes com lombadas, desvios e encurtamentos, mas nunca com retorno.

Entristece-me observar o passo a passo dela indo. Indo para aquele lugar que tememos, pois nos é desconhecido.

Por outro lado, sou imensamente grata por ter a oportunidade de vê-la indo.

Sentimentos quase dúbios e contrastantes, mas é a mais pura verdade.

Recentemente, meu filho mais novo, Vinícius, ficou muito triste (na verdade, todos nós estamos muito tristes) ao saber que, o avô Nelson, há 25 anos com sequelas de um Acidente Vascular Encefálico (AVE), que o deixou hemiplégico (do lado direito), teve uma piora significativa, devido a um tumor cerebral que está evoluindo rapidamente.

Ele contou-me sobre a sua tristeza e eu respondi baseada em nossas crenças. Somos espíritas, e o espiritismo é chamado "o consolador" porque ele nos dá uma perspectiva consoladora a respeito da separação da morte, entre outros temas, mas o alertei que ele não fornece uma fuga da dor da perda.

Passamos pela dor, pelo luto, como todos. Sofremos igualmente a dor da separação, mas entendemos o processo, a necessidade do ciclo da natureza.

Meu sogro também está indo embora.

Meu pai, há 21 anos, e meu avô Walter (16 anos atrás), que morreu de enfisema pulmonar, foram embora lentamente.

Outras pessoas queridas foram abruptamente, como meu padrinho Alberto, há mais de 20 anos, e meu tio Carlito, há 17 anos. Foi como se tirassem um pedaço do meu estômago e do coração ao mesmo tempo.

Repentino. Dramático. Uma ruptura dolorida.

Ir embora devagar ou lentamente, dói sim. Dói muito.

Não sou muito experiente, mas a pouca experiência que tenho nisso me diz: trate cada dia como se fosse o último e as pessoas como se fossem as únicas no seu mundo, esteja perto ou longe.

Isso vai definir como você sentirá saudade deles: com angústia, remorso, gratidão, inconformismo ou revolta…

Ainda não está na hora de me despedir, mas, cada vez que encontro a minha avó, celebro os minutos que ainda temos juntas e procuro guardar cada olhar, cada risada, cada gesto, cada abraço e assim tenho feito com todos ao meu redor, porque, aceitando ou não, todos estamos indo.

Para encerrar, uma mensagem do nosso querido mestre Chico Xavier:

“Gostaria de dizer para você que viva como quem sabe que vai morrer um dia, e que morra como quem soube viver direito.”

FÁBIO CARDOSO DOS SANTOS

TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI

INTRODUÇÃO

Século XXI, o mundo está no auge da Globalização social, econômica e cultural. O planeta inteiro está conectado em tempo real. Os avanços tecnológicos movimentam imensurável quantidade de informações sobre tudo e todos. É o tempo das incertezas e das infinitas exigências para os seres humanos. O conhecimento está disponível para todos, mas, se faz necessário profundidade no conhecer e na utilização desses conhecimentos. A validade de tudo se expira com rapidez e a atualização precisa ser constante.

O frenesi da tecnologia atinge a sociedade nas relações coletivas e no mercado de trabalho. A humanidade passa por uma mudança de paradigma que precisa ser avaliada, principalmente a área da Educação, que tem como função formar e preparar pessoas para a vida em sociedade. Esse preparo abrange os princípios político, ético e estético, tornando fundamental tratar de questões que edifiquem uma sociedade mais tolerante, mais plural e mais solidária. A

tecnologia apresenta ferramentas que aproximam as diferentes culturas, com costumes e organizações coletivas que, além de serem conhecidas, precisam ser também respeitadas.

Assim, este capítulo propõe uma reflexão sobre a Tecnologia e a Educação no Século XXI, como essas ferramentas precisam ser parte do cotidiano escolar de modo inclusivo nesta sociedade global, entendendo a simbiose dos universos virtuais e físicos, como espaços que se comunicam por meio de tantos dispositivos e aplicativos.

As Tecnologias Digitais não podem ser alijadas dos espaços escolares; porém, têm que ser pensadas primeiramente pelos docentes para que esses recursos sejam de fato benéficos ao processo de ensino-aprendizagem e na formação integral dos cidadãos. Diante de tantas informações e de tantos recursos, deve-se pensar em meios de preparar todos para esse contexto tecnológico, professores e alunos precisam entender esse movimentado século com tantos meios para obter informações e de tantas formas de comunicação.

> A Internet é uma mídia que facilita a motivação dos alunos pela novidade e pelas possibilidades inesgotáveis de pesquisa que oferece. Essa motivação aumenta se o professor cria um clima de confiança, de abertura, de cordialidade com os alunos. Mais que a tecnologia, o que facilita o processo ensino-aprendizagem é a capacidade de comunicação autêntica do professor de estabelecer relações de confiança com os seus alunos, pelo equilíbrio, pela competência e pela simpatia com que atua (MORAN, 2000, p. 53).

A mundialização das informações apresenta nas mídias digitais as diferentes culturas de modo rápido, às vezes com informações simplificadas e descontextualizadas, exigindo assim do leitor muita cautela para conhecer, analisar e aprofundar com respeito e tolerância, saber diferenciar seus próprios valores do que é entendido e adotado como valor para o outro. A reflexão sobre quem sou e quem é o outro é fundamental e precisa ser tratada nas escolas, num exercício diário para entendimento das complexidades sociais e as inevitáveis mudanças. Exercitar a vida nessa sociedade efêmera pode ser iniciado na própria organização escolar, na organização

dos conteúdos, nas metodologias aplicadas em sala de aula, nas relações interpessoais e no uso dos espaços de convivência, enfim, entender a importância das regras e construir no coletivo de um conceito de disciplina para o grupo.

A Educação é a área que sempre se ocupou da formação e do preparo das novas gerações para a vida adulta. Cada sociedade, em seu tempo e espaço, preparou suas crianças e jovens para viver numa estrutura já pronta e não é diferente neste momento, não é a função da escola em formar e preparar pessoas que está em questão e, sim, o contexto social que se transformou em grau acelerado, em parte pelo avanço exacerbado da tecnologia e em parte pelo próprio entendimento sobre a vida humana, sobre os direitos em participar da sociedade ser de todos.

Com os avanços tecnológicos, a escola também está diversificando o modo de atender os estudantes. Antes, a modalidade presencial era a única organização conhecida: a escola recebia crianças e jovens e cuidava da sua formação. No entanto, esse modelo não é mais único, a modalidade EaD - Educação a Distância é uma realidade, a escola pode também se organizar com as ferramentas digitais e em diferentes ambientes virtuais preparar o aluno. O desafio maior está na inserção dessa tecnologia como ferramenta facilitadora da aprendizagem, como recurso presente no coletivo que quando inserido na sala de aula aproxima o aluno do mundo real. Então, pensar no âmbito escolar todo esse contexto social e todas as inovações tecnológicas é o ponto nevrálgico da reflexão.

1 - AS NOVAS PROPOSTAS DE EDUCAÇÃO: PRESENCIAL E A DISTÂNCIA - EaD

A Educação sempre foi palco de debates. Educar, formar e preparar são termos diferentes e que geram discussões de como e de quem são as responsabilidades em auxiliar a criança a chegar na vida adulta, de modo que aprenda a conviver em sociedade como um membro útil no coletivo. Para essa tarefa, além da família é também função da escola ajudar nessa jornada, com um trabalho

sistematizado como afirma no Artigo 1º da LDB, nº 9394/96[1]: "A educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana tem por finalidade o desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho".

Portanto, é no entendimento dos objetivos de oferecer escolaridade desde a infância para o preparo do cidadão que se origina a necessidade dos debates e do modo que essas crianças e adolescentes estão sendo formados, se a escola está mesmo preparando os estudantes para a vida em sociedade, e se está claro para as instituições que as habilidades e competências são responsabilidades da escola em ajudar a desenvolver.

A pergunta necessária para esse momento é se as tantas mudanças na sociedade estão sendo acompanhadas e trabalhadas em sala de aula. Para essa questão a resposta para as escolas está na urgência da saída dos debates dos textos de leis, e na ação docente redefinindo as propostas pedagógicas de modo que atendam às necessidades de orientar os estudantes na atualidade. Entender que a sociedade mudou e que a Educação sempre foi pensada para atender à demanda de cada sociedade como mencionou o sociólogo Émile Durkeim:

> A educação tem variado infinitamente, com o tempo e o meio. Nas cidades gregas e latinas, a educação conduzia o indivíduo a subordinar-se cegamente à coletividade, a tornar-se uma coisa da sociedade. Hoje, esforça-se em fazer dele personalidade autônoma. Em Atenas, procurava-se formar espíritos delicados, prudentes, sutis, embebidos da graça e harmonia, capazes de gozar o belo e os prazeres da pura especulação; em Roma, desejava-se especialmente que as crianças se tornassem homens de ação, apaixonados pela glória militar, indiferentes no que tocasse às letras e às artes. Na Idade Média, a educação era cristã, antes de tudo; na Renascença, toma caráter mais leigo, mais literário; nos dias de hoje, a ciência tende a ocupar o lugar que a arte outrora preenchia (DURKEIM, 2010, p. 42).

[1]BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9394/96 de dezembro de 2006. Art. 1º.

Como a Educação sempre atende às necessidades sociais, o que está em questão no momento é essa sociedade globalizada que compartilha das tecnologias digitais, abrindo todos os espaços e organizações para a participação pública. Nada é totalmente particular: o modo de vida e as informações estão em evidência. O desafio agora é o preparo do estudante para conviver nesse contexto no qual é tão valioso ter discernimento para selecionar as tantas informações, tanto a que recebe quanto a que informa, que saiba avaliar e com racionalidade tomar decisões, que se responsabilize pelas escolhas, que respeite as decisões do outro e entenda que todas as mudanças pessoais só acontecem se estiver participando e que a chave para o sucesso profissional está em aprender sempre. Enfim, a escola precisa preparar pessoas autônomas, com iniciativa e atuantes no coletivo.

Portanto, a escola precisa reorganizar seus espaços formativos para atender essas crianças e jovens que nasceram nesta sociedade tecnológica e os professores em suas aulas ter uma postura mais mediadora, possibilitando que todos os alunos possam vivenciar experiências utilizando conhecimentos que advêm dos conteúdos em resolução de problemas; ou seja, os conceitos precisam ser reconhecidos pelos educandos como facilitadores em seu dia-dia.

Pensando então nessa Educação, são controversas as propostas que defendem "novos modelos" para a educação. Nessa sociedade movimentada pelas tecnologias digitais não há espaço para modelos e, sim, para construção de conhecimentos, para a adaptação de comportamentos e atitudes em situações adversas. Portanto, os modelos não têm espaço num contexto de mudanças e adequações. O professor precisa adequar metodologias mais ativas a cada aula, a cada turma e a cada conteúdo.

A possibilidade da aprendizagem ser mais ativa está no sentido que cada estudante atribui quando a utiliza. Então, o professor mediador é aquele que auxilia no desenvolvimento de habilidades, ou seja, ajuda o aluno a entender como pode resolver obstáculos reais da sua vida com o conhecimento, com o conteúdo que está sendo trabalhado. É a resposta para as famosas interrogações. Para que serve, ou onde usarei esse conteúdo?

A proposta de Educação que atenda a Sociedade é de inserção dos recursos disponíveis na própria sociedade. As ferramentas tecnológicas e as linguagens digitais devem estar presentes nas escolas como aliadas do professor.

> Dentro de uma nova pedagogia que acolha metodologias de ensino com o uso das TIC's, além da facilidade e da qualidade de informações que se tornam disponíveis e das inúmeras possibilidades de um processo de aprendizagem interativo/construtivo, espera-se contribuir para a autonomia intelectual do aluno. Ao adaptar-se ao uso das tecnologias, ela poderá buscar respostas às suas próprias inquietações, e essa busca – incluindo-se aí a seleção e análise das informações, é uma das maiores contribuições que a aprendizagem pela tecnologia pode dar ao aluno (FREITAS e ALMEIDA, 2012, p. 32).

As tecnologias digitais e a internet contribuem ampliando as possibilidades de pesquisas e dinamizando o trabalho com os conteúdos. A tecnologia está à disposição dos estudantes; assim, o uso sistematizado na Educação só facilitará o trabalho em sala de aula. A orientação do professor sobre o conhecimento necessário para a compreensão de determinado assunto pode continuar acontecendo na modalidade presencial como de costume; porém, o aprofundamento dos assuntos pode estender a outros ambientes, como em casa, por exemplo.

A internet é uma infindável fonte de pesquisa, e de modo prático e rápido informações do mundo inteiro podem ser consultadas. Então, o professor não perde espaço para a tecnologia, mas auxilia os alunos a utilizá-la de modo produtivo, como selecionar informações confiáveis, como ter certos cuidados com o uso do universo virtual, para que a exposição não traga problemas. Entender que no espaço virtual todos estão expostos aos "olhos" do desconhecido é fundamental.

São orientações de segurança, éticas, legais e de uso prático que a escola pode trabalhar. Junto com os alunos, o professor também pode aprender. É notório nesse momento que...

> na sociedade da informação, todos estamos reaprendendo a conhecer, a comunicar-nos, a ensinar; reaprendendo a integrar o humano e o tecnológico, a integrar o individual, o grupal e o social. É importante conectar sempre o ensino

> com a vida do aluno. Chegar ao aluno por todos os caminhos possíveis: pela experiência, pela imagem, pelo som, pela representação (dramatizações, simulações), pela multimídia, pela interação on-line e off-line (MORAN, 2000, p.7).

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação abrem um leque de possibilidades para ofertar à Educação. Com os espaços virtuais tornou possível a Formação acontecer em diferentes modalidades. Assim, o ensino presencial cada vez mais está sendo dividido com a EaD. O ensino presencial pode ser mesclado com o ensino a distância de modo híbrido, dinamizando os espaços e tempos em Educação, com a possibilidade da sala de aula invertida, na qual a formação ocorre a maior parte nos espaços do cotidiano do aluno e encontros presenciais são reservados para sanar dúvidas e encaminhamentos de pesquisas. A tradicional educação presencial não perde espaço com a inserção das tecnologias, mas, sim, ganha outras possibilidades, as modalidades oferecidas por outras vertentes. Cada escola pode se organizar de acordo com a disponibilidade dos recursos e atender as diversidades de modos variados.

> Em muitas escolas, o ensino híbrido está emergindo como uma inovação sustentada em relação à sala de aula tradicional. Esta forma híbrida é uma tentativa de oferecer "o melhor de dois mundos" — isto é, as vantagens da educação online combinadas com todos os benefícios da sala de aula tradicional. Por outro lado, outros modelos de ensino híbrido parecem ser 'disruptivos' em relação às salas de aula tradicionais. Eles não incluem a sala de aula tradicional em sua forma plena (...). Os modelos de ensino híbrido que seguem o padrão dos híbridos estão numa trajetória sustentada em relação à sala de aula tradicional (CHRISTENSEN; HORN; STAKER, 2013, p. 3).

Uma das principais vantagens da EaD é a flexibilidade do ensino: o estudante pode organizar seu tempo de estudo conforme sua disponibilidade, também pode ampliar seu conhecimento, buscando informações além da sala de aula, de acordo com suas dúvidas e necessidades. Porém, a educação precisa ser reorganizada em toda a formação do educando. Essa tecnologia que torna possível

o acesso ao conhecimento ao tempo e necessidade do aluno só será sucesso se a formação desde o início da Educação Básica focar na formação autônoma, em que a busca pelo aprendizado seja entendida pelo indivíduo como responsabilidade própria, que a construção da aprendizagem ativa seja natural no desenvolvimento desde a infância. Assim, as Tecnologias, como recurso facilitador da aprendizagem, devem estar inseridas desde o início da Educação Básica, e as metodologias dos professores em sala de aula serem focadas nas concepções de aprendizagens ativas, ou seja, as metodologias têm que ser ativas, desenvolvendo habilidades para a responsabilidade e a busca autônoma.

Portanto, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, um documento norteador dos currículos da Educação Básica, descreve na quinta (5ª) das competências gerais, no capítulo introdutório, sobre a importância do trabalho com as linguagens tecnológicas ao longo da Educação Básica, pois a Educação deve possibilitar ao aluno:

> Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2017, p. 12).

Tendo em vista que a formação inicial auxilia no desenvolvimento de habilidades autônomas e responsáveis, a Modalidade de Ensino cem por cento (100%) em EaD e suas outras facetas em uma formação mista, como sala de aula invertida e o ensino híbrido, será não só possível como será a garantia de um ensino de qualidade. É a utilização dos recursos das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação cumprindo o objetivo de dinamizar as ações humanas também na Educação. Essa Educação inovadora passa pelas práticas dos professores, pelas inovações das suas metodologias, pelo entendimento do contexto tecnológico, como definiu BEHRENS:

> Num mundo globalizado, que derruba barreiras de tempo e espaço, o acesso à tecnologia exige atitude crítica e inovadora, possibilitando o relacionamento com a sociedade como um todo. O desafio passa por criar e permitir uma nova ação docente na qual professor e alunos participam de um processo conjunto para aprender de forma criativa, dinâmica, encorajadora e que tenha como essência o diálogo e a descoberta (BEHRENS, 2000, p. 77).

Contudo, a Educação e as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação são indispensáveis como recursos em sala de aula, assim como toda a linguagem digital que torna possível a interação dos espaços físicos e virtuais. A escola deve se aproximar da realidade social para poder auxiliar no preparo eficiente de crianças e jovens, futuros cidadãos ativos no coletivo. Como afirmou PINTO, p. 14: *"A escola deve estar predisposta a aceitar, sem dramas, os desafios de modernidade que continuamente se lhe deparam predisposição essa mais do que nunca necessária porquanto 'é hoje universalmente aceite a ideia de que uma sociedade em mutação permanente só pode aceitar uma escola em mutação também permanente".*

O que de fato torna a Educação inovadora, considerando as discussões atuais sobre educação, é a interação professor-aluno de modo que ambos aprendam a aprender. O professor tem que ressignificar suas práticas considerando-se como alguém que precisa acompanhar essa sociedade de inovações e que seu conhecimento pode ser contestado e modificado junto com os alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. A Política. (trad.) Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1998. P. 5.

BEHRENS, Marilda Aparecida. "Projetos de Aprendizagem colaborativa emergente", em MORAN, José Manuel. Novas tecnologias e mediações pedagógicas. Campinas: Papirus, 2000. P. 77.

BNCC – Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base. Ministério da Educação. Publicada em dez. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase> - acesso em: 04 de ago. 2020.

BRONOWSKI, Jacob. A escalada do Homem. Trad. Núbio Negrão. Martins Fontes. São Paulo, 1992. P. 118.

CHAUÍ, Marilena. Introdução à História da Filosofia: dos Pré-Socráticos a Aristóteles. São Paulo: Cia das Letras, 2002. P 139 – 140.

CHRISTERSEN, Clayton M.; HORN, Michael B.; STAKER, Heather. Ensino Híbrido: uma Inovação Disruptiva? Uma Introdução à teoria dos Híbridos. Trad. Por Fundação LEMANN e Instituto Península. Publicado por: CLAYTON CHRISTENSEN INSTITUTE. Mai. 2013. P. 3. Disponível em: < https://porvir.org/wp-content/uploads/2014/08/PT_Is-K-12-blended-learning-disruptive-Final.pdf> - acesso em: 04 de ago. 2020.

FILLOUX, Jean-Claude. Émile Durkheim. Trad. Celso do Prado Ferraz de Carvalho; Miguel Henrique Russo. Coleção Educadores. MEC. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. P. 42.

FREITAS, M. C. D., ALMEIDA, M. G. Docentes e discentes na sociedade da informação: A escola do século XXI; vol. 2. Rio de Janeiro: Brasport, 2012. P. 32.

KERCKHOVE, Derrick de. A pele da Cultura. Lisboa: Relógio D'Agua, 1978. P. 179.

LIMA, Venício Arthur de. Comunicação e cultura: as ideias de Paulo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 63.

MACHADO, Arlindo. As mídias são os livros do nosso tempo. In Cicília Peruzzo. A mídia impressa, o livro e as novas tecnologias. São Paulo: INTERCOM, 2002. P. 119.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, ambientes, redes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. Pgs. 77, 101.

MELLO, Maria Cristina de; RIBEIRO, Amélia Escotto do Amaral (org). Letramento: significados e tendências. Rio de Janeiro: Wak, 2004. P. 169 – 170.

MORAN, J.M. Ensino e Aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In. MORAM, J. M; MASETTO, M. T. & BEHRENS, M. A. Novas Tecnologias e mediação pedagógica. Campinas: Papirus Editora, 2020. P. 53.

MORAN, José Manuel. O Uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação na EaD: Uma leitura crítica dos meios. Palestra no evento "Programa TV Escola: Capacitação de gerentes", realizada pela COPEAD/SEED/MEC em Belo Horizonte e Fortaleza, no ano de 1999. P 7. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/T6%20TextoMoran.pdf> - acesso em: 04 de ago. 2020.

MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX: O espírito do tempo. Rio de Janeiro: Forense, 1969. P. 17.

SAMPAIO, Marisa; LEITE, Ligia Silva. Alfabetização tecnológica do professor. Petrópolis: Vozes, 2003. P. 18

FÁTIMA GILIOLI

NOITE EM FUGA

Enquanto aquele carro preto, de vidros igualmente escuros, dava muitas voltas em alta velocidade, o coração de Lia acelerava cada vez mais. Estava presa e apavorada.

Para onde ele a estaria levando? Depois de perder a noção de quanto tempo havia ficado isolada naquele apartamento com aquele homem solitário e atormentado, estava vendo abruptamente seu cativeiro ser transferido para sabe-se lá que lugar.

Vinha sendo muito bem tratada, isso era verdade. Ele quase não a tocava, a não ser para acariciar sua cabeça enquanto dormia. Mas bastava ela tentar se mover, para ele recolher a mão e se afastar. Suas mãos eram frias, tal qual seu olhar, sempre perdido, distante.

Tinha um lugar quente para dormir, comida e água à vontade. Nem sempre fora assim. Só ela sabia por quanto sofrimento já

havia passado perambulando pelas ruas. Apenas sentia-se sozinha, abandonada naqueles cômodos escuros, cuja janela estava lacrada, por onde jamais conseguiria sair, sequer falar com alguém. Se havia vizinhos, eram todos quietos, como ele. Quando a deixava sozinha, ela gritava, com todas as suas forças. Mas era inútil. Ninguém a ouvia ou se importava com seus gritos.

Quando finalmente chegam ao destino, ele a segura com seus braços fortes e ela se entrega, ainda sem saber o que estava para acontecer. Ela olha ao redor. Conhece aquele lugar. Depois de tanto bater, seu coração parece que vai saltar pela boca. Por que ele a tinha de trazer novamente para aquele ambiente hostil, perigoso, em que ela se sentia ainda mais insegura e ameaçada? Sabia que muitos dos seus já haviam sido assassinados por aquelas bandas.

Repentinamente, uma coragem nunca antes vista toma conta dela. Aproveita-se de um descuido de seu algoz. Enquanto ele troca algumas palavras com as pessoas dali, ela se solta e sai correndo, sem olhar para trás. Nem sabia muito bem por que estava tentando fugir. Não tinha certeza se queria mesmo estar livre novamente. Mas o desespero e o medo a impulsionam.

O homem grita, cheio de ódio. Corre, pede ajuda.

— Para onde ela foi? Desgraçada!

Lia é muito rápida. Mesmo com tanto tempo de vida sedentária, ainda mantém a agilidade e esperteza de sempre. Bem alimentada, está forte e com disposição para correr. Amparada por uma estante com vasos de flores e utensílios de jardinagem, ela sobe para o telhado da velha casa. Consegue se esconder atrás de

um pilar e estende o corpo sobre a telha, com cuidado, tentando não fazer barulho.

Os que a procuram olham para cima, como que adivinhando sua estratégia, mas não há ninguém com coragem suficiente para subir ao seu encalço. O homem é alto, grande, pesado. Poderia perder a vida se despencasse daquela altura.

— Uma escada. Onde tem uma escada?

— Calma, vou cercar ela aqui, pelo lado. Tem uma velha caixa ali. Vou subir nela e espiar lá em cima. Se estiver lá, não vai ter alternativa senão descer.

Acuada, Lia se arrasta até a parte de trás do telhado e, quase sem pensar, pula.

"Um cemitério, droga! Tinha me esquecido dele. Esse lugar me dá calafrios. Mas quem sabe eles desistem de me procurar. Já é noite. O portão já deve ter sido fechado".

Sempre tivera mais medo dos homens do que de almas penadas. Tirando o frio, seria um ótimo lugar para se esconder naquela noite. Pela manhã, pensaria no que fazer.

Os homens conseguem que o vigia abra o portão e vasculham por entre os túmulos. Mas não a encontram. A busca teria de ficar para o dia seguinte.

Lia, escondida entre os arbustos, fica imóvel, até que adormece.

O dia nem bem havia raiado e lá estava ele. Assim que o portão é aberto, reinicia as buscas, certo de que ela ainda estaria por ali.

Lia não entende por que ficou no mesmo lugar, imóvel, por tanto tempo. Deveria ter fugido durante a noite. O vigia não teria conseguido vê-la na escuridão. Mas não o fez e agora estava prestes a ser encontrada.

Acuada novamente, tenta fazer o caminho inverso e pula o muro outra vez. Cai em um quintal e é cercada pela moradora, claramente empenhada em ajudar a prendê-la de novo.

Não demora muito e já está novamente dentro do carro preto. Voltando para o antigo local? Ao menos tinha conseguido se livrar daquele lugar horrível. O homem dirige sem dizer mais nada. Tinha esgotado todos os seus palavrões durante a caçada.

Sobem pelo elevador em silêncio. Quando a porta do apartamento se abre, Lia estranha aquele sentimento bom em seu peito. Sentia-se em casa.

Sem dizer nada, o homem serve a ela água e um prato de comida. Ela toma tudo e devora tudo, faminta, pois não havia colocado nada na boca desde o dia anterior. Depois, ela o encara com seus olhos brilhantes e vai para o quarto. A cama que adora está posta para ela.

— Espero que esteja feliz, Lia. Que susto você me deu. Senti muito sua falta. Passei a noite em claro, preocupado com você, naquele lugar frio, sem comida. Amanhã não posso esquecer de passar no pet shop e comprar mais ração. Você comeu tudo, sua esfomeada.

MANTENDO A FORMA

O sítio Paraíso da Bicharada era um exemplo de organização e produtividade na região. Dentre os vários animais que ali viviam, estavam altivas e graciosas galinhas e um belo e elegante galo. Orgulhoso de seu "harém", vivia seus dias de glória.

O dono do sítio, para se ressarcir de uma dívida não paga, acabou tendo que ficar com todo o galinheiro de seu vizinho, composto de dez galinhas bem maltratadas e um galo jovem, mas também bastante debilitado pelos maus tratos. O jeito foi acomodá-los no mesmo galinheiro.

Tão logo viu os novos integrantes do cercado, o galo dono do pedaço se sentiu ameaçado e tratou de avisar seu novo companheiro:

— Você vai poder ficar por aqui, seu fracote; mas, escute bem: fique longe das minhas galinhas. Aqui quem canta de galo sou eu!

Ciente da sua situação e feliz por ter um abrigo, o galinho "fracote" aceita as regras de bom grado. Ter o que comer, nesse local com tanta fartura, já era mais do que poderia sonhar.

Tempos depois, veio uma crise econômica muito forte, que acabou com as finanças antes tão bem estruturadas do sítio. Os animais foram sendo vendidos um a um, enquanto aqueles que ficavam foram vendo suas rações sendo reduzidas a cada dia.

O orgulhoso galo, acostumado às antigas mordomias e farturas, viu-se com fome e passou a comer toda a ração que era

servida, sem deixar nada para o companheiro galinho. Este tinha ficado triste por voltar à antiga situação de penúria, mas, como já estava acostumado à comida regrada, não sentiu tanto o baque da situação e se virava, alimentando-se dos insetos que encontrava pelo terreiro.

Foi tomando conta de toda a ração servida, que o galo orgulhoso conseguiu manter seu porte, enquanto o galinho ficava cada vez mais fracote.

Com o passar do tempo, as galinhas viçosas foram sendo todas vendidas e depois também as outras que haviam sido recebidas em pagamento. No galinheiro restaram apenas o galo orgulhoso e o fracote.

Com a piora da situação e a fome gritando na barriga do dono do sítio, o galo orgulhoso, ainda cheio de carne dos velhos tempos, acabou indo parar numa panela.

Ciscando às escondidas no terreiro, aguentando firme a passagem dos tempos ruins, ficou o fracote, cuja figura passava facilmente despercebida.

Moral da história: Em tempos de vacas magras, melhor aproveitar para manter a forma.

RAÍZES

Tem raiz que dá equilíbrio
Tem raiz que liga à terra
Tem raiz que leva à guerra

Tem raiz que mantém a vida
Tem raiz que acumula entulho
Tem raiz que gera orgulho

Tem raiz que é mandioca
Tem raiz que transporta o alimento
Tem raiz que protege do vento

Tem raiz que é do samba
Tem raiz que agarra
Tem raiz que amarra

Tem raiz que é quadrada

Tem raiz que precisa ser pintada

Tem raiz que é adubada

Tem raiz que é arrancada

Tem raiz que é regada

Tem raiz que precisa ser tratada

Tem raiz que é pequena

Tem raiz que é do problema

Tem raiz que vira tema

FERNANDO CANTO BERZAGHI

POR QUE DEVEMOS VIVER NA PLENITUDE O AMOR DE DEUS?

Não olhemos para o vale.
Não olhemos para a morte da estagnação.
Não olhemos para a dificuldade do problema.
Não olhemos para o deserto da desolação...

É tempo de olhar para o Sol da justiça.
É tempo de ouvir o som de muitas águas.
É tempo de ouvir o som de muitos cristais...
É tempo de contemplar o rio: estrada de vida...

É tempo de contemplar as alvoradas de luz.
É tempo de abraçar a esperança.
É tempo de olhar para o consumador da fé.
É TEMPO DE OLHAR PARA JESUS...

DIA INTERNACIONAL DA MULHER, 08 DE MARÇO

É tempo de lembrar que de alguma forma toda mulher é também mãe no sentido do pertencimento ou pertença.

Pertença: Ação de pertencer, ou seja, sentimento de pertencimento...

Maria é o melhor exemplo de mulher-mãe.

Mãe adotiva de Jesus.

Suas mãos: lírios divinamente puros na nobre missão de SERVIR.

Olhos marejados de saudade.

Mulher dos olhos d´água.

Maria: toda luz irradia.

Rosa de Amor!

Maria de Betânia: simples e pura, trouxe um vaso de alabastro com preciosíssimo perfume de nardo puro, ungiu o Mestre, Senhor Jesus, preparando-O para o Seu sacrifício vicário de cruz.

O mundo só poderá ser das mulheres quando elas puderem ser absolutamente livres!

O INSTITUTO DA AMIZADE

Costuma-se definir amizade como: sentimento que afeiçoa ou liga duas pessoas.

O Mestre, Senhor Jesus, declarou, com veemência, que os cristãos devem ser reconhecidos pelo amor mútuo, como quer: (Jo 13,35).

A Sagrada Escritura trata desse precioso sentimento em dezenas de passagens.

Aqui vamos enfatizar algumas, a nosso juízo, as mais pertinentes.

Em (1Sm 18,3) Jônatas faz uma amizade sincera, verdadeira e fraterna com Davi, o segundo rei de Israel.

As características de compromisso e lealdade vêm muito bem expressas em (1Sm 18,1): afeição. Sacrifício próprio e responsabilidade compreendidos em alianças deste tipo ficam evidenciadas na vida de Jônatas e Davi.

Outro lindo exemplo de amizade sincera, plena de amor compaixão, vem do relacionamento do Mestre com a família de Lázaro, irmão de Maria e Marta, da aldeia de Betânia. Lázaro foi ressuscitado da morte por Jesus, (Jo 11, 1-44).

O TERMO COMPAIXÃO

Uma amizade sincera abriga o chamado amor "compaixão", "ágape" ou "misericórdia", que é o amor inabalável de Deus...

Ou,

Eclesiastes (4, 9.10)

"9 Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho

10 porque se caírem, um levanta o companheiro; ai, porém, do que estiver só; pois, caindo, ainda não haverá quem o levante."

(Pv 18,24)

"24 O homem que tem muitos amigos sai perdendo; mas há amigo mais chegado do que um irmão."

(1Pe 3,8.9)

A VIDA EXEMPLAR CRISTÃ, O AMOR FRATERNAL

"8 Finalmente, sede todos de igual ânimo, compadecidos, fraternalmente amigos, misericordiosos, humildes,

9 não pagando mal por mal ou injúria por injúria; antes, pelo contrário, bendizendo, pois para isto mesmo fostes chamados, a fim de receberdes bênção por herança".

(1Pe 4,8)

"Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre multidão de pecados".

A felicidade, por exemplo, depende muito do olho no olho entre duas pessoas...

O falar é que afeta o maior nível de saúde e boa relação de amizade através do diálogo.

A citocina, proteína que regula o sistema imune, adaptativo e inato liberado por uma amizade age no corpo como algo oposto aos efeitos da adrenalina: substância secretada por glândulas suprarrenais, cuja ação estimula o coração e eleva a pressão arterial; aumentando os níveis de batimentos cardíacos e o estresse.

O caminho, portanto, para a tão sonhada felicidade é estabelecer um diálogo sincero, um "logos a dois" ...

Vamos cultivar, pois, as boas amizades, através do diálogo.

"A AMIZADE SINCERA TRAZ FELICIDADE"

ALIANÇA

Ele.
Ela.
Anelo.
Amizade sincera.
Elo...

Um só coração.
Um só sentimento.
Um só entendimento.
Uma só oração...

Alegria na bonança.
Santidade na dor.
Ninho carregado de puro amor.
Poema de céu e flor...

RENOVO

Ter asas de águia para voar!
Do alvo silêncio a terra contemplar!
Sobre colinas, campinas, rios e regatos viajar.
O vento sagrado na face experimentar.

Sentir na pele a aleluia do azul.
Colher a flor cativa do universo.
Com a liberdade flertar.
Cantares ao Rei entoar.

"TER ASAS DE ÁGUIA PARA VOAR..."

GARÇA AZUL

Graça gentil repleta de luz!
Pavilhão celeste!
Pássaro de asas abertas;
Safira luminosa cinzelando a tarde de rubi...

Dádiva do céu.
Reflexo de lago tranquilo espelhando o céu de anil.
Fonte de pureza e de bondade...
Síntese finalizadora de mais uma jornada...

Metamorfose esplêndida na mata emudecida
Presença gloriosa de Deus.
Dádiva dos céus a acariciar a tarde.
Festival de luzes num mar de cores..

UM CANTO NOVO ESTÁ NO AR!

Sempre haverá um canto novo no ar!
Um cântico de júbilo, engenho e arte sempre haverá.
Um canto de doçura sempre haverá.
Um canto de louvor sempre haverá...

Cantemos louvores ao Rei!
Cantemos louvores em público!
Cantemos louvores no particular!
Cantemos louvores para Deus exaltar...

Castelo forte canta no ar!
Louvar, sempre!
Sempre louvar!
Louvar para o céu tocar!

Louvar o belo da suavidade!
Louvar a santa alegria da esperança!
Louvar a iluminação do conhecimento!
Louvar a Deus, pela paz...

O respeito propagar!
A plenitude da excelência buscar!
A maravilhosa graça experimentar!
A Gloriosa eternidade, finalmente, ganhar...

O TRABALHO

Refugia-te à sombra benfazeja do trabalho, Jovem, adolescente!

Trabalha para teres uma seara rica, fértil, sazonada e abençoada!!!

Trabalha com denodo.

Trabalha incansável.

Trabalha em busca da paz, que traz por consequência a tão sonhada felicidade.

BRASÍLIA

Esmeralda fincada no seio do planalto central!

Nave carregada de esperança!

Visão encantada de Tiradentes!

Sonho profético de Dom Bosco, que se tornou realidade para gáudio de todos os brasileiros!

TER ASAS DE ÁGUIA PARA VOAR...

Ter asas de águia para voar: eis o que faz todo sentido!

Por que a águia serve de exemplo para nós humanos?

Porque a águia é uma ave majestosa, de grande porte. Imensa ave de rapina, chegando aos 3 metros de envergadura. Ela é notável por sua elegância, talento e inteligência.

De fato, quando surpreendida ou acuada, alça um voo magnífico. Ela se eleva, se agiganta, se engrandece, se supera para dominar o espaço sideral.

Apresenta longevidade e consta ter o poder de rejuvenescer.

O salmo (103,5) diz o seguinte:

"5 quem farta de bens a tua velhice, de sorte que a tua mocidade se renova como a da águia".

Isso significa que nada nem ninguém pode oferecer a mesma satisfação que se encontra no relacionamento sincero com o Senhor.

Ademais, assim como o vigor e a força acontecem com a águia, assim também o vigor e a força são restaurados nos humanos.

Vejamos o que diz (Isaías 40,31) a respeito:

"31 mas os que esperam no SENHOR renovam as suas forças, sobem como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fadigam".

Quer nos parecer que o foco principal dessa assertiva é caminhar.

Que o serviço mais árduo e difícil é aquele que realizamos na nossa rotina diária, quando tudo parece que não vai dar certo e que não vamos a lugar nenhum.

Sugere que os cristãos verdadeiros podem trocar suas fraquezas pela força de Deus.

Mas o segredo, a essência está nos princípios fundamentais para alimentarmos a nossa fé.

Fé: é a confiança na Palavra de Deus, quando as circunstâncias e evidências parecem ir na direção contrária.

A CAPACIDADE DE TERMOS UM FINAL FELIZ E DESEJADO VAI DEPENDER MUITO DO NOSSO PERMITIR QUE O SANTO ESPÍRITO NOS INSTRUA NESSE TIPO DE FÉ...

Finalizando: Deus promete nos dar novas forças; habilidades para fazermos à semelhança das águias.

A força de Deus não significa tão somente sobreviver ao dia de amanhã, mas voar sobre o dia, como a águia o faz.

Ser como uma águia é um presente de Deus para os que n´Ele confiam e O chamam no dia que parece que não vamos a lugar nenhum, por estarmos robotizados e estagnados; esgotados, tanto física, quanto mentalmente.

"O MAIS IMPORTANTE MESMO É TER ASAS DE ÁGUIA PARA VOAR!"

ISABEL BORAZANIAN

POESIA

A poesia reflete instantes
momentos distantes
que a alma viveu.

A poesia passeia em momentos
é pra alma alimento
da vida que pulsa
do tempo que é meu
do tempo que é nosso
do tempo que é seu.

A poesia revela sentimentos
que passeiam nos sentidos
dos tempos idos
no tempo presente
do tempo passado
no tempo sonhado
do tempo vivido

ENCONTRO

O tempo é espera constante
batendo a montante, galopante,
no ritmo do meu coração.
Viro as páginas,
busco as folhas
e nas escolhas,
encontro as palavras
que comungam com a minha emoção.

MUDANÇAS

Mudanças
Andanças
Rompidas
Esperanças
Novo respirar
Nova vida

VIDA

Na incógnita da vida,
existe a constatação:
somos seres aprendizes
em constante construção.

MISTÉRIO

Em cada canto do mundo
Em cada forma de amar
Em cada tempo da vida
Em cada sol a raiar
Em cada lua surgida
Em cada expressão erguida
Em cada tempo que há
Fica sempre bem escondido
Um mistério por contar

FLEXIBILIDADE POÉTICA

Arte

Agir Na vida
Sentir A vida
Pensar Vivendo
Fluir Rasgando
Intelecto Conceitos
Emoção Aprumando
Instinto Sentimentos
Definem Apurando
Atitudes Sentidos
Indicam Acariciando
Intenções Ações
Expressões Arte
Impressões Ar
Fluidez Luz
Magia Leve
Arte Leva
Percepção Longe
Emoção Laços
Razão Abraços
Intuição Corações
Sentidos Expressões
Sentimentos Impressões
Reflexos Arte
Da vida Luz

“Flexibilidade poética - Arte” pode-se ler na ordem direta de cima para baixo, de baixo para cima, da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, etc.

AOS FILHOS DA ARTE

São muitos os fluidos que nos fornecem a inspiração.
Perceber e captar esses fluidos é trabalho da percepção,
onde a sensibilidade é a mola mestra,
traduzindo nossas impressões em expressões.
Somos filhos da arte, enlaçados na onda do bem-querer.
Da arte sábia de quem acredita na vida,
e na luz que nos envolve e nos move a crescer.
Nossa existência é sinônimo de persistência
e crescimento interior.
Não dá pra fugirmos daquilo que somos.
Não dá pra negar ou ignorar a “voz do coração”.

INSENSATEZ

A insensatez azucrina a crença.
Homens dementes, dormentes,
alucinados, aloucados,
armam-se em atos,
levantam a bandeira de uma
falsa moral.
Retalham a justiça
que por ironia perdeu o sentido,
rodou em utopia.
Homens dementes, dormentes,
cegos e iluminados por falsa razão,
matam e morrem
compondo a história,
marcando um século,
cheio de fome, guerras e destruição.
A insensatez azucrina a crença.
A tristeza pesa nos ombros.
As pessoas passam sem passar,
olham-se e não se enxergam.
Estão mortas e não sabem
falta brilho, falta luz,
falta amor…

INFÂNCIA

Em todas as andanças,
dançam as lanças
do mal e do bem querer.

Em todas as lanças,
dançam esperanças
na noite e no amanhecer.

Canções se espalham ao vento
e o tempo arrebata,
trazendo de volta
lembranças do meu viver.

São risos lançados no tempo
da minha memória criança.
São delícias as lembranças
do acordar e do adormecer.

Ricos momentos vividos,
alicerces da minha construção.
Trago-os sempre comigo,
guardados no coração.

A MENINA E O BEIJA-FLOR

A menina e o beija-flor
Se encontram todo dia
No quintal que só tem flor
No quintal que é da Maria

Todo dia o beija-flor
Vem fazer sua cantoria
E o perfume que é o amor
Se espalha em ventania

No quintal que é da Maria
No quintal que só tem flor
Se encontram todo dia
a menina e o beija-flor

IVO DE SOUZA 'POETA DOS MARES'

SARAU DE NATAL

A igreja não era muito grande, mas era suficiente para acomodar os fiéis daquela comunidade e receber convidados de outras congregações em ocasiões festivas. Ela foi estrategicamente edificada em um ponto de onde se avistava a praia local e parte da praia vizinha.

O templo estava enfeitado com flores do campo. Os arranjos preparados pelas colaboradoras pareciam produzidos em floriculturas especializadas; castiçais acesos e lustres polidos davam à iluminação um brilho diferenciado. Todo aquele zelo se fazia necessário! Era Natal!

Natal é tempo de festa, de cânticos, de alegria com poesias. Naquele ano, especificamente, o ponto alto foi a inclusão das crianças na declamação das poesias. Para animá-las foi instituído

um prêmio no final da apresentação. Irmã Etelvina, orientadora dos estudos bíblicos aos domingos, pela manhã, que propusera a inclusão das crianças, sugeriu que houvesse uma preparação. Os ensaios tiveram início então, na segunda quinzena de novembro.

O grupo foi composto, inicialmente, com onze crianças, entre oito e dez anos, sendo seis meninas: Tidinha, Nonoca, Dalila, Marlene, Rosinha e Malvinas, e cinco meninos: Davi. Malaquias, Ninico, Pedrinho e Horácio.

Enquanto as crianças ensaiavam, as mães dedicavam-se aos cuidados com os vestuários. Algumas mães foram a lojas e compraram roupas prontas. Perciliana, mãe de Nonoca, preferiu comprar tecido e confeccionar a roupa da filha.

Perciliana foi ao Empório da Criação, onde além do tecido vende também aviamentos. Comprou três metros de organza dourada para fazer a saia e um metro e meio de cetim na cor salmão para confecção da blusa. Para isso, Perciliana percorreu sete quilômetros, a pé, entrou em uma balsa com a qual atravessou um canal marítimo de três mil e quinhentos metros, caminhou mais de um quilômetro até o Empório. Ela aproveitou a viagem e comprou as roupas do Ninico, um dedal, duas agulhas, linhas e botões.

Enquanto Nonoca e Ninico estavam na escola, Perciliana dedicava-se à costura. Duas coisas prendiam a atenção de Perciliana: os doces feitos com as frutas que colhia no próprio quintal e a costura que fazia com maestria. O reverendo Inocêncio era um consumidor voraz dos doces de mamão verde feitos por ela. Sempre que havia uma festa na igreja, ele encomendava os docinhos. Naquele Natal, não foi necessário fazer o pedido: Perciliana garantiu que faria aquela compota para a festa.

Os ensaios aconteciam sempre às terças e quintas-feiras no período da tarde, no salão paroquial, aproveitando a própria estrutura da igreja e porque no período da manhã as crianças estavam na escola. O ensaio consistia na postura no palco, dicção e ter o texto decorado.

As dificuldades surgiam quando apareciam palavras novas para seus vocabulários.

Davi e Dalila pareciam ligados na eletricidade, já os irmãos Nonoca e Ninico eram calados. Ninico por concentração, enquanto Nonoca demonstrava pouco interesse pelo evento.

Duas semanas antes da apresentação, na igreja, Dalila e Nonoca discutiram, na escola, por causa de um bambolê, a ponto de ser necessária a interferência da professora.

Dalila tentou cooptar algumas amigas para pegar a Nonoca na saída da escola, mas não conseguiu apoio, nem mesmo do Davi.

– Isso não vai ficar assim! Ela me paga! – vociferou Dalila.

– Agora não é o momento – retrucou Davi.

Dalila jurou vingança.

Alguns dias depois, Marlene pegou catapora e, para evitar a transmissão, foi aconselhada a não participar do sarau.

Na semana da apresentação, houve um ensaio integrado com os adolescentes e adultos para marcar o tempo e passagem de palco. Irmã Etelvina aproveitou para confirmar o horário da apresentação e solicitar que não se atrasassem. Ela era muito pontual.

– Espero por vocês no horário combinado! – disse irmã Etelvina.

Finalmente, chegou o grande dia! Vinte e Cinco de Dezembro. Notava-se o clima natalino com muita energia e grande expectativa.

Os componentes da pequena orquestra exibiam suas melhores roupas, perfumes e brilhantina no cabelo. Quequinha, que era maestro e instrumentista, aproveitou para tirar do armário o terno, já conhecido pelos fiéis, de gabardine, com uma gravata borboleta vermelha.

O reverendo Inocêncio, um homem fervoroso, que preferia orar na costeira recebendo a brisa do mar no rosto, do que subir as montanhas, entrou como se fosse um político em campanha eleitoral, caminhando pelo corredor, cumprimentando os fiéis, da direita e da esquerda, mostrando felicidade por ver a igreja lotada. Usava uma gravata listrada em dois tons de amarelo, intercaladas por uma lista branca, cuja ponta não alcançava o cinto da calça.

Subiu ao púlpito, deu boas-vindas aos presentes e, com os braços erguidos, fez uma oração. Ao término, discorreu sobre o Natal e declarou abertas as comemorações.

A orquestra abriu os festejos com louvores natalinos.

As comemorações seguiram a sequência definida pela irmã Etelvina, com os adultos e idosos em primeiro, os adolescentes em segundo e as crianças em terceiro e contou também com outras intervenções artísticas de grupo de congregações convidadas.

Um dueto, de uma das congregações convidadas, apresentou um louvor, após as declamações poéticas dos idosos e foi

acompanhado pelo maestro Quequinha, ao violino. A seguir foi anunciada a apresentação dos adolescentes.

Foi uma apresentação maravilhosa, considerando os aplausos efusivos que receberam.

A orquestra entoou novo louvor. Desta vez o maestro estava ao piano.

As crianças foram chamadas em ordem alfabética, para não caracterizar preferência a nenhum participante.

Por este critério Dalila se apresentou antes de Nonoca, com a poesia Sob os céus da Palestina, de Mario Barreto França, demonstrando certo nervosismo tirando-lhe a fluência na terceira estrofe da poesia. Deu uma tossidinha e concluiu.

Chegou a vez de Nonoca.

Ela entrou como se estivesse em um desfile de modas, vestindo uma saia com cinquenta e duas pregas simetricamente distribuídas, a blusa com mangas franzidas dava um charme especial e combinava com as tranças feitas do mesmo pano, sobrepostas às costuras laterais. Em seu cabelo, além dos laços de fitas douradas, notavam-se 26 cachinhos pendentes harmoniosamente até os ombros. Ela apresentou a poesia Menino Jesus, de autoria do Poeta dos Mares.

Seu brilho não ficou só na roupa ou nos cachinhos: sua declamação da poesia foi perfeita; todos a aplaudiram de pé. Ela expressou gestos de agradecimentos e voltou para trás das cortinas, desfilando.

– Divina! – comentaram alguns dos presentes após longo

aplauso.

Após as apresentações das crianças, houve a participação de outra congregação convidada e a orquestra apresentando novo louvor.

O reverendo retornou ao púlpito, enquanto os jurados decidiam quais seriam os melhores intérpretes da noite.

Resultados definidos: entre os meninos, o primeiro lugar ficou com Malaquias, enquanto entre as meninas, a vencedora foi Nonoca.

Havia dois bolos na festa, um de três andares, com aproximadamente três quilos, de chocolate branco, recheado com frutas da época: abacaxi, manga, banana e na cobertura tâmaras e damascos e uma réplica de um quilo para entregar como prêmio.

Dalila não se conformava em perder o primeiro lugar, ainda mais para aquela garota sem sal.

No momento da premiação, todos receberam um mimo pela participação e notaram que a réplica do bolo havia sumido. Foi um alvoroço total.

Nonoca ficou impressionada e frustrada ao mesmo tempo, com o sumiço do bolo; até chorou.

– Justo agora! Na primeira vez que ganhava um prêmio, o prêmio some! Inacreditável! – lamentava-se Nonoca.

Começou a procura pelo bolo e nada! Depois de muita procura, sem sucesso, Ninico teve uma ideia: não vamos acusar ninguém! Apagamos as luzes, contamos até 33, de olhos fechados.

Se o bolo não aparecer, rezamos para Deus castigar quem pegou o bolo.

Quando a contagem chegou aos 25, ouviu-se o barulho de sapatos e papel. Terminada a contagem, acenderam as luzes e lá estava o bolo, novamente.

Malaquias ouviu uma conversa entre Davi e Dalila, a qual levou ao reverendo:

– Falei que não ia dar certo – dizia Davi!

Enquanto Dalila respondia: – O importante é que a fiz chorar, referindo-se a Nonoca.

O reverendo então chamou Nonoca e pediu que ela servisse a Dalila e Davi um pedaço bem generoso de bolo. Nonoca foi até a mesa pensando que teria que dividir seu prêmio com aqueles dois, o que não seria nada agradável, mas a irmã Etelvina, que estava atenta aos fatos, cortou dois pedaços enormes do bolo e os entregou a ela.

Nonoca, ainda renitente e sem entender muito bem o que estava acontecendo, cumpriu a tarefa. Os três se posicionaram na frente do púlpito. Nonoca entregou os pratinhos aos dois e, antes que eles começassem a comer, o reverendo retomou a palavra dizendo:

– Jesus dividiu pães e peixes com uma multidão. Da mesma maneira, a irmã Nonoca vai dividir o bolo com as crianças da igreja.

Em seguida, falando sobre perdão, convidou Davi para explicar o sumiço do bolo.

– O plano da Dalila era levar o bolo embora, mas não sabia como sair com ele sem chamar a atenção, ou esmigalhá-lo; então, propus esconder e levar mais tarde. A caixa de papelão já estava lá quando chegamos, facilitando o processo – disse Davi. Assim ela se vingaria daquela discórdia na escola – continuou. Ela decidiu isso, quando percebeu que não tinha chance de ganhar o concurso de poesias – concluiu ele.

– Todos têm direito de amar, perdoar e dividir o pão – disse o reverendo. Por esta razão os três envolvidos neste episódio, estão aqui à frente do púlpito - concluiu.

Diante do exposto pelo reverendo e os olhares dos presentes, Dalila pediu desculpas ao Davi e à Nonoca. Ouviram-se algumas palmas. Dalila rapidamente alcançou os fundos da igreja enquanto observava a fila que se formara para cumprimentar Nonoca e, principalmente, apalpar os cachinhos de seus cabelos.

Nonoca, ainda inconformada, finalmente foi premiada. Chamou seu irmão Ninico para guardar o bolo.

Com isso o bolo prêmio foi preservado e, feliz da vida, com um sorriso de orelha a orelha, ela voltou para casa exibindo seu troféu.

JACQUES MIRANDA

O ENSINO TELEPRESENCIAL SÍNCRONO (ETS) EM CONTRAPOSIÇÃO AO SISTEMA EAD TRADICIONAL: EXPLORANDO AS DIFERENÇAS PARA UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE.

RESUMO

Este trabalho analisa as diferenças entre o Ensino a Distância Tradicional (EAD) e o Ensino Telepresencial Síncrono (ETS), explorando seus métodos de entrega, interação aluno-professor e recursos utilizados, bem como o resultado obtido. Destaca-se a história e evolução do EAD, bem como a interação assíncrona do EAD e a interação síncrona em tempo real das aulas telepresenciais. Ambas as modalidades oferecem opções flexíveis para uma educação de qualidade no século XXI, aproveitando os avanços tecnológicos disponíveis e respeitando tanto a disponibilidade, a disposição e a característica dos alunos, quanto a particularidade das disciplinas.

Palavras-chave: Ensino a Distância (EAD), Ensino Telepresencial Síncrono (ETS), Educação Online, Interatividade, Flexibilidade.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o avanço da tecnologia tem revolucionado o campo da educação, proporcionando novas oportunidades de aprendizado além das salas de aula tradicionais. A modalidade que tem ganhado destaque é o ensino a distância, também conhecido como EAD, ou seja, aquele que não comporta a presença física do aluno no ambiente do aprendizado. Esta modalidade, como um elemento genérico, comporta algumas variações, das quais não é possível – sob nossa ótica – generalizar, pois a ausência física pode ser de alguma forma suprida pela mediação de mecanismos eletrônicos e de tecnologia, obtendo vantagens importantes na retenção da informação e no aprendizado em si.

É o caso do ensino síncrono telepresencial, o qual acontece em ambientes físicos diferentes, mas comporta uma seara de detalhes que podem de alguma forma ampliar o potencial de aprendizado do aluno, a exemplo dos seus métodos de entrega, interação aluno-professor e recursos utilizados. Este assunto será tratado em detalhes mais adiante.

2. OBJETIVO

O objetivo deste artigo é o de explorar as diferenças fundamentais entre essas duas abordagens de ensino, EAD tradicional e o Ensino Telepresencial Síncrono (ETS), destacando seus benefícios e

desafios, a fim de promover uma compreensão mais clara e informada sobre as opções disponíveis para uma educação de qualidade no século XXI, tendo em vista a própria evolução da sociedade e os implementos tecnológicos disponíveis.

3. CONCEITO E HISTÓRIA DO ENSINO À DISTÂNCIA

O Ensino a Distância (EAD) é uma modalidade de ensino que permite que os estudantes tenham acesso a conteúdos educacionais e interajam com professores e colegas de forma remota, utilizando tecnologias de comunicação.

Sua história remonta ao século XIX, com o uso do correio para enviar materiais didáticos. No Brasil, os primeiros 3 ensinos por correspondência foram o Instituto Universal Brasileiro (IUB), Instituto Monitor e Instituto Padre Reus. O IUB foi fundado em 1941 e oferecia cursos técnicos. O Instituto Monitor foi fundado em 1939 e oferecia cursos profissionalizantes. O Instituto Padre Reus foi fundado em 1953 e oferecia cursos religiosos. Estas três primeiras escolas por correspondência poderiam ser chamadas de primeiros ensinos a distância do Brasil, pois ofereciam cursos que permitiam o estudo e aprendizado sem a necessidade de frequentar fisicamente uma instituição de ensino. Ao longo do tempo, o EAD evoluiu com o avanço das tecnologias, como rádio, televisão, internet e plataformas digitais, tornando-se uma alternativa flexível e acessível à educação convencional.

Atualmente, o EAD desempenha um papel significativo na educação global, oferecendo oportunidades de aprendizado para pessoas em diferentes locais geográficos e circunstâncias pessoais.

4. DIFERENÇA ENTRE ENSINO A DISTÂNCIA (EAD) E ENSINO SÍNCRONO TELEPRESENCIAL (ETS)

No ensino EAD, o clássico Ensino a Distância, os alunos têm acesso a materiais de estudo online, como textos, vídeos e exercícios, e podem estudar no seu próprio ritmo, sem a necessidade de estar presente em um local físico específico e nem em um horário, também específico. A interação com os professores e colegas geralmente ocorre por meio de fóruns de discussão, chats e videoconferências assíncronas, ou seja, em momentos diferentes.

Já as aulas síncronas telepresenciais (ETS) são aulas ao vivo, nas quais os alunos participam remotamente por meio de videoconferência em tempo real. Nesse formato, é possível ter interação em tempo real com o professor e os colegas, semelhante a uma aula presencial, mas sem a necessidade de estar fisicamente em uma sala de aula, o que de certa forma, adapta-se à realidade de várias pessoas, tanto no que diz respeito à redução de custos de locomoção, quanto de convívio com filhos e família.

Portanto, as principais diferenças estão na forma como o conteúdo é entregue e na interação entre alunos e professores: no EAD, o estudo é assíncrono e ocorre de forma autônoma, enquanto nas aulas síncronas telepresenciais há uma interação em tempo real e a obrigatoriedade de interação.

5. O ADVENTO DO ENSINO TELEPRESENCIAL SÍNCRONO (ETS)

Não é possível estabelecer um marco inicial para o advento do sistema que contempla o Ensino Telepresencial Síncrono (ETS), pois, ao certo, ele deve coincidir com a proposta de transmissões on-line fornecidas pelos ambientes de Internet, a exemplo

do Youtube, cujo início ocorreu no ano de 2007, ocasião em que popularizou-se a banda larga, o 3g e os Smartphones no país.

Por outro lado, é possível dizer o quanto esta modalidade foi impulsionada em função do aparecimento da pandemia de Covid-19. Com o fechamento das escolas e instituições de ensino, muitos educadores e alunos adotaram essa modalidade para continuar com as aulas de forma remota, utilizando plataformas de videoconferência e outras ferramentas tecnológicas, sendo que esta modalidade não trouxe prejuízo significativo na performance dos alunos.

Desta forma, é possível dizer que o modelo adotado tem diversas vantagens que podem ser exploradas.

6. A BUSCA DA QUALIDADE DO ENSINO

Embora não exista uma estatística que comprove que o Ensino a Distância (EAD) é de menor qualidade do que o ensino 100% presencial, ou que o ETS seja melhor do que as duas, é possível afirmar que a qualidade da educação depende de vários fatores, como o planejamento do curso e o seu conteúdo, a competência dos professores e a dedicação e disponibilidade dos alunos, as ferramentas tecnológicas e de interatividade.

Existem estudos e pesquisas que mostram resultados positivos do EAD, assim como há estudos que destacam os benefícios do ensino presencial. É importante considerar as características individuais de cada modalidade e adaptá-las às necessidades dos estudantes e das disciplinas.

7. ADAPTAÇÃO DAS DISCIPLINAS NO SISTEMA ETS

É possível dizer que não são todas as disciplinas que estão totalmente adaptáveis ao sistema EAD ou ETS de ensino. Disciplinas práticas ou que requerem atividades laboratoriais intensivas, por exemplo, podem enfrentar desafios na transição para o ambiente virtual, incluindo outras, a exemplo do teatro e da dança.

No ensino do Direito, por exemplo, embora tenhamos uma grande quantidade de teoria aplicada, existe uma série de atividades práticas que carecem de presencialidade, a exemplo de audiências simuladas, entre outras.

Entretanto, ainda impulsionada pela pandemia de Covid-19, o CNJ, Conselho Nacional de Justiça, órgão máximo de normatização das questões administrativo-legais, formulou uma resolução de número 329, a qual permite que as audiências em primeiro grau de jurisdição e nas demais competências, bem como as sessões de julgamento das turmas recursais e do segundo grau de jurisdição, entre outros atos processuais, sejam realizadas por videoconferência. Além disso, tal é possível hever sustentações orais, as quais possuirão o mesmo valor jurídico que as sustentações orais presenciais.

Desta forma, a mediação feita por uma câmera e um microfone, com humanos em ambos os lados, tem valor significativo para a formação da convicção do Judiciário, também pode ser elemento importante na discussão acerca da viabilidade do uso do sistema ETS na relação ensino-aprendizagem.

8. PRINCIPAIS DIFERENÇAS ENTRE O EAD E O ETS

No quadro abaixo, foram inseridas temáticas comparativas para a ampliação da discussão acerca das modalidades Ensino a Distância Tradicional e Ensino Telepresencial Síncrono.

Tema	EAD	ETS
Funcionamento	Aula gravada em vídeo, material impresso, questões de aferição e tutoria para dúvidas	Aula síncrona mediada por câmeras com áudio e vídeo e a presença do professor (humano) na outra ponta.
Presencialidade	Ausência física	Telepresença (mediada por câmera e microfone, ou seja, áudio e vídeo)
Aprendizagem	Autoaprendizagem com suporte a dúvidas	Aprendizagem estimulada e interação em tempo real
Responsabilidade	100%, ou seja, a totalidade da responsabilidade pelo aprendizado é do aluno	A responsabilidade pelo aprendizado é compartilhada
Interação	Unilateral	Interativo, bi e multilateral
Adaptabilidade	Complexo	Simplificado
Entregas	A qualquer momento, com correção automática ou humana “a posteriori”. Sem reação.	Imediata, “a posteriori”, ou reação imediata com interação humana

9. CONCLUSÃO

Tanto o Ensino a Distância (EAD) quanto o Ensino Telepresencial (ETS) oferecem opções viáveis e flexíveis para uma educação de qualidade fora das salas de aula tradicionais. Enquanto o EAD permite que os alunos estudem no seu próprio ritmo e de forma autônoma, as ETS proporcionam interação em tempo real com professores e colegas, e se aproxima da presencialidade.

É possível afirmar que o ETS contempla diversas vantagens não aprofundadas neste artigo, como, por exemplo, a qualidade de vida do aluno diante da redução do seu stress no deslocamento; a possibilidade de contemplar laços familiares, a exemplo do convívio com filhos; a flexibilidade de adequar seus estudos a situações profissionais, como viagens. Ainda assim, outros fatores a se explorar neste aspecto estão na possiblidade de redução do valor das mensalidades, a poluição atmosférica pela menor utilização de transporte para deslocamento.

Enfim, ambas as abordagens têm seus benefícios e desafios, e é importante considerar as necessidades individuais dos alunos ao escolher a modalidade de ensino mais adequada.

Ainda assim, é possível agregar mais qualidade ao ETS, com o uso do Blended Learning, que é uma abordagem educacional que combina aulas presenciais com atividades on-line, proporcionando aos alunos uma experiência de aprendizagem mais flexível e personalizada, permitindo que os alunos tenham acesso a materiais e recursos on-line complementares às aulas transmitidas remotamente, enriquecendo sua experiência de aprendizagem.

Em última análise, o objetivo é promover uma educação de qualidade no século XXI, aproveitando os avanços tecnológicos disponíveis.

JANDILISA GRASSANO

Acadêmica Honorária

TODO AMOR

Leva-me. Conduza-me
Amor! Você pode? Só você...

Posso, igualmente, dizer, viver
Sentir, estreitar...
Os meus olhos cerrar, encerrar... Amor!

Ou viver na luz da eternidade,
Este etéreo amor que me invade!
Eu, escrava de mim, por instante,
Nascendo em você...

Em nota, o poema cantando:
Leva-me...
Encanto-me...
Encante-se.

FIRMAMENTO

Não, nada a dizer, a escrever, a falar
Posto que sou, ou não sou
Há dúvidas a calar.

Por força do amor
Beijo encantado – encanto!
Abraço o corpo, sinto,
Paz na luz – desencanto!

Vivo o agora, fui e vou,
Voo e ando, busco um lugar.
Como posso eu me soltar,
Se enrosco e torno a me enlevar, a sonhar...

Vou ao firmamento, vou,
Sou puro deslumbramento, sou!

Pare, alma de gigante
Veja o que traz, mero andante!
Disso fluem sons, notas, miragens,
Pinturas, caminhos, mais que paisagens.

Vou ao longe, voo na paz.
Abrigo na torre, passagem,
Observo, absorto, a cercania
Pés de gigante, sim, alma de Maria!

BRASIL

Terra encantada,
Plena, acalentada;
Que embala anseios
E afaga sonhos
De beleza e glória,
Antes tão sonhados,
Desejados mesmo,
de um filho teu!

Mata que sente
E não mata,
Ao invés acata
Tanto o "bramido",
Quanto o grito alerta
de um filho meu!

Canta airoso o canto,
Lida na peleja o campo,
No esplendor – enquanto,
"Viça" a palmeira
Intrépida faceira,
Em verde sutil,
Em arrebatado êxtase,
Clama: Oh! Brasil!

MÃE

Tantos sentimentos,
Lutas, glórias,
Coragem, procurou sentir...
Quantos os momentos,
Fortes braços,
Buscou não ferir!

Tanto os abraços,
Quanto os beijos castos,
Sustentara sonhos,
Acalantaram fatos.

Mãe, figura tão completa,
Meio meiga, meio brava,
Que com doce afago,
Induziu a seta,
Pra viver na luta, certa,
Fazer da labuta, festa
Da razão incerta,
Caminhar seguro...
Tantas vezes, asseguro,
Mãe, em sendo a vida,
Assim tão bela,
Como a colocou, enfim,
Mesmo a ínfima mazela,
Encanto a fez pra mim!
Mãe, doçura tão completa, de tantos amores,
Ouve o tilintar alegre de faustos clamores!

SOU

Sou da paz - inda que morro,
Sou gigante - inda que mouro.
Vou ao entrave, visto amigo,
Vou na palavra, sinto ao vivo!

Pudera ou quisera ser flor,
Borboletas voando,
Enlaçadas...
Embaraçadas em cor?

Do alento, no mesmo evento,
Causo pausa, movo o vento!
Por que causo?
Por que pasmo!

Pare clima, pare estelar!
Só no cantinho, faça morada,
Só do amor... longe jornada...

UM DIA...

Um dia eu te vejo!
Te conto!

Te espalho!
Te encanto!

Não, não te conto!
Encontro!

O que conto...

POETAR

Diante de uma euforia assaz utópica, lírica, de aspecto fugaz...
Não... fuga mesmo!
E, em batalha única e inversamente possível, trava-se gigantesca debandada, inevitável; angustiante, sim, necessária, igualmente.
Amor fortuito?
Amor descrente,
pequeno,
discreto, fremente!
...O amor é Arte,
é estético,
é doido,
é estático!

Retirar, é preciso.
Render-se, outrossim, inciso...
Capitular em instante preciso.

ESPERA... ESPERANÇA

De repente, se
veste o dia de um sol tão lindo,
tão limpo o céu se descobriu então...
Mas foram tantas as esperas, tantas...
E esperava que ela se abrisse,
e esperava que
dela surgisse, na aragem fresca,
figura de olhar pausado, de febril procura.

Palavras não são ditas.
E por que dizê-las?
Se tudo o que as circunda
Impregnado está deste tênue enlevo.

É o verde das folhas que mais verde está.
É o canto, o pássaro, a nuvem, o encanto.
Esta magia cresce na presença.
Na ausência toma posse e faz sofrer,
um sofrimento doce numa esperança
amarga de quem não pode ter.

E foram tantas as esperas, tantas...
Até a pintura no cavalete espera,
A flor vermelha encharcada vê
e, em meio aos pingos,
o inseto incerto neste amor não crê.

E foram tantas as esperas, tantas...

JANDILISA POR JANDILISA

Muito jovem, fui professora, secretária, coordenadora, bibliotecária, substituta na direção de escola primária, pianista, estudante de inglês... (uma vida estudando), professora de português, no ginásio. Cantei, cantei muito, e adorava! Ah, viajei com o Coral! Fui solista, gravamos um CD...

Pensei que em meio a tudo fosse ser cantora ou pianista, embora desenhasse e escrevesse muito, muito mesmo! Adorava!.

Ah, tinha meus doentinhos e com a mais que amiga da minha mãe Anita, a D. Yolanda D. Viroli, visitava e internava nossos queridos, lá, em Arapongas! Como cá, em São Paulo, não mais com ela, que também se foi...

Eu, Jandira Elisa, Jandilisa, graduei-me em Letras, Música e Artes Visuais e me casei aos 21 anos, com Jaime Ferreira Lopes, em Arapongas, Paraná, onde tive dois filhos, Emerson Alexandre e Fabiane Grassano Lopes. Fiquei viúva em 2004, quando já tinha perdido minha mãe e a sogra; pouco tempo depois, também meu pai e sogro.

Em seguida, meus filhos casaram e se separaram, período no qual participei de ininterruptas atividades nos ateliês no Brasil e fora dele, atividades essas que pautaram minha vida, já que, em virtude das muitas mudanças de cidades e estados, acompanhando meu marido, tive interrompida minha carreira inúmeras vezes.

Com programas em TVs em cidades diversas, ateliês, aulas, exposições e viagens nacionais e internacionais, não tive tempo de renovar e refazer minha vida pessoal. Para mim, como disse outro dia, meio sorrindo: “A fila não andou! Andará? Aos 70 anos? Ah, não é comum, não acha?”.

No entanto, durante essa longa jornada de atividades, percebi: “Tinha que trabalhar muito para fazer o que todos faziam normalmente. Era desgastante, uma luta diária intensa! É, extremamente desgastante! Era diferente... É, acho que sou diferente!”

Sobre essa suposta diferença, divago: “Rótulos, muitos – antissocial, estranha... Diagnósticos? Diversos! Bipolar; síndrome de pânico, enxaqueca, TAG...”

Sim, dos muitos médicos, buscas infinitas, procuro respostas, sentir menos os sintomas na cabeça, embora não tenha ainda encontrado soluções possíveis ao mal que me acompanha.

Impensável , ou raro, nos dias de hoje, alguém se submeter a uma himenectomia um ano após o casamento. Sim, muitos foram os danos causados em momento de extrema gravidade. Eis que, então, depois de décadas de esquecimento total, no dia 28 de dezembro de 2016, flashes mostram-me o que havia ocorrido naquela tarde dos meus cinco anos: havia sido molestada.

“Do porão para a vida!”

Jandilisa - Brasil

J.R.JERÔNIMO

CRÔNICA

MANUAL DO USUÁRIO DE ÔNIBUS[1]

O adensamento demográfico e o aumento da frota de automóveis são uma realidade cada vez mais presente nos centros urbanos. Por consequência, a redução da mobilidade, com o entupimento das vias de trânsito, tem tornado as pessoas mais estressadas e suscetíveis ao conflito, no ir e vir.

Pécias procura ser um colaborador para a melhora dessa situação. Usa seu carro de forma mais seletiva e eventual. Ele o deixa em casa por cinco dias da semana e vai trabalhar de ônibus. É perseverante nesse propósito, porque barreiras não faltam. Os ônibus são poucos e os usuários, muitos. O estresse, a impaciência

[1] JERÔNIMO, J.R. *Peri & Pécias no Trânsito - Crônicas*, Guarulhos, Ed. do Autor, 1ª edição, 2018.

e a educação limitada compõem o ambiente que é desafiador para o exercício da cidadania.

Pisar no pé dos outros, empurrar-se como quem disputa luta romana e sentar-se ocupando mais que uma vaga no banco, são apenas algumas das muitas inconveniências. Tanto que caberia à companhia responsável pelo transporte coletivo em ônibus, publicar um manual ou guia para o usuário. Isso, certamente tornaria a convivência melhor, nesse modo de transporte. Por exemplo, evitaria discussões e até brigas entre usuários e às vezes entre estes e o motorista ou o cobrador.

Pécias pensou que, se existisse um manual para tentar a ordem no interior dos ônibus, o conteúdo poderia ser mais ou menos assim:

ÔNIBUS - UMA OPORTUNIDADE PARA A BOA CONVIVÊNCIA

1. Ao sinalizar para o coletivo, no ponto, a fim de embarcar:

Procure ver à distância suficiente e acenar com o braço estendido para que o motorista tenha o devido tempo e espaço para parar com segurança. (Uma vez em que o sujeito fez sinal com o pé e a perna, o motorista passou direto, como resposta ao suposto deboche.)

2. Respeite as vagas nos assentos.

Se reservadas para idosos, gestantes, obesos ou portadores de deficiência, sente-se se for um deles. Ou, se não for, sente-se desde que não haja nenhum desses presentes para ocupar os

respectivos lugares. Havendo essas pessoas e não tendo outros bancos para você, fique em pé.

E, em qualquer circunstância, quando sentar-se, ocupe apenas o seu lugar, sem abrir as pernas, sem se esparramar e sem se escorregar, para não tomar o lugar do outro. (Trasanteontem, por ter insistido nesse desrespeito, um rapaz foi empurrado para fora do banco e caiu sentado no corredor do veículo.)

3. Controle o volume dos sons.

Em conversas, mantenha o volume da voz apenas para que seu interlocutor o ouça, seja ele outro usuário ou alguém ao telefone celular.

Não cante, a não ser que seja profissional e tenha sido contratado, pela empresa de ônibus, para isso. Ou ainda, se todos os usuários solicitarem, desde que não atrapalhe os trabalhos do condutor e cobrador;

Ao ouvir música ou qualquer gravação sonora, utilize fone de ouvido. (Tem indivíduos que acham que se eles gostam de um tipo de música, os outros devem gostar também. E estes costumam ser, justamente, os que apreciam as músicas de qualidade mais duvidosa.)

4. Em pé, também mantenha a postura:

Não fique no meio do corredor, em relação à largura. Poste-se à margem, mais próximo da fila de bancos, de modo que outra

pessoa possa ficar na margem oposta e ainda possibilitar a passagem de uma terceira entre os dois, sem empurrões.

A postura no corredor deve prever que não se encoste a genitália no ombro de quem esteja sentado. Nem de ninguém. (Tal ato consiste numa grosseria, desrespeito e afronta, mesmo com roupa, é óbvio. Agora, sem estar vestido então, é razão multiplicada para imediatamente se chamar a polícia. A princípio, para se impedir um linchamento.) Para tanto, o passageiro em pé, deve postar-se na direção logo após o assento anterior.

Mantenha as portas e seus acessos livres. (Sob pena de ser empurrado, sem querer talvez, por alguém que vai descer e te leva junto, mesmo sem escolher tua companhia.)

5. Os odores devem ser suaves ou neutros:

O excesso de perfume ou desodorante pode ocasionar incômodos e náuseas;

A falta de asseio os ocasiona com certeza.

6. Na catraca.

Procure ter à mão o dinheiro trocado ou, melhor ainda, o cartão de transporte para ser lido pelo sensor que libera a catraca (Porque tem pessoas que guardam o dinheiro na meia e em notas graúdas. E quando estão na catraca, com uma fila atrás deles que vai até o lado de fora do veículo, é que vão sacá-lo. Com os passageiros à espera da realização de sua peripécia, também nos dias de chuva.)

7. Ao caminhar dentro do ônibus:

Deve-se pedir licença e, se possível, agradecer.

Não levantar os pés para transitar nos corredores entre as pessoas que também estão em pé. Movimente-se deslizando os pés, a fim de não sujar, com seus solados, os calçados e as calças dos outros.

8. Ler:

Leia seu próprio livro, jornal, revista etc.

Não bisbilhote o que os outros estão lendo. Essa curiosidade não é inteligente, mas invasora, grosseira e indevida.

9. Ao tossir ou espirrar:

Jamais tussa ou espirre sem apor um anteparo, qual seja, preferencialmente o meio do braço, dobrando-o. (Esta técnica foi comprovada experimentalmente, como a mais eficaz na retenção de vestígios da tosse ou do espirro. Trabalho este realizado pelos profissionais em efeitos especiais Adam Savage e Jamie Hyneman, no programa de televisão estadunidense Caçadores de Mito, exibido no Brasil, pela TV Cultura.);

Caso use um lenço, que ele seja alojado com exclusividade num bolso ou compartimento da bolsa. Assim, não contaminará a mão ou outros objetos;

Apenas use a mão em último caso. Ela só é menos pior do que não se usar nada, como o que espirra ou tosse livremente.

Mas, se vier a usá-la, que seja a esquerda. Pois, se for a direita, o contato ao cumprimentar os outros, será ainda mais contaminante. Embora a esquerda também deixará um tanto de bactérias por onde tocar.

E quando escorre, pelas vias nasais, a coriza ou o catarro — em vez de ficar sugando sem parar — procure assoar o nariz, com um lenço. E se este for de papel, não o jogue pela janela e nem no soalho do coletivo, e sim guarde-o para depositá-lo depois numa lixeira . Se alguém pensa que é charmoso ficar sugando pelo nariz, esqueça. É deselegante e desagradável.

10. Dormindo:

Ao que dorme com a boca aberta, nem adianta dizer que fique alerta, pois está fora de si. Mas enquanto está acordado, convém saber que, além de produzir uma horrenda cena, com a boca escancarada, ainda corre o risco de engolir uma mosca, ou um gafanhoto. É..., pode ser difícil, todavia gafanhoto existe, assim como janelas e bocas abertas, de modo que tudo é possível.

E, para não passar do ponto que vai descer, peça para alguém acordá-lo ou arrisque pôr o celular para despertar. Quem sabe você acorde antes do seu ponto?

11. Quando for desembarcar:

Antes de chegar ao seu local de desembarque, mova-se com tranquilidade e tempo até a porta de saída.

Sinalize ao motorista com a antecedência necessária para que ele possa parar com facilidade, conforto e segurança.

É isso. E alguns desses cuidados servem também para fora do ônibus. São bem-vindos nas calçadas, nos interiores das casas, nas lojas e nos locais de trabalho. Dessa maneira, o ir, o vir e o ficar podem influir mais para o bem-estar. O bom senso, como se vê, não é comum. Porém, o conformismo com o mal não pode prevalecer e a iniciativa, uma hora, alguém tem que ter.

Fica essa ideia para cada companhia responsável pelo transporte em ônibus. Enquanto isso, ao usuário que teve a paciência desta leitura, a sugestão para fazer sua parte. O benefício é direto, pelo comportamento que favorece a convivência e indireto, pelo exemplo que sempre o acompanha.

POEMAS

AURA DA SEXTA

Que a aura da sexta-feira,
que lhe traz tanta alegria,
se espalhe pela semana
logo à frente, por inteira,
igualmente em cada dia,
pra que seja mais bacana.

PÉS[2]

De chinelo e salto alto
não se deve dirigir,
pois enrosco de pedal
muda seu lugar de ir.
Em vez de bom passeio,
a viagem fica ao meio,
sem motivos pra sorrir.

Não sabote sua alegria,
tenha tento todo tempo,
é mister em cada dia,
porque basta um momento
de pequena distração
para pôr-se tudo em vão,
sem qualquer ajustamento.

[2] JERÔNIMO, J.R. *Vias e Versos, Por Um Trânsito Mais Humano*, Guarulhos, Ed. do Autor, 1ª edição, 2018.

Que o seu procedimento,
mesmo com legalidade
em se dirigir descalço,
prefira a seguridade
do pé firme ao calçado,
acudindo seu cuidado,
pra melhor mobilidade.

Vista-se de probidade
e se calce com juízo,
agindo como se deve
e fazendo o que é preciso,
que o respeito cabe até
no seguro com os pés,
pra mover pedais com siso.

FRASES[3]

A principal característica do vencedor é a: gratidão. Porque é exatamente no reconhecimento de cada bênção que recebe, que se legitima sua vitória.

Um clima de harmonia, num ambiente social qualquer, é direito e responsabilidade de cada um; ninguém está isento da sua parte.

Mascar chiclete - a exemplo de mastigar um alimento - com a boca aberta é tão elegante quanto embebedar-se.

Felicidade é um bem-estar, que está, principalmente, na saudável forma de pensar.

Tão mais generosa a filantropia quanto mais ela beneficia não só os que recebem as doações, mas também os que trabalham para gerar a riqueza que a possibilita.

[3] As Mil Frases de J.R.Jerônimo, Guarulhos, Ed. do Autor, 1ª edição, 2014.

MANOEL MONTEIRO

ASAS DA IMORTALIDADE

Voo do 14 Bis, no Campo de Bagatelle, na França, 1906.

IDOS DE 1880-1906, PRIMÓRDIOS DA AVIAÇÃO MUNDIAL

Na bruma dos tempos, o ilustre brasileiro Alberto Santos-Dumont catapultou para o futuro de glória o novo rumo da história da aviação mundial, antes, com várias contribuições de notáveis brasileiros através dos balões dirigíveis, do "mais leve do que o

ar", tendo como expoentes o santista Bartolomeu Lourenço de Gusmão (1709), o paraense Júlio César Ribeiro de Souza (1880), o potiguar Augusto Severo de Albuquerque Maranhão (1894) e o mineiro Santos-Dumont (1906), que singrou nos ares o voo do "mais pesado do que o ar", emancipando o domínio da dirigibilidade mecanizada, como ilustra a coleção de livros da História Geral da Aeronáutica Brasileira.

EM 1906, REALIZOU-SE O VOO DO MAIS PESADO DO QUE O AR

Alberto Santos-Dumont sonhou impetrar mais longe do que todos já haviam conseguido chegar. Conseguiu fazer que o "mais pesado do que o ar" alçasse voo pelo Campo de Bagatelle, às 16h45min do dia 23 de outubro de 1906, na França, ganhando o Prêmio Archdeacon. O Marechal Alberto Santos-Dumont veio a tornar-se o "Pai da Aviação" e "Patrono da Aeronáutica Brasileira". No dia 23 de outubro comemora-se o "Dia do Aviador" e da "Força Aérea Brasileira". Outrossim, a Força Aérea Brasileira designou o ano de 2023, em sua totalidade, em diversas homenagens, ao sesquicentenário (150 anos) do nascimento de Santos-Dumont.

INÍCIO DO SÉCULO XX, TRANSFORMAÇÕES E GUERRAS AÉREAS

Na esteira da história contemporânea, sublinhado aos favos da Belle Époque, ainda no início do século XX, os países realizaram uma corrida armamentista e fomentaram a indústria aeronáutica bélica, com técnicas e procedimentos aprimorando os conceitos estratégicos, operacionais e táticos, devido aos conflitos na Europa e na Ásia, que avizinhavam uma guerra ainda maior.

A guerra aérea já tinha precedente histórico, com a utilização de balões, em batalhas, como: Guerra Revolucionária francesa (1792), Primeira Guerra de Independência italiana (1849), Guerra Civil Americana (1869-1865), Guerra dos Bôeres (1899-1902). O episódio que marcou a introdução na guerra do conceito de aeronave desenvolvida por Santos-Dumont foi a Guerra ítalo-turca (1911). Também aeronaves foram utilizadas na Guerra dos Bálcãs (1912-1913). Entretanto, foi o eclodir da Primeira Guerra Mundial (1914-1919) que testemunhou uma guerra aérea de grande capacidade destrutiva no front do teatro de operações.

EM 1910, O AVIÃO "SÃO PAULO" DEU ASAS AO BRASIL

O escritor Aurélio de Mattos destaca em seu livro *O primeiro voo no Brasil e na América Latina*, publicado pelo INCAER, que nesse clima de inovação, desenvolvimento e desafios, despontou Dimitri Sensaud de Lavaud, espanhol de nascimento, filho de nobre francês, que veio morar no Brasil, em Osasco/SP, e aqui se naturalizou.

Dimitri era culto, poliglota e tornou-se engenheiro, dedicando-se a construir o que viria a ser o primeiro avião produzido aqui no Brasil – o "São Paulo" –, para o qual desenvolveu, juntamente com o seu mecânico brasileiro Lourenço Pellegatti, soluções próprias, como asas articuladas e motor mais leve e com melhor rendimento. Com esse avião, realizou o primeiro voo em aeroplano da América Latina, tendo percorrido 103 metros em 6s18, pelo monoplano "São Paulo" em Osasco, às 5h50 do dia 7 de janeiro de 1910.

Dimitri havia iniciado suas atividades de voo na França. Durante 1910, a incipiente indústria francesa aperfeiçoava-se, fabricando principalmente aeroplanos Voisin e Blériot (projetado

em cima do desenho do Demoiselle de Dumont), conforme sublinha a História Geral da Aeronáutica Brasileira.

EM 1911, FOI CRIADO O AEROCLUBE DO BRASIL, PRIMEIRO DO BRASIL, SEGUNDO DO MUNDO

O Aeroclube Brasileiro, posteriormente chamado de Aeroclube do Brasil, foi a primeira escola de aviação criada no Brasil e a segunda do mundo, antecedida apenas pelo "Aéro-Club de France". Fundado em 14 de outubro de 1911, na ata de fundação constam os nomes de civis e militares ilustres, políticos, professores e homens de negócios.

Sua primeira diretoria teve como presidente de honra o sócio fundador Alberto Santos-Dumont, que foi o primeiro aviador brasileiro brevetado no Aéro-Club de France. Essa prática de brevetagem para aviadores, já difundida na França, logo seria uma prática comum em todo o mundo.

O primeiro campo de aviação do aeroclube deu origem ao aeródromo militar do Campo dos Afonsos, e os primeiros aviões foram adquiridos com recursos arrecadados em "subscrição pública", os quais foram logo em seguida cedidos ao Exército para servirem pela primeira vez no Brasil como instrumento de observação aérea na Guerra do Contestado. O diretor da Escola de Aviação do Aeroclube, tenente Ricardo Kirk, engenheiro do Exército, foi a primeira vítima da aviação brasileira em operações militares. Ele é o patrono da Aviação do Exército.

EM 1914, FOI CRIADA A ESCOLA BRASILEIRA DE AVIAÇÃO

Em 2 de fevereiro de 1914, foi inaugurada no Campo dos Afonsos, com a presença do Ministro da Guerra, General Vespasiano de Albuquerque, num ambiente de entusiasmo, a "Escola

Brasileira de Aviação", destinada à formação de aviadores militares brasileiros do Exército e da Marinha. É neste ínterim que o Campo do Galeão, no Rio de Janeiro, emerge como pioneiro da aviação militar brasileira.

Emanada pela gleba dos inventores e aviadores brasileiros, insurgem-se nesse período duas tradições da indústria brasileira de aviação: a paulista, em Osasco, depois no Campo de Marte e no Campo de Cumbica com a Escola Paulista de Planadores; e a carioca, no Campo dos Afonsos. Essas duas escolas de aviação, a paulista e a carioca, elevaram significativamente a indústria aeronáutica brasileira. A tradição da indústria paulista, inicialmente, era mais voltada ao aviador civil, já à incipiente indústria da aviação carioca coube o destino de trilhar, inicialmente, a tradição da aviação militar brasileira. Mais tarde, a indústria aeronáutica ficaria concentrada no grande complexo industrial do Estado de São Paulo.

EM 1916, FOI CRIADA A ESCOLA DE AVIAÇÃO NAVAL

Pelo Decreto nº 12.167, de 23 de agosto de 1916, o então presidente da República, Wenceslau Braz, fundava a Escola de Aviação Naval, entidade pertencente à Marinha do Brasil, enquanto o Ministro da Marinha, Almirante Alexandrino Faria de Alencar, iniciava as negociações para a aquisição dos primeiros aviões militares brasileiros, a fim de equipar aquela Escola. Foram três Curtiss, modelo F, adquiridos dos Estados Unidos.

EM 1917, PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

A participação brasileira na Primeira Guerra Mundial foi estabelecida em abril de 1917, após os alemães terem afundado

navios brasileiros. Em outubro de 1917, o governo do então presidente Venceslau Brás declarou guerra às potências centrais. O Brasil mandou enfermeiras, médicos e aviadores que fizeram missões de observação no Mar Mediterrâneo.

O Armistício de Compiègne foi assinado em 11 de novembro de 1918, no famigerado trem de Foch, dando fim à Primeira Guerra Mundial, mas introduzindo o Brasil na cena internacional, como o único país da América Latina a participar e integrar a Liga das Nações, instrumento diplomático resultante da grande guerra, e que deveria promover a paz duradoura, devido sua participação ao lado dos aliados.

EM 1941, FOI CRIADO O MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA

Getúlio Vargas percebeu a importância de se reestruturar a aviação de combate do Brasil e, em 20 de janeiro de 1941, através do Decreto n° 2.961, criou o Ministério da Aeronáutica. O documento assinado pelo presidente Vargas transferiu para a Aeronáutica militares, servidores civis e instalações da Marinha, do Exército e do Ministério da Viação e Obras Públicas.

O Primeiro Ministro, Joaquim Pedro Salgado Filho, dividiu o território nacional em Zonas Aéreas e, em 22 de maio de 1941, através do Decreto-Lei nº 3.302, criou a Força Aérea Brasileira, o braço armado do Ministério da Aeronáutica. Estas foram reorganizadas e receberam novas denominações, em 22 de maio de 1941, através do Decreto n° 3.302, estabelecendo nesta data, dentre outras organizações da nova Força Aérea, a criação do 2° Corpo de Base Aérea, com sede no Campo de Marte, no bairro de Santana, município de São Paulo. No dia 29 de agosto de 1944, o 2° Corpo de Base Aérea passou a denominar-se Base Aérea de São Paulo, ainda com sede no Campo de Marte. Posteriormente, em 26 de ja-

neiro de 1945, a BASP foi transferida para os terrenos da Fazenda Cumbica, em Guarulhos, doados pela família Guinle.

EM 1945, A FORÇA AÉREA BRASILEIRA PARTICIPOU DA 2ª GUERRA MUNDIAL

Ainda na década de 50 a Força Aérea Brasileira teve o seu batismo de fogo durante a Segunda Guerra Mundial, tendo sido grandemente eficaz nas missões que desempenhou com o 1º Grupo de Caça, "Senta a Púa".

EM 1985, FOI INAUGURADO O AEROPORTO INTERNACIONAL DE GUARULHOS

Inaugurado no dia 20 de janeiro de 1985, o Aeroporto Internacional de São Paulo/Guarulhos - Governador André Franco Montoro dá início à sua trajetória, e a sua história se confunde com o novo ciclo de prosperidade que trouxe para o seu entorno. O Ministério da Aeronáutica doou 10 quilômetros quadrados de terras pertencentes à Base Aérea de São Paulo para construção do complexo aeroportuário, o que viabilizou muito a concretização do projeto para a cidade de Guarulhos, pois o impacto das desapropriações havia sido amenizado por esta singela doação.

PALAVRAS DE DESPEDIDA DESTE EXCERTO

Assim, é uma dupla honra viver e presenciar os 150 anos (sesquicentenário) da história de Alberto Santos-Dumont, a quem presto esta singela homenagem, primeiro por fazer parte da Força

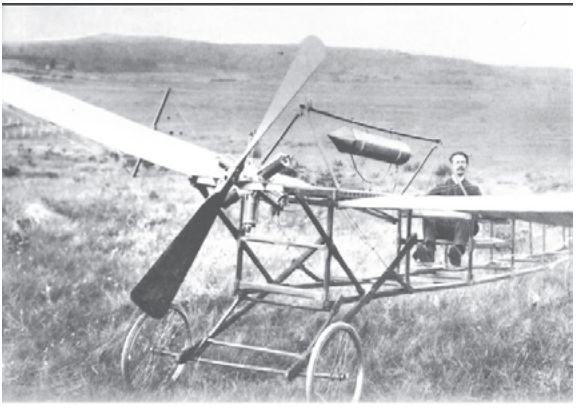
Aérea Brasileira e ter meu coração nos ares e, segundo, por representar, nesta casa de letras (AGL) nosso querido patrono do ar. Desejo que sempre a AGL seja um palco de belas histórias de grandes brasileiros. O Brasil singrou nas asas da imortalidade os magníficos feitos de gênios brasileiros na aviação mundial.

BREVE TRECHO DA "CANÇÃO BANDEIRANTES DO AR"

Nós somos da Força Aérea Brasileira
Nosso emblema é a águia altaneira
Que há de ser grande, forte e varonil!

Lutaremos, morreremos
Pela bandeira do Brasil
Lutaremos, morreremos
Pela bandeira do Brasil.

ICONOGRAFIA HISTÓRICA DA AVIAÇÃO BRASILEIRA E DE GUARULHOS

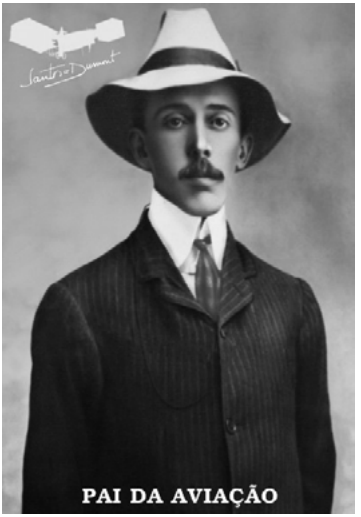


Primeiro voo em solo brasileiro (SP), 1910.

Réplica do primeiro avião construído no Brasil, chamado "São Paulo"

Visão do pátio de desfile da BASP

Prédio-Sede da Base Aérea de São Paulo



Alberto Santos-Dumont

Revista histórica, escrita e editada por Manoel Monteiro

Livro histórico, escrito e editado por Manoel Monteiro

MAURO DOS SANTOS OLIVEIRA

O PRESIDENTE DE ALMA CAMPESINA

Numa quarta-feira, cuja data não me ocorre, só sei que o dia que divide a semana estava todo tomado. No período matutino, atendi em meu gabinete pessoas que, adredemente, marcaram horário para tratar de assuntos delicados.

Convencionados, os clientes partiram e eu me debrucei sobre alguns volumes de um velho processo versando sobre desapropriação, instado que fui a me pronunciar sobre o inconformismo da Fazenda Nacional que, como é cediço, não mede esforços para postergar o pagamento devido por terras desapropriadas para que se construísse o Aeroporto Internacional de Guarulhos.

Ao toque do telefone, dentre os vários que atendi, Maria, um misto de mãe cuidadosa, preocupada e atenciosa, além de ótima cozinheira, anunciava que o almoço estava pronto. Hora sagrada quando todos os profissionais do escritório desciam para o refeitório e tomassem assentos na mesa posta, para saborearem a deliciosa comida ofertada.

Verdadeira família, degustam, sorvem e falam sobre amenidades, culminando, invariavelmente, com frouxos de risos com as piadas contadas. Saciada a fome e com o espírito elevado no tranquilo e pacífico ambiente que reina no nosso local de trabalho, cada um recolhe-se ao seu gabinete, dando continuidade no seu mister.

Início da tarde e lá estava eu novamente às voltas com outros processos cujo deslinde exige dedicação total do advogado. Pede prazo para um, junta provas noutro, justifica naquele que suscitou nebulosidade e assim segue o sacerdócio de quem escolheu representar aqueles que lhe outorgaram mando para tal.

Caía a tarde, quando ao interfone atendi Mônica, que como sempre, educadamente, disse sem meias palavras: "Tem um presidente lhe aguardando na recepção".

Concluí o pensamento, assentado na petição sobre a tela do computador e, quebrando a norma, fui para a recepção curioso por encontrar o presidente anunciado e fiquei feliz quando deparei com uma cena inusitada: acomodado na poltrona e apoiado na indefectível e surrada bengala, cochilava o nosso amigo e confrade Castelo Hanssen que, ao toque delicado no ombro, abriu os olhos e sorriu cumprimentando com abraço afetivo.

Conduzido à sala de trabalho, devidamente ajustado na cadeira, estava o ilustre presidente da Academia Guarulhense de Letras, única Instituição reconhecida pelo órgão público como representante da Cultura em nosso Município.

O amigo que muito nos honrou, a mim e à doutora Teresinha, parceira na vida e nas lides forenses, veio nos visitar e, como regra, almoçar conosco. Durante o inesquecível encontro que durou horas, depois de declamar alguns poemas recentes e ainda não publicados, Castelo pediu licença para retirar-se, pois

iria para casa tratar de assuntos rotineiros, quando a confreira Teresinha deliberou: aguarde alguns instantes que, vou ultimar uma petição e, depois de um café, o levaremos para a sua residência.

Assim foi feito: acomodado no banco traseiro do automóvel, Castelo, a bengala e algumas revistas que ganhou da Teresinha, assumi o volante e fomos em direção à sua residência; porém, a confreira solicitou que eu me dirigisse à praça Getúlio Vargas. Obedeci e lá fomos nós e, no local, Teresinha saiu prometendo não demorar e, no retorno, entregou um pacote para Castelo, dizendo: "Abra e veja se é do seu agrado". O presidente pôs-se a desembrulhar o presente e, ao tateá-lo, percebeu tratar-se de uma nova e reluzente bengala articulável. Num misto de felicidade e emoção, agradeceu o gesto da amiga.

Este círculo moldado em letras e amizades resume as nossas vidas entre cores, flores e amores. Juntos nós somos um com os sonhos de dez, a esperança de cem e a força de mil. Unidos pela cultura, pelo amor e pela fé, seremos milhões em busca de um lugar ao Sol. Este espaço sempre acolherá as nossas crianças, os nossos anciãos e os nossos amigos.

...Nas nossas vidas não há lugar para dissabores, rancores e nem para dores. Fomos agraciados por Deus contra desamores.

Nota do autor: este trabalho ficou no escaninho por algum tempo e somente foi concluído com o auxílio auspicioso da minha fiel companheira, Teresinha Silva Maltez de Souza, confreira detentora da cadeira nº 11 da Academia Guarulhense de Letras.

O CRIME
QUE O VALDIR
NÃO COMETEU

(meados de janeiro de 2.006)

Este tal Valdir Carleto
jornalista contumaz,
suporta, em seu esqueleto,
um tremendo ladravaz,
pois, vive surrupiando
os versos que o outro faz.

Depois dos “versos roubados”,
com bastante experiência,
os coloca lado a lado,
dando sempre uma sequência,
depois dá o seu recado
demonstrando sapiência.

Declama versos a mancheia -
demonstrando a sua ideia,
no trato da coisa alheia
esbanjando panaceia,
ofertando o que anseia
para a distinta plateia.

Troca uma muda de roupa
prosseguindo os seus intentos.
Emposta a voz quase rouca
ensaiando movimentos
e numa sequência louca
vai mostrando o seu talento.

Lembrando vários autores
vai desfilando canções,
sempre falando de amores,
letras fortes de paixões
e em sucessões de louvores
vai prendendo as atenções.

Cabe aqui reflexão
quanto à espécie de delito.
O título, ora em questão,
é impróprio e, acredito,
Foi pra gerar confusão,
Pois capitula outro tipo.

Se formos ao pé da letra,
roubo não se configura,
no máximo, fizeste mutreta
tramando grande mistura,
entrelaçando operetas,
músicas, prosas, cultura.

Roubados, versos não foram.
Se muito, emprestaste o uso,
pois, lembrados, renasceram
mesmo que por meio escuso
e, afinal, resplandeceram
sem mal querer, sem abuso.

Não praticou violência,
Tampouco, grave ameaça.
Se armou de inteligência
sem precisar de comparsa,
nem demonstrou truculência,
Na timidez que disfarça.

Então, nobre jornalista,
peço agora, breve pausa.
Não requer bom penalista
pra defender sua causa
nem de um sensacionalista
desses que provoca náusea.

Basta ouvir quem foi lhe ver
trabalhando num tablado,
um a um, a prometer,
ser o seu advogado,
visto que, nunca roubaste
e sim pegaste emprestado.

Queira, Valdir, com louvor,
receber seu veredicto:
A absolvição é de rigor,
pois, seus amigos convictos
lhe demonstram muito amor
provando como és bem quisto.

Respeitosa homenagem do Dr. Mauro dos Santos Oliveira ao acadêmico e jornalista Valdir Carleto, autor e ator do monólogo "Versos Roubados".

ROBERTO SAMUEL

SALVEM AS MULHERES

Salvem as mulheres de seus destinos sem horizonte, de suas vidas sem metas e limitadas por um mundo sufocante. Salvem-nas de seus opressores que entendem ser seus legítimos proprietários, afinal, eles as amam tanto que morreriam e matariam por elas. Salvem-nas de seus salários reduzidos, pois, são mulheres, meu Deus do céu! Tirem de suas retas os socos, os chutes, as facadas e os tiros. Desviem de seus ouvidos as injúrias, os palavrões, os bofetões. Salvem-nas das taças mais amargas e de seus príncipes encantados, hoje mais que desnecessários.

Salve a mulher, pai e mãe de tantas gerações. A mulher de três turnos de trabalho. Salve a linda mulher que chama a atenção por onde passa, o ser fascinante, apaixonante. A menina, primeira namorada que ficará eternamente nos sonhos de quem a amou, sem envelhecer, sem jamais morrer, um ser raro e único em nossa existência. Uma doce lembrança que será retocada com tons cada

vez mais suaves, amenos, até se tornar um belo conto para nos embalar e nos fazer dormir nas noites mais escuras e tristes de nossa vida futura. Salvem-nas de seus príncipes perfeitos demais, encantados demais. Salvem-nas de seus castelos mal-assombrados, dos cavaleiros andantes, dos terríveis dragões que cospem fogo e que as mantêm presas nas torres mais altas, dos castelos mais distantes da luz.

Salve a mãe subnutrida, subdesenvolvida, submergida, subentendida, subjugada, enganada, abandonada, quase nunca ouvida. Mãe de tantos santos e demônios, de canalhas, mãe dos homens que batem em mães. Mães de ladrões, corruptos, covardes, mãe de gênios, mãe de Deus, mãe do céu, mãe de todos nós. Mulher protetora da ninhada. Mãe desatadora de tantos nós, dos nossos nós, mãe do socorro! Mãe da ajuda! Ahh! Que lindas! Depois de mortas elas não precisam de suas flores, de seus lamentos por tantas dores, de suas lágrimas e velas. Afinal, quem hoje vela por elas?

Salvem-nas de suas saias curtas, de seus decotes exuberantes, salvem-nas de suas calças justas, de suas roupas transparentes: salvem-nas de seu jeito tão amável e sedutor. Salvem-nas para cuidar das filhas de suas filhas, pois agora também são mães dos rebentos de suas herdeiras. Salvem-nas para não ver sua história se repetir com suas filhas. Salvem-nas dos ataques nas ruas mal iluminadas de tantas ruelas, protegem-nas dos olhares lascivos, das piadas maldosas. Salvem-nas de sua beleza cativante, de seu olhar bondoso e brilhante, de seu bondoso coração, de seu instinto materno. Salvem-nas de tantos belos, preciosíssimos dons e atributos que Deus lhes deu e que hoje fazem delas vítimas, como se fosse crime possuir tais graças. Quando o último feminicídio for cometido contra a última mulher, a humanidade finalmente terá seu fim e o planeta Terra seguirá feliz pela imensidão do universo.

SEMEADORES

Deixe sua vida, seus parentes, seus maiores tesouros e me siga para cuidar de uma família muito maior. Venha comigo plantar, colher e distribuir esperança aos que estão desistindo do caminhar. Esse é nosso divino chamado para cuidar da vida dos que são esquecidos, ignorados e deixados pelas estradas dessa existência.

Não tenha medo! Deus nos habilita, nos prepara e nos ensina a escolher as melhores sementes, a lançar no momento e no terreno certo a palavra para germinar, tornando-se uma árvore que traga fruto aos famintos e sombra aos cansados. Creia, Ele habita em nós! Quase nunca saboreamos os frutos nem aproveitamos a sombra das sementes que lançamos. Hoje, descansamos em sombras e comemos os frutos semeados por proclamadores da palavra de outras épocas, os que passaram por aqui antes de nós.

Olha, gente, a compaixão é um sentimento e deve ser exercido aos que cometem erros, não aos corretos. A compaixão é um unguento para os enfermos, não aos são. Os que têm o peito carregado de ódio representam o terreno pedregoso, em que a semente até germina, mas não sobrevive muito tempo. Vivemos uma cultura de ódio, de olho por olho. Estamos ainda no velho testamento, mas Jesus já anunciou: amai-vos uns aos outros. Devemos mostrar o caminho até as boas novas de Cristo chegarem. Nosso destino é seguir semeando!

Amar a Deus é construir uma cultura de paz, é cuidar das feridas das almas mais perdidas, mais atormentadas, é ter clemência para os que cometeram atrocidades, é amar e compreender que nas almas mais perturbadas é onde devemos tentar plantar o amor. Para amar o próximo é necessário compreender que ele precisa de

ajuda, de socorro. Para os mais atormentados pelo ódio, que se arrastam pelo chão, para os que todos já abandonaram, a clemência deve ser exercida com amor.

A verdade deve ser o parâmetro, a meta a ser perseguida. Amar a Deus é amar a verdade, Deus é amor e verdade! Mas não basta amar, precisamos ser verdadeiros! Onde dois ou três estiverem falando de Deus, eles estarão falando sobre verdades. Podemos ser o ponto de encontro dos mais necessitados, dos famintos, dos que procuram a Justiça. Somos ferramentas importantes no projeto de Deus. Somos meros agricultores destinados a plantar nos terrenos mais improváveis. Não somos profetas, nem milagreiros, somos operários de uma grande messe.

O amor rompe as cadeias, quebra correntes e sepulta magoas. Liberta almas e sonhos e no céu, entre as nuvens, nossos sonhos se unem aos sonhos de outros que ainda se permitem sonhar e construir pontes. Para que, um dia, quando todas as sementes estiverem plantadas, com o sol da vida se pondo no final do horizonte, possamos sentar juntos como família e sentir que estamos todos de volta finalmente. Retornamos para casa.

OS TOLOS DA ALDEIA

A profissão de jornalista é muito jovem e desde que nasceu vem evoluindo, se construindo dia a dia e está longe de estar pronta, acabada. Costumo dizer que nasci jornalista, tenho essa anormalidade em minha genética. Amo e me dedico no que faço. E desde bem cedo percebi a importância e os perigos da profissão.

A gente pode destruir a vida, a carreira ou a honra de uma pessoa ou de uma empresa com palavras mal colocadas, com informações inverídicas ou sem a devida apuração.

Ser jornalista não é somente escrever, falar ou apresentar programas. Ser jornalista é antes de tudo saber que a comunicação é uma ferramenta fundamental para a boa compreensão da realidade, uma construção cultural. É saber que cada palavra terá efeitos diferentes em pessoas diferentes. A palavra tem força e os meios de comunicação têm o poder de ampliar o poder da palavra emitida; ser jornalista é criar documentos para as futuras gerações, é relatar os fatos de sua época de forma fidedigna e clara.

Há tempos estamos sofrendo um rebaixamento do nível intelectual, estético, ético. Nosso saber é cada dia menor e menos apreciado. A ignorância está mais valorizada do que o acúmulo de conhecimento. A moda agora é o amadorismo! O especialista, o profissional, é menosprezado, as escolas, as universidades não são tão importantes e desejadas como antes. Em quase tudo, tudo é muito raso, feito sem capricho, sem esmero, sem um olhar profissional. Gostamos mais da piada tosca, ofensiva, do que do humor mais inteligente com textos mais trabalhados. O chamado textão de internet não possui cinco parágrafos, puro reflexo de nossos dias. A comunicação não ficou imune a essa cultura do amadorismo irresponsável.

As mídias digitais deram voz a todos, mesmo aos que, sem nenhum preparo e sem responsabilidade social, usam perigosamente o microfone, a caneta, a câmera, correndo o mesmo risco de causar tanto mal quanto um médico que não possui o mínimo de preparo e usa um bisturi para retirar suas amídalas. O jornalismo

pertence à área de Comunicação Social, você sabia disso? Hoje, a aparência, a lacração, o ganhar no grito, o poder de cancelamento é mais importante do que o conteúdo, o humano não conta mais.

O médico precisa estudar antes de medicar, o engenheiro, o professor, o motorista, o farmacêutico, o operador de máquinas, todos precisam se preparar antes de começar a trabalhar. E então, por que tantos querem ser jornalistas sem ao menos terem lido um livro de teoria da comunicação? Saber bem o significado de cada palavra e qual o valor histórico dela. E principalmente saber se foi induzido ou se está induzindo alguém e para qual direção. Alguém aí já ouviu falar sobre a teoria da Espiral do Silêncio, proposta pela alemã Elisabeth Noellee-Neumann? E sobre a Teoria Hipodérmica, a Teoria de Efeitos Limitados, a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, a Teoria do Agendamento, Gatekeep, Newmaking?

Adolf Hitler foi eleito democraticamente, levantou a Alemanha no pós Primeira Guerra Mundial, que estava afundada em hiperinflação, dívida e fome. Em poucos anos fez da Alemanha uma grande potência mundial. De forma eficiente, feito uma linha de produção da morte, matou meio milhão de ciganos, 6 milhões de judeus, 7 milhões de soldados e civis soviéticos e os que não eram considerados arianos (não vou explicar o significado da palavra).

Andando pelas noites e finais de semana de São Paulo na minha adolescência, conheci um pessoal estranho que se dizia nazista, se vestiam como se fossem metaleiros (apreciadores de heavy metal) mas um deles era negro, havia pardos, nordestinos e também um oriental. Dos dez integrantes, apenas dois eram realmente brancos. Ou seja, eles não tinham a menor ideia do que pregavam e como agiam os nazistas alemães. Para falar e defender algo, é preciso conhecer quem, onde, como, quando, por que e a quem interessa. Pensando bem, somos mesmo tolos.

POVOS ORIGINÁRIOS

Antes da chegada dos portugueses à nossa terra éramos livres e totalmente independentes, tínhamos tudo, nada nos faltava. Pindorama era o retrato fiel do Éden, do paraíso relatado na Torá dos judeus, na Bíblia dos cristãos e no Alcorão dos muçulmanos. Ora, ora, Adão e Eva poderiam viver aqui sem precisar do suor de seus rostos para comer pão, mas com certeza iriam preferir o beiju indígena. Vivíamos livres e isentos dos pecados, das regras morais de uma Europa imersa em imoralidades, livres de impostos. Fomos agraciados com o dom da inocência. Aqui o todo poderoso não plantou a árvore do conhecimento do bem e do mal, assim não correríamos o risco de desobedecer ao Deus Uno. Éramos livres do trabalho forçado para se ter sempre mais, livres da angústia da ambição por ouro, prata e diamantes. Livres iguais aos pássaros, aos animais. Bem melhor se jamais nossa terra tivesse recebido invasores tão impiedosos, gente tão selvagem, inculta e incivilizada. Depois daquele triste 22 de abril, nunca mais sentimos o sabor da liberdade. Para eles, fomos tão somente uma fonte de ouro, de prata, de diamantes; nunca fomos gente para eles.

Caso aquele povo, que fedia tal qual carne podre, levasse todas essas coisas inservíveis para sua terra, mas nos deixasse aqui em paz, eles seriam apenas uma triste lembrança. Algo a ser evitado e temido como o bote de uma cobra Urutu Cruzeiro. No entanto, eles ficaram e nos forçaram a usar estranhos e desnecessários trajes, a negar tupã, a travar suas guerras, a rezar para outros deuses. Eles tomaram nossa alma, tentaram quebrar nosso vínculo com a terra, com a floresta. Eles nos fizeram escravos de seus costumes, trouxeram doenças, nos fizeram viver do pior jeito possível, nos fizeram viver como os brancos. Nos forçaram a usar sua língua e

esquecer a nossa. Até tentamos impor nosso cantar, nosso jeito de falar, mas com o tempo eles nos venceram, então, nos calamos. Nosso coração, que sempre foi uno, murchou, perdeu o viço.

Mas nunca esqueçam: essa terra ainda é nossa, apesar de seus papéis dizerem o contrário. Documentos criados por vocês, para beneficiar seus iguais, dizendo suas verdades e ignorando as nossas. Vocês têm os papéis, nós temos as matas e o céu como testemunhas. Os rios e as cachoeiras gritam em nosso favor, contando e recontando nossa história de milhares e milhares de luas antes de sua chegada às nossas terras. A natureza tem mais força e poder do que seus documentos. Não esqueçam, seus papéis foram forjados com o cerne das árvores de nossas matas. A natureza é nossa mãe e um dia ela cobrará o que nos foi tomado. Meus mais antigos antepassados viraram pó e agora fazem parte deste chão. Meu pai, minha mãe e meus avós alimentaram essas matas com seus corpos e suas almas iluminam a noite. Em dias de grande tristeza, o vento me anima com suas canções, me alertando que preciso continuar a luta e preservar este mundo para os meus filhos e netos. A brisa e o orvalho do alvorecer me avisam que um dia me tornarei pó desse chão e estrela em noite escura para iluminar os netos dos netos de meus netos.

PRECISA-SE DE REIS MAGOS

Neste mês de dezembro haverá muita fome, choro, decepções, tristeza. Haverá soluços, suspiros, desalento, desencanto, haverá vazios. Haverá também lembranças! Neste mês haverá saudades, muita saudade. Neste mês muita coisa não mais haverá. Muita coisa deixou de ser. Tantos sonhos foram enterrados, tantos futuros soterrados, interrompidos.

Este ano não foi fácil, foi um ano que nem começou, foi um ano que não foi, acho que ele nem chegou a vir. Nada construiu, muita coisa ruiu, tanta coisa sumiu. Muita coisa e muita gente se foi tão rápido, sem avisar, quase sem perceber e sem querer ir, se foram feito raios e nem pudemos dar um último adeus, um último beijo. Aquele aperto no peito, aquela vontade de sair gritando pelas ruas feito louco. Foi um ano horrível.

Um ano doído demais. Cada dia era um susto, amigos partindo, estrelas sumindo, meus Deus! Foi um ano para ser esquecido, jamais ser lembrado, um ano para não passar de um vazio no calendário do tempo, um ano do qual ninguém sentirá saudades.

Estradas foram fechadas, mentiras foram contadas em vias bem pavimentadas, as verdades foram vítimas fáceis de oportunistas ansiosos por ganhar milhões e milhões de reais. A saúde e o medo da morte viraram oportunidades, fontes, minas, armas utilizadas para arrancar milhões dos cofres públicos, dos bolsos dos cidadãos em troca de vidas miseráveis e outras nem tanto.

Contudo, e apesar de tudo, ainda existe o Natal, a doce espera pelo menino Jesus. Sim, ele sempre esteve entre nós. E no dia 25 nasce, simbolicamente, no coração dessa gente cheia de esperança. Neste ano de tanta dor e medo, de imensas perdas, proponho você não esperar o Papai Noel, tampouco desejar presentes! Neste ano sugiro que você saia sem rumo definido pelas ruas mais pobres de nossa cidade procurando pelas Marias mais sem esperança. Não, não grave, nem faça fotos. Essa ação deve ser sigilosa, mágica. Procure pelas crianças que não receberam presentes, que nada têm de especial para comer.

Procure os tantos Josés desempregados que nada têm para levar para casa. Proponho que você se torne um Rei Mago neste

Natal. Se vista de humildade, esqueça os seus bens, esqueça as tantas feridas abertas ainda tão enfermas. Pegue seu alforje, encha de arroz, feijão, não esqueça um docinho para as crianças. Complete de amor fraterno, de carinho e muitos beijos e abraços. Procure bem até encontrar e abrace Maria, José e a criança. Deseje feliz Natal! Entre em mais uns casebres e encontre outras Marias, outros Josés e tantos outros meninos, entregue coisas mais preciosas do que mirra, incenso e ouro. Entregue o que eles mais precisam: alimento, esperança e conforto. De madrugada volte para casa com os bolsos cheios de bênçãos e ceie com os seus. Reze e repare que a estrela de Belém ainda brilha!

SÍLVIO RIBEIRO

COMO SURGIRAM IMPORTANTES BAIRROS DE GUARULHOS

Modestos bairros: Vila Galvão, Torres Tibagy, Gopoúva, Vila Augusta, Parada Sorocabanos e o terminal que ficava onde é a atual praça Prefeito Paschoal Thomeu. Aproveito aqui para falar um pouco da Estrada de Ferro da Cantareira, do seu principal Ramal, o de Guarulhos, que, em 1915, num prolongamento a partir da Estação Guapira, depois modificada para Jaçanã em São Paulo, ligou nossa Guarulhos à Capital e em decorrência passou, com sua introdução, a trazer o progresso a uma grande parte do município guarulhense.

Naqueles tempos, Guarulhos era totalmente carente de vias de acesso a São Paulo. As principais e únicas ligações com a Capital eram através do rio Tietê, que era totalmente navegável, e através da estrada da Conceição, atual avenida Guarulhos, que

conduzia o guarulhense até o centro da Capital, após transpor o rio Tietê, divisa natural e que nos separa da metrópole, sobre uma enorme ponte de madeira, ponte essa que originou o nome do bairro da Ponte Grande, um dos primeiros e importantes bairros de Guarulhos. De 1915 até início dos anos cinquenta, o trem era utilizado praticamente para o transporte de materiais produzidos em Guarulhos, como produtos hortifrutigranjeiros, que abasteciam diariamente o grande mercado municipal de São Paulo, e materiais de construção, como tijolos e telhas, aqui fartamente produzidos e muito utilizados nas principais construções da Capital.

Praticamente a partir de 1950, as composições começaram a contar com carros de transporte de passageiros e a partir do início dos anos sessenta os vagões de cargas deixaram de ser utilizados e as composições praticamente se transformaram em transporte de passageiros. Nesses tempos, Guarulhos era considerada uma cidade-dormitório, ou seja, os moradores que trabalhavam em São Paulo para lá se dirigiam bem cedo por meio dos trens, apenas retornando no escurecer, para dormir. Guarulhos não dispunha de indústrias e o comércio era bem acanhado. No final da década de cinquenta é que a cidade passou a contar com grande número de indústrias de grande porte, que aos poucos foram se instalando no município, apagando a alcunha de cidade-dormitório, com os moradores sendo fixados como funcionários delas.

Com o advento das rodovias Presidente Dutra e Fernão Dias, por questões políticas e pressão natural da implantação da indústria automobilística no Brasil, em especial São Paulo, o trem de Guarulhos foi totalmente desativado em maio de 1965. Durante exatamente cinquenta anos, o trem da Cantareira, ramal de Guarulhos, trouxe o grande crescimento demográfico para o município,

e com sua total extinção a população dos bairros citados, que surgiram com sua passagem, ficaram à mercê da esperança de novos tempos de transportes que nunca mais chegaram. O trem, em si, a despeito de sua simplicidade, era folclórico, alegre, útil e amado por todos seus usuários e certamente deixou muita saudade. Ficou marcado na história guarulhense.

Em 1953, concluí o curso primário no Grupo Escolar de Gopoúva. Para continuar meus estudos, ou seja, cursar o Ginásio, não havia tal curso em Guarulhos: funcionava apenas uma sala de aula anexa ao Grupo Escolar Capistrano de Abreu, que ficava nas proximidades do campo de futebol do Clube Paulista de Guarulhos. Por isso, em 1955, fui obrigado a participar de um concorrido vestibular e ingressei na Escola Técnica Getúlio Vargas, na rua Piratininga na região do Brás, na Capital de São Paulo, no curso Ginásio Industrial, onde me formei em 1960 e para onde me dirigia diariamente através do trem que partia da estação de Gopoúva às cinco e meia da manhã, pois tinha que estar na escola às sete horas em ponto, já que as aulas começavam exatamente nesse horário e iam até as cinco horas da tarde; se chegasse atrasado, não era permitido o ingresso na escola.

Nesses tempos de minha adolescência, uma grande satisfação era a de passear pela praça Getúlio Vargas, a primeira de Guarulhos, recém-inaugurada em 1954, nos altos da cidade, em terreno onde havia a praça de esporte do antigo Esporte Clube Paulista de Guarulhos e que fora desativada através de um decreto municipal de desapropriação por necessidade pública, para a instalação da praça. Foi um ato que desagradou em muito o Clube do Paulista e seus aficionados, gerando demandas; porém um tanto necessário, pois Guarulhos, que não parava de crescer, era total-

mente carente de logradouros públicos para acomodar e dar um pouco de lazer aos moradores que para lá se dirigiam nos finais de semana. Um destaque maior e que chamava a atenção dos frequentadores era a bela fonte luminosa instalada na praça, com seu múltiplo chafariz, ornado por luzes multicolores, que iluminava e dava grande brilho em quase toda a praça, plenamente admirada por todos, sem contar a andança dos alegres casais de namorados que ali trocavam suas juras de amor. Nessa época, Guarulhos dispunha apenas da rua D. Pedro II para todos os eventos, comércio, passeios... Era para onde todos iam nos sábados à noite, domingos o dia todo, principalmente à tarde e à noite, nos vaivéns (o chamado footing). Bons tempos!

Um momento de muito agrado para os jovens guarulhenses era aos sábados à tarde, quando iam dançar no salão do Clube Recreativo, que ficava na esquina da rua Luiz Gama com D. Pedro II; ali, os rapazes e as moças se divertiam ao som de vitrolas que rodavam os discos (bolachões) com as músicas da época, boleros, calipso, foxtrote, aquele sambinha telecoteco e outras delícias dançantes, até que o dia escurecesse e, sempre, num clima de total respeito mútuo, invejável nos dias de hoje, as moças, normalmente de famílias tradicionais do município, eram respeitadas. Que me lembre, nunca houve qualquer tipo de desentendimento. A administração do Clube Recreativo ficava no casarão que havia na atual praça Conselheiro Crispiniano, que era de propriedade da família D'Andrea. Depois de demolido o casarão, o Recreativo instalou-se em suas próprias dependências na rua Nilo Peçanha, onde ainda hoje se encontra.

Desses tempos, não posso deixar de falar sobre outra diversão dos adolescentes, a pesca no rio dos Cubas, cuja largura

alcançava mais de três metros, atualmente totalmente recoberto pela avenida Paulo Faccini e os baixos do Bosque Maia. Lá, pelos idos de 1958/59/60, se pescavam lambaris, carás e outros peixes menores de água doce; podia-se nadar tranquilamente nos poções formados em seu percurso e, o mais importante, com uma concha formada pela junção das mãos, se podia beber de suas águas limpas e cristalinas. Não existia ainda a avenida Tiradentes, artéria de Guarulhos, apenas um caminho que conduzia ao local hoje conhecido como bairro do Cocaia, e para se transpor o rio dos Cubas, havia uma pequena e rudimentar ponte de madeira e, nas proximidades, algumas "pinguelas".

Outro local também muito frequentado era o querido Tietê, com sua fartura de peixes, água límpida que também se podia beber; o nado e os passeios de barco completavam a diversão. Tempos inesquecíveis.

Outro local muito bonito e de muito peixe, porém proibida a pesca pelo proprietário, de uma tradicional família de Guarulhos, era o lago formado a partir da confluência da rua Nilo Peçanha com a atual avenida Tiradentes: tomava toda a largura da atual avenida Tiradentes e sua extensão alcançava os limites do atual clube da ACM. O lago era alimentado pelo córrego dos Cavalos, atualmente todo recoberto pela avenida.

Na rua Nilo Peçanha, para cruzar o córrego dos Cavalos, havia uma pequena ponte de madeira, cujo vão mal dava para passar uma carroça comum. Da ponte, se tinha um belo visual, pois, no centro do lago ali contido, havia uma espaçosa ilha ligada à margem direita de quem a avistava por uma pontezinha de madeira em curva, onde os moradores e proprietários do lago faziam

seus piqueniques de fim de semana. Mesmo sendo proibida a pesca no lago, espertalhões pescavam à noite, às escondidas, de cima da ponte. Do outro lado da ponte, em meio a um terreno florestal, corria lentamente o córrego dos Cavalos, que sustentava o lago, levando as águas que escorriam do mesmo pelo vertedouro.

Em 1974, concluí o 2º grau no Liceu de Artes e Ofícios da Capital. Em 1978, eu me formei em Direito na FIG - Faculdades Integradas de Guarulhos, hoje Centro Universitário FIG-Unimesp, na Vila Rosália.

Também, por ser técnico em Desenho de Mecânica, após ter passado e sido aprovado por uma exigente banca examinadora, no Departamento Estadual do Ensino Industrial, recebi o título de professor de Desenho Mecânico. Por essa condição, em 1972, participei da fundação da Escola Diâmetro de Desenho, que passou a utilizar, por processo de locação, uma sala do Colégio Kennedy, atuando como professor, tendo ali exercido as funções até o final de 1973.

Time do Paulista de Guarulhos, em 1948, no campo da atual praça Getúlio Vargas

Praça Conselheiro Crispiniano em 1940 – onde se destaca, além do casarão D'Andrea, o antigo Cine República – o único do centro de Guarulhos – Nesse local havia a Igreja Nsa. Sra. dos Homens Pretos e de São Benedito, demolida em 1930.

Grupo Escolar de Gopoúva (1953) – Alunos do 4º. Ano - Silvio Ribeiro é o 2.º em pé, da direita para a esquerda. No centro, sentadas, a diretora Margarete (à esquerda) e à direita, a professora Laura. Ambas na época residiam em São Paulo, vindo para Guarulhos todos os dias

Barcaça carregada de tijolos parada em porto do Tietê, prontos para serem entregues em São Paulo (1948), num porto próximo à ponte das Bandeiras, com destino ao Centro de São Paulo

Trem passando por Vila Augusta – com destino à estação Guarulhos – 1958

Fonte luminosa instalada na inauguração da praça Getúlio Vargas em 1956

TERESINHA SILVA MALTEZ DE SOUZA

2023 – ACONTECIMENTOS...

Meu neto Vinícius, 15 anos, cabelos nos ombros, namorado da Beatriz – Bia, ano de 2023, grande homem, não é mais uma criança, mas, ainda, causando! Estuda no Colégio Objetivo, porém uma série de desavenças causadas pelo fenômeno Covid obrigou o aluno cabeludo a frequentar novo endereço, do mesmo Sistema. Novato no ambiente, deparou-se com a turma de alunos divertidos e muito acolhedores, que logo lhe destinaram um apelido, "Jesus". De volta ao lar, relatou para a família ter sido muito bem recebido, e que, inclusive, devido aos seus dotes físicos, recebeu o adorável apelido. O regime nesse colégio é o semi-integral, obedecendo dois intervalos entre as aulas, o que obriga Vinícius a levar dois lanches; porém, em fase de crescimento, a fome aperta e Vinícius devora os dois no primeiro tempo e, consequentemente, fica "a ver navios" no segundo. A sorte ampara o faminto: os colegas moderados acabam cedendo parte de suas iguarias para socorrê-lo. Ao

se referir ao angelical acontecimento para a família, a namorada Bia se pronuncia dando uma explicação sobre a bondade dos amigos: Eles não o chamam de Jesus? Portanto, estão fazendo uma oferenda! Todos riram concordando com a explicação da vidente. Não demorou muito tempo e lá vem o Vinícius com outra pérola: Mamãe, a turma que nunca me chamou pelo nome de batismo, apelidando-me de Jesus, agora me denomina "JC". Apelido apropriadíssimo para uma criatura que é completamente do bem e que só tem amor para dar!

Já, Daniel, neto com 18 anos, prestou vestibular para Engenharia da Computação em várias faculdades e, para honra e orgulho da família, obteve êxito em algumas, tendo escolhido uma localizada no município de Sorocaba – Facem. Matrícula efetivada, restava procurar um lugar para morar. A cidade de Sorocaba é muito concorrida, tem muitas faculdades e ele, indeciso, demorou para encontrar morada. Quando já estava prestes a iniciar as aulas, o calouro Daniel e sua inseparável genitora partiram em busca de abrigo nos arredores da sonhada faculdade.

Correria total e, quando apareceu a primeira oportunidade, fecharam negócio: um quarto numa casa compartilhada, distante oito quilômetros da faculdade. O imóvel não só agregava estudantes, mas, também, trabalhadores de outras cidades. Daniel, que em sua jornada estudantil morou sozinho em Jundiaí, sempre contou com a proximidade do colégio, do comércio e da academia de ginástica, agora se vê em palpos de aranha, geograficamente. Nunca andou de ônibus; portanto, sem experiência neste quesito. Pôs-se a pensar numa solução e, neste novo habitat, em terras longínquas, descobriu que havia uma ciclovia nas proximidades e que uma

bicicleta resolveria o problema de locomoção. Era só pegar a pista e logo estaria na faculdade. No primeiro dia de aula, a mãe foi levá-lo e passaram o resto do dia conhecendo os arredores do lar, onde Daniel poderia comprar alimentos e o que mais precisasse.

No segundo dia de aula, com meia hora de antecedência, montado em sua bicicleta e com tempo suficiente para cobrir o percurso, o aventureiro estudante saiu de casa rumo à pista que o levaria à faculdade. Pôs-se a pedalar; pedalou, pedalou, mas não avistou a faculdade! Conferiu o horário: 8h30. A aula começava às 7h30 e, uma hora atrasado, o aventureiro não havia concluído a jornada. Parou e pensou: andei vários quilômetros e nada de faculdade! Concluiu: certamente escolhi o lado contrário da pista que deveria ter percorrido e, dessa forma, não iria chegar nunca. Mesmo o mundo sendo redondo, a pista não era! Retomou a jornada e pé no pedal! Chegou atrasado e, bastante suado, dirigiu-se para a sala de aula, após se desculpar com o professor.

Permaneceu nessa casa compartilhada por uns 15 dias; foi o tempo necessário para encontrar um apartamento mais bem localizado, pequeno, mas nos moldes que a família pretendia: dois quartos, sendo uma suíte, sala e cozinha conjugados, sem mobília, o que não era um problema, pois Daniel tinha um apartamento montado em Jundiaí e era só fazer a mudança. Já no endereço novo, encontrou uma estudante, que conheceu nos primeiros dias de aula, e a ela manifestou a necessidade de encontrar alguém para dividir as despesas do aluguel. A amiga apresentou o estudante Luca, que também frequentava a faculdade e carecia de abrigo permanente. Conclusão: os dois mudaram no mesmo dia para esse apartamento, que fica a dois quilômetros do Campus, sendo o prédio composto, na sua maioria, de alunos que vão, todos os dias,

caminhando para a faculdade. Já se passaram seis meses e Daniel mantém o mesmo entusiasmo de calouro e vive felicíssimo.

BOIÇUCANGA, LUGAR SONHADO E SONHO REALIZADO...

Em 1980, começamos, eu e Laerte, com quem fui casada em primeiras núpcias, a frequentar a cidade de São Sebastião. A magia reinante naquelas plagas desencadeou amor à primeira vista, a ponto de me obrigar a retornar para aquele paraíso, de quando em quando. A simbiose é tamanha que, um dia, quem sabe, minhas cinzas serão espalhadas por lá. Há de se esclarecer que, no início das nossas andanças pelo litoral norte, frequentávamos a casa dos Noronha por longos dez anos, quando, então, surgiu a oportunidade de adquirirmos um terreno no subdistrito Boiçucanga, cuja área perfaz 536 metros quadrados. Negócio fechado, aperto de mãos e o sonho começava a ser realizado. Num piscar de olhos, demos início à construção. Corria o ano de 1991 e, ávidos por ver a obra concluída, íamos quase todos os fins de semana supervisionar os trabalhos, até que, em breve tempo, o sonho se concretizou.

Devidamente aparelhada e pronta para nos abrigar, passamos a frequentar, cotidianamente, a casa desejada, dividindo a semana em: três dias em Guarulhos e quatro dias em Boiçucanga. Vida nova, novos planos e satisfação redobrada, pois a casa vivia sempre repleta de visitas: ora filhos, ora amigos, ora parentes, provocando, inclusive, a necessidade de organização prévia, para evitar acúmulo demasiado de convivas. A turma de Ribeirão Preto,

cunhados e filhos, passava o Natal e ano novo conosco; já os mais próximos, se revezavam ao longo do tempo restante para contentar a todos. Era uma casa alegre e cheia de vida, cuja felicidade perdurou até fevereiro de 2001, quando o Pita (apelido carinhoso e familiar do Laerte) sofreu um AVC. Doravante, até o mês de junho de 2002 (passamento do Laerte), a minha vida tomou outro rumo; assoberbada com os cuidados ao companheiro, pós-AVC, já não conseguia mais frequentar com assiduidade a cidade amada.

À filha, agora casada, não era possível me acompanhar sempre. Sobrinhos, comprometidos, nem sempre podiam estar comigo. Amigos iam esporadicamente, mas cada um tem os seus afazeres, tempo para a família: não são mais tão assíduos. Ponto pacífico, a vida machuca, porém fornece o remédio e, quando tudo retornou ao normal, pensei: tenho que seguir sozinha, por que não? Eu sempre fui independente e resolutiva; porém, não é tão simples! Casa grande, no pé da serra, animais, ruídos indecifráveis durante a noite e que você não sabe a origem. Qualquer som diferente e a preocupação atormenta. Dormir com a porta do quarto trancada a sete chaves passou a ser regra geral. O tempo, senhor de tudo, urge e nos prepara para novas empreitadas, vida que segue.

Ano 2003, nova companhia, portanto, quem sabe com os mesmos sonhos meus. A tão sonhada residência, temporariamente abandonada, carece de cuidados e de novas vidas, restaurando a esperança de que velhos e novos frequentadores preencham de alegria e sonhos nosso lar abençoado. O inexorável tempo não para! Familiares ficando idosos, os acontecimentos nefastos se sucedendo, inclusive, e principalmente, na saúde. Ora a mãe precisa de ajuda, ora uma das irmãs. Vamos dividir os cuidados com a matriarca, pois só assim teremos tempo livre para continuar fre-

quentando o paraíso denominado “Boiçucanga”, remédio para o corpo e bálsamo para a alma. Nesse compasso, chegamos até aqui! O ano em curso promete mudanças. Aguardamos o término das férias para a reforma necessária, e tão sonhada, começar.

Finalmente, pedreiro contratado, orçamento elaborado, material adquirido e a reforma é iniciada em 23 de janeiro com previsão de término de dois meses. O profissional contratado, Ribamar, reside em Guarulhos e permanece em Boiçucanga mais ou menos 15 dias; após esse prazo, sobe a serra para ficar a outra quinzena com a família e solver compromissos avençados. Mantenho residência em Guarulhos e só consigo acompanhar a reforma através da tela do celular. A compra dos materiais é realizada em Boiçucanga e o pagamento é efetuado por PIX onde quer que eu esteja. Bendita modernidade!

Em fevereiro, novamente, o profissional desceu a serra para concluir a segunda fase da obra, que havia sido dividida em quatro etapas. Alguns contratempos são inevitáveis, pois manutenção em casa velha é assim: você mexe num lugar e aparece novo problema. Melhor detectar a avaria enquanto o pedreiro esteja por lá. Esse é um período em que a casa, normalmente, estaria lotada, mas este ano, por causa da reforma, adiamos o encontro.

Bendito adiamento: a previsão de retorno de Ribamar a Guarulhos estava agendada para o dia 20 de fevereiro; porém, no dia 19, fui surpreendida com acontecimento nefasto da natureza. Assistindo ao jornal matutino, sobreveio notícia desesperadora: O litoral Norte estava embaixo d’água. Os morros dissolvendo-se e, em alguns locais, só se via a lama arrastando ou cobrindo casas e carros. Verdadeiro caos. As estradas estavam bloqueadas e as localidades mais atingidas eram: Juqueí, Barra do Sahy, que já

contabilizava alguns mortos, Baleia, Camburi, Boiçucanga e Maresias, mas sem exceção, todo o litoral Norte foi tomado pelas águas, com menor ou maior contundência. Busquei informações pela via telefônica, sem obter êxito, nem mesmo com familiares que residem na cidade. Foram quatro dias sem contato algum, toda notícia que obtinha era por meio dos telejornais que irradiavam com fidelidade os macabros acontecimentos.

Em 40 anos frequentando a região, testemunhei chuvas torrenciais, muito fortes, mas nada comparado a estas, que foram devastadoras, com tanta destruição, desabrigo e mortes. Cenário de verdadeiro horror! Posteriormente ao impacto inicial e com a intervenção do governador do Estado de São Paulo, que mudou seu gabinete de trabalho para a Barra do Sahy, a situação começou a melhorar. Cabe esclarecer que minha casa não foi atingida diretamente, mas a lama que desceu da serra inundou o terreno limítrofe, cobrindo o gramado e a área externa.

O pedreiro passou apurado nos dias em que permaneceu na casa, sem água, luz, internet. Não tinha suprimento alimentar e, como iria embora na segunda-feira, não fez compras. Tentou ir ao mercado, sem êxito, pois deparou-se com fila quilométrica. Enfim, caos total.

Dias após, com o arrefecimento da chuva, para sair de Boiçucanga, a primeira estrada liberada foi no sentido de São Sebastião, oportunidade para que o pedreiro saísse rumo à sua residência em Guarulhos. Era 23 de fevereiro, embarcou no ônibus às 8h30, rumo ao centro de São Sebastião, depois, mais um ônibus até São José dos Campos e, finalmente, outra condução até Guarulhos, chegando em casa às 17h, graças a Deus, sem ferimentos.

Acompanhando os noticiários, soube que o total de mortos em São Sebastião foi de 66, dentre os quais seis moradores e/ou visitantes de Boiçucanga. Os trabalhos foram intensos na região, no sentido de localizar vítimas soterradas, liberar as estradas e tirar os sobreviventes das áreas mais afetadas. O transporte principal passou a ser todo tipo de embarcação, pois em alguns lugares só se chegava pelo mar, ou pelo ar: barcos e helicópteros. Algumas localidades estavam completamente isoladas: Juqueí, Barra do Sahy, Baleia, Camburi e Boiçucanga. Ante o caos instalado, a reforma foi suspensa até que a chuva diminuísse e as estradas estivessem liberadas, o que poderia demandar algum tempo. Aproximadamente um mês depois, as estradas foram liberadas, mas as casas prometidas para quem perdeu tudo, até agora, continuam só um sonho.

Finalmente, no dia 29 de março, Ribamar partiu para a terceira etapa da obra e, se Deus permitir, desta vez sem sobressaltos, pois, concluído o trabalho, o Sol há de brilhar fulgurante e a paz, a felicidade e o aconchego reinarão como sempre em nossas vidas.

VALDIR CARLETO

A PREMATURA MORTE DE PEDRO NOTARO

O prematuro falecimento do radialista e jornalista Pedro Paulo Notaro, aos 63 anos, na madrugada de 5 de setembro de 2023, chocou a todos que com ele conviveram ou que seguiam seu programa "Radar de Notícias", principalmente as pessoas do meio político e da Comunicação de Guarulhos. Ainda no início da noite, ele havia apresentado normalmente o Radar e parecia muito bem, ao trocar ideias com o jornalista Rabih Kalil. Ninguém poderia imaginar o que estava para acontecer horas depois.

Conheci Pedro em meados dos anos 1980, quando ele escrevia uma coluna para o jornal "Gazeta de Guarulhos", que era editado pela família do então vereador Joel Figueiredo, e eu produzia o "Olho Vivo". Tempos depois, fui convidado a fazer parte da equipe do "Radar Noticioso", como era o nome do programa transmitido pela Rádio Líder FM e que tinha à frente o experiente Antonio Carlos Arnone. Poucas semanas depois, Pedro também

passou a integrar a equipe e quase em seguida eu fui dispensado, talvez por ter feito uma pergunta embaraçosa a um entrevistado, o que pode ter desagradado a direção da emissora.

Pedro e Arnone não apenas completaram um ao outro na formulação do programa, como se tornaram grandes e inseparáveis amigos. Assim foi até que Arnone faleceu. Sempre que se referia a Arnone, Pedro o fazia com um misto de dor, respeito e saudade.

Muitas vezes, eu e Pedro divergimos em assuntos de política, na postura profissional diante de algum fato, mas sempre nos respeitamos. Convidei-o a ser colunista do Click Guarulhos quando iniciamos o portal e participei inúmeras vezes do Radar. Pedro sempre abriu espaço para divulgar atividades nas quais me envolvi, particularmente as da Academia Guarulhense de Letras.

Disse muitas vezes a várias pessoas e aqui repito: Pedro Notaro era o mais bem informado jornalista de Guarulhos. O fato de não ter formação específica nunca lhe fez falta: escrevia melhor do que muitos bem formados e sabia do que estava falando. Tinha as melhores fontes de informação. Tanto que foi por uma postagem dele que eu soube que minha filha Simone seria candidata a prefeita em 2020.

Ao divulgar pelo programa e nas redes sociais questões que lhe eram enviadas por internautas, Pedro ajudou a solucionar muitos problemas da cidade, prestando inestimável serviço à população.

Com todo respeito a todos os profissionais de Imprensa de Guarulhos, não vislumbro quem pudesse ou possa vir a substituí-lo no comando do Radar de Notícias, ao menos com o mesmo brilhantismo. Pedro Notaro deixa um grande legado para Guarulhos.

A DOCE LURDINHA NOS DEIXOU

Faleceu no feriado da Independência, 7 de setembro de 2023, a jornalista Lourdes Dias, que iniciou e concluiu sua carreira em veículos de comunicação de Guarulhos.

Formada em Comunicação Social nos anos 1980 na Universidade de Mogi das Cruzes, trabalhou nos jornais Diário de Guarulhos, Olho Vivo, Tribuna Paulista e Folha Metropolitana, além de atuar em assessorias, na Câmara Municipal e nas Secretarias de Educação e de Direitos Humanos da Prefeitura de Guarulhos.

Repórter muito dedicada, foi editora em parte de sua carreira, conquistando a amizade de todos que com ela tiveram a oportunidade de trabalhar como seus subordinados, assim como ocorreu com os que dividiram tarefas com ela e com os superiores que a chefiaram.

Há alguns anos, passara a ter dificuldade de sensibilidade nas mãos, vindo posteriormente a ser diagnosticada com Parkinson, o que lhe tolhia o controle dos movimentos.

Na véspera de seu falecimento, foi internada no Hospital Bom Clima, por estar se sentindo mal e não conseguir alimentar-se. Soube que quiseram colocar nela uma sonda para ingerir alimentos e ela se recusou a receber o equipamento, vindo a falecer.

Conheci Lurdinha, como era carinhosamente chamada pelos amigos, no ônibus entre Mogi e Guarulhos; eu, aluno do Jornalismo da Braz Cubas e ela, da então Omec. Tornamo-nos amigos. Por algum tempo, encontrávamo-nos em pautas que estávamos cobrindo, até que ela foi admitida no Olho Vivo, quando pude conhecer mais de perto o grande e incrível ser humano que residia

naquela pequena mulher. Aliás, Lurdinha era espelho de sua mãe, Maria Dias, que trabalhou na Câmara Municipal, servindo café, e sempre foi estimada por todos, por seu jeito afável e prestativo.

Como bem citaram internautas em alguns comentários, Lurdinha era uma pessoa sem maldade, que tratava bem a todos, e que sempre fazia o que estava ao seu alcance para melhorar o ambiente em que vivia. Muito apegada à família, tinha no filho Bruno sua grande realização, e se referia sempre de forma carinhosa e respeitosa ao marido, Edjair.

O legado de Lourdes Dias é o exemplo de abnegação e de bom convívio que são as marcas indeléveis de seu comportamento. Eu e todos os seus amigos ficamos abalados e comovidos com sua partida; todos de luto; na certeza, entretanto, de que Deus a acolherá com todo carinho que ela merece.

MICROPLÁSTICOS SÃO ENCONTRADOS ATÉ EM CORAÇÕES HUMANOS

Pela primeira vez, pesquisadores descreveram a descoberta de microplásticos no coração de seres humanos. A descoberta se deu em um estudo publicado na revista Environmental Science & Technology. Microplásticos já tinham sido identificados no aparelho respiratório e, ainda que essa nova pesquisas tenha colhido amostras de apenas 15 pacientes submetidos a cirurgia cardíaca, trata-se de um dado preocupante. Evidentemente, a equipe afirma que mais estudos são necessários para entender completamente os efeitos dos microplásticos no sistema cardiovascular de uma pes-

soa, assim como se pesquisa como os microplásticos agem no cérebro, no aparelho digestório e na corrente sanguínea das pessoas.

Mas, afinal, o que são microplásticos? Genericamente, costuma-se considerar que sejam todas as partículas de plástico com diâmetro inferior a 5 milímetros. Porém, têm sido identificadas porções microscópicas, os chamados nanoplásticos.

Basicamente, microplásticos são classificados em duas categorias: os primários, que são partículas projetadas para uso comercial, como cosméticos, microfibras de tecidos, embalagens e redes de pesca; e secundários, que resultam da quebra de itens plásticos maiores, como canudos e garrafas de água.

Sabe-se que mais de 4 mil substâncias químicas são utilizadas nas embalagens plásticas de alimentos e há mais de 5 mil diferentes tipos de plástico em uso no mercado em geral.

Como grande parte da população não tem ainda consciência ambiental, materiais plásticos costumam ser jogados em vias públicas, de onde são carreados para córregos e rios e, dali, para os oceanos, onde vão se desfazendo, até chegar a grânulos, sendo ingeridos por peixes e impregnados em frutos do mar, por exemplo.

Além disso, pesquisadores indicam que muitas fontes contribuem para o lançamento de microplásticos no ar, como tecidos sintéticos, desgaste de pneus, objetos domésticos, incineração de lixo, materiais de construção, lama de esgoto, aterros, manuseio de abrasivos, impressão em 3D e suspensão de poeira.

É engano pensar que eles estão apenas nas áreas urbanas. Já foi registrada a existência de microplásticos (MPs) no ar de regiões remotas e desabitadas, como os Pirineus Franceses, as Montanhas Rochosas e em partes do Oceano Ártico. Detalhe importantíssimo:

calcula-se que há microplásticos presentes em 90% das marcas de sal de cozinha. Ou seja, estamos comendo plástico em pó!

Em resumo, microplásticos estão em todos os lugares e acabam invadindo o organismo humano e dos animais em geral.

Qual a única solução para esse preocupante problema? Educação ambiental e busca constante de alternativas a todas as fontes que geram microplásticos.

Que tal cada um de nós fazer sua parte? Já nem se trata mais de salvar o Planeta Terra, mas de preservar a nossa própria saúde!

YANNICK BASSUMA

TODAS AS MANHÃS

O início do dia é a parte mais essencial para se ter sucesso em teus objetivos. Começa sempre com bons pensamentos, uma boa alimentação e meditando.

"Levanta-te todas as manhãs, não querendo ser o melhor no que fazes, mas sim fazer o melhor que sejas capaz!!!"

SUCESSO

Muitos querem chegar ao máximo de suas profissões e carreiras. E quando chegam sentem-se frustrados e incompletos, pois o único objetivo que os movia era seu egocentrismo. Mas quando agregamos ao nosso objetivo atitudes benevolentes com os que cruzarem nosso caminho, aí, sim, nos sentiremos realizados.

"Quero chegar no topo da vida! Não para olhar o céu, mas olhar para baixo e estender a mão para aqueles que precisarem de ajuda para subir."

A CRIANÇA DENTRO DE TI

Nosso corpo envelhece a cada dia que passa. Nossa mente envelhecerá quando a criança interna morrer. Não deixes essa criança deixar de existir, alimenta-a com boas risadas, brincadeiras e sutilezas que a vida pode nos dar.

Todos temos uma criança no fundo do coração!

Hoje eu te presenteei essa criança, com meu amor e carinho, e digo:

Criança, corre!

Sorri!

Ama!

E vai em busca de teus sonhos!

O DIA DE HOJE É O MAIS IMPORTANTE

Muitos escritores, oradores, palestrantes e pessoas influentes dizem: Façamos tudo no dia de hoje. E nós? Fazemos tudo que queremos nesse dia que é o mais importante de nossa vida? Como aquele ditado popular diz: "Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje".

"Mais uma noite se esvai de nossas vidas!

E te pergunto: fizeste tudo o que querias?

Tomaste todas as decisões necessárias, para mudar teu amanhã?

Olhaste nos olhos de quem amas?

Ajudaste a quem pediste?

Amaste como se fosse teu último dia?

Encontraste a luz dentro de ti?

Se respondeste Sim a todas essas indagações, durma em Paz!!"

NADA É IMPOSSÍVEL

O significado do impossível para mim é desistir de tentar o que se quer realizar em nossa vida. Claro que devemos ter um discernimento daquilo que procuramos: estamos preparados? Aquilo ou alguém mudará minha vida? E o mais importante: qual o valor em minha caminhada de eu possuir aquilo que quero? Muitas vezes, adquirimos algo que não nos deixará seguir em frente. Tome cuidado com o que deseja.

"Sempre falo: nada é impossível em nossas vidas!

E alguns me questionam: Professor, eu não consigo!

Ou: Ninguém me quer, por quê?

A resposta é simples: Porque damos valor a situações e a pessoas que não valem nada!!

E quando dás valores a situações e pessoas sem valor algum, será impossível tu teres sucesso em teus objetivos!!!

O VALOR MAIOR DE ALGUÉM

Chegará o dia que o que mais terá valor neste mundo não serão os bens materiais que alguém possui, mas sim a ética, a dignidade, a fraternidade e o amor pelo próximo. E quando chegarmos nessa era de ouro, uma nova civilização nascerá.

"Muitas pessoas te julgam pelo que tu tens.

E não pelo que tu és!

E, muitas vezes, aquele que aparentemente não tem nada era tudo o que tu precisavas!"

FAÇA HOJE O QUE QUER RECEBER AMANHÃ

Tudo o que fazemos em nossa vida terá reações em nosso futuro. Sendo assim, devemos sempre seguir as intuições de nosso coração. Ele sempre fará que trilhemos os caminhos certos da luz.

"Nossas atitudes ecoarão pela eternidade!
Sendo assim, vamos irradiar o amor.
Para que o universo se ilumine dentro de nosso ser!"

PARA DE FOCAR NOS PROBLEMAS

Quando não pensarmos mais em nossos problemas, eles não terão tanta importância em nossa vida. Leias a frase abaixo e medita sobre tua vida.

"Esquece os obstáculos!!
Foca em teus objetivos!!
Quando atingires teus objetivos, verás que os obstáculos não eram tão grandes, e sim era muita atenção que tu davas a eles!
Quanto mais olhares para teus obstáculos, maiores eles serão!
Então, foca em teus objetivos,
Que eles se tornarão grandes também!!"

ANO NOVO

Sempre ouvimos as promessas de ano novo: que vamos nos alimentar corretamente, estudar, fazer exercícios, etc. E já na segunda semana do ano, muitos já esqueceram de suas promessas. Lembra-te que o tempo nunca esquece de passar. Então:

"Não esperes um ano novo para ter sucesso na vida!

Tomes atitudes novas agora, e assim terás sucesso em tua caminhada!!"

AS BATALHAS

As guerras não são vencidas em um único dia: as vitórias são construídas com cada dia de luta. Lute todos os dias de tua vida.

"Cada pequena batalha vencida hoje te dará a força necessária para venceres a guerra amanhã!!"

FELIZ ANIVERSÁRIO?

Quando pensamos que não temos muito mais tempo para realizarmos nossos sonhos, devemos não deixar nada para o dia seguinte.

"A cada aniversário que comemoramos, é um passo que damos em direção a outra dimensão! Se tu pensares assim, tenho certeza de que darás cada passo como se fosse o mais importante de tua vida!"

CÉREBRO POSITIVO

Utiliza o computador mais avançado do universo em teu proveito. Teu cérebro está à tua disposição, coloca-o para trabalhar a teu favor.

"Nossa mente é como um computador, e os pensamentos são os programas sendo executados. Se nós tivermos pensamentos negativos, como: Eu não posso! Eu não consigo! Isso é impossível! São esses programas que estarão sendo processados! E agora te pergunto: que programas tu estás executando em tua mente agora?! Está na hora de fazermos uma atualização para pensamentos: Eu posso! Eu consigo! Nada é impossível! E assim nós teremos sucesso em nossos objetivos!!

ESQUECE O PASSADO

Não olhes para trás, olha para frente. É na frente que está o teu futuro. Passado chama-se passado, é porque passou. Penses nisso.

"Se tu passas por sofrimentos, perdas, traições, e não vês saída para teus problemas, lembra-te que nosso Pai celestial nos deixou o Sol, para nos mostrar que depois de cada período de escuridão, a luz sempre renasce!!"

RENOVAÇÃO DIÁRIA

A cada dia estamos neste mundo para evoluirmos. Como o rio nunca é o mesmo quando passamos por ele, nós também devemos estar em constante movimento.

"Hoje, não sou mais como ontem, amanhã não serei mais como hoje! E assim, no final de minha jornada, terei subido alguns degraus rumo à perfeição!" Lembrando que minhas atitudes diárias é que me farão subir!

ATENÇÃO

Dês atenção para todos que estiverem ao teu lado, e ao menor sinal de sintomas que possam desencadear uma depressão, busque motivar essa pessoa com palavras positivas:

"Depressão? Ansiedade?

São os maiores males de nossa sociedade.

O que é depressão?

É pensar excessivamente no passado, em situações que já passaram, e das quais não temos mais controle!

O que é ansiedade?

Pensar excessivamente no futuro, em situações que poderão acontecer!

Agora, te pergunto, meu amigo:

Por que te preocupares com algo que já passou, que nunca mais voltará? E pensar em algo que não aconteceu, ou poderá nunca acontecer?

Eu te digo: as maiores batalhas são travadas dentro de nossa mente, de nosso ser! Vence essas batalhas com pensamentos e atitudes positivas, e assim sairás vencedor desta vida!"

CARNAVAL

Nos carnavais de minha vida, sempre passei trabalhando. E, trabalhando, sempre fiz o melhor samba-enredo de minha vida.

"Minha fantasia?
É meu uniforme!
Meu abre alas?
É meu sorriso!
E minha bateria?
É o pulsar do meu coração.

A FELICIDADE ESTÁ DENTRO DE TI

Coloca em tua cabeça que vieste sozinho para o mundo, e quando saíres daqui irás sozinho também (salvo se estiver em um avião). Sejas feliz com tua presença. Depois que tiveres feito isso, poderás ser uma das melhores companhias para outras pessoas.

"Muitos esperam encontrar a Paz e a Felicidade em outras pessoas ou adquirindo bens! Mas se esquecem que a verdadeira Paz e a verdadeira Felicidade só podem ser encontradas dentro de nosso Ser!"

45 Anos

Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

PARTE II
SINOPSE DAS ATIVIDADES RECENTES DA AGL

SINOPSE
DAS ATIVIDADES RECENTES DA AGL
ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS:
DE SETEMBRO DE 2022 A JUNHO DE 2023.
A SAGA CONTINUA!

A AGL segue altaneira na profusão da cultura guarulhense, busca sanar os problemas e debatê-los através de soluções que emergem dos embates travados nas reuniões mensais. Os encontros, ordenados pela Secretaria, ocorrem na última quarta-feira de cada mês, na sede e com quórum mínimo de três acadêmicos para iniciar e oito para decidir. De se esclarecer que a presença, quando muito, conta com pequena margem acima do número exigido. A mesa formada para os debates se desdobra e, geralmente, cumpre religiosamente os itens da pauta, lançando mão dos presentes para cumprir as exigências de costume, contando, para tal, com os membros devotados que não medem esforços em busca de soluções. Este preâmbulo serve de anteparo para a síntese das notas que ilustrarão os dez encontros pretéritos.

Corre o mês de setembro anunciando a Primavera e, dando continuidade aos trabalhos da Confraria, a mesa decide que, para representar a AGL junto ao Patrimônio Histórico serão destacados os acadêmicos: José Roberto Jerônimo e Milton Cesar Bassuma. Considerando o adiantado do tempo, o presidente Valdir deu os primeiros passos para preparar a nova Diretoria, consultando a Secretaria sobre a linha sucessória. A secretária Teresinha elencou os possíveis candidatos em número de oito. Sendo que a sucessão deve obedecer a ordem de consagração, a

escolha será providenciada em oportuno tempo. A Revista 2022 está em pleno desenvolvimento sob os auspícios dos confrades: Jerônimo, Fábio, Valdir, Clóvis, Bismael e Wellington. Estabeleceu-se, também, que se publicasse o Edital para a aquisição de seis novos escritores, para suprirem cadeiras vacantes. Wellington, Jerônimo, Valdir, Clovis e Karla Maria incumbiram-se de difundir as notas acadêmicas em nossa Urbe para conhecimento de possíveis interessados.

Raios de Sol anunciam o mês de outubro, os encontros dos imortais sucedem-se e, os pares, em número de 13, formaram a ambiência para iniciar a apreciação da pauta. Cumpridos os protocolos de praxe, o presidente Valdir determinou a fixação do edital no frontispício da sede, para dar publicidade aos pares, permitindo a formação de chapas para regerem o Sodalício no biênio 2023/2024. Valdir e Jerônimo anunciam que a Revista está em fase de revisão e a impressão estará a cargo da empresa Navegar.

O Edital de convocação para novos membros recebeu nove candidatos para suprirem as cadeiras vacantes. Serão sabatinados e aferidos por comissão determinada. Foram convocados para a imortalidade seis escritores. O presidente Valdir anunciou a composição da Diretoria que comandará o biênio 23/24, a qual, submetida à apreciação do Colegiado, foi referendada por unanimidade, sob a presidência do acadêmico Mauro dos Santos Oliveira.

Eis que surge radiante o mês de novembro: seis escritores guarulhenses, adredemente inscritos para suprirem vagas

existentes, são submetidos ao crivo do Colegiado para, se aprovados, tornarem-se membros efetivos. Isto posto, em reunião ordinária os pares recepcionaram os noveis considerados aptos e, cada um de per si, comprometeu-se a honrar o nome da Academia e bem representá-la sempre que forem convocados para versar sobre cultura.

Dezembro anuncia tempos novos e, em festiva de agradecimento pelo ano que passou, levada a efeito no Colégio Parthenon Vila Augusta, apresenta novos pares que, por merecimento e desejo, passam a compor o quadro acadêmico e auxiliar na luta em prol da defesa, do zelo e da disseminação da cultura guarulhense. Foram consagrados com mérito de acadêmicos efetivos, recebendo as respectivas comendas, os seguintes escritores: Manoel Monteiro do Espírito Santo Júnior – cadeira 17; Darlan Oliveira Cruz – cadeira 13; Roberto Samuel da Silva – cadeira 23; Heidy Lirio da Cruz – cadeira 24; Fátima Regina Gilioli – cadeira 18 e Luciene Vignoli Müller – cadeira 31.

Rompe o ano de 2023, altaneiro e com ares de positivismo, pois, com certeza, nos desafiará e, em contrapartida, nos brindará com esperanças, a mesma garra e a vontade imensa de ver prosperar a nossa magistral Academia. O rito é o mesmo, os partícipes também, a crença por um ano melhor sobeja e a vontade de evoluir e lutar pelo Sodalício persevera. Vamos elevar, como d'antes, o nome da confraria para que chegue aos píncaros da glória e, certamente conseguiremos, coesos e persistentes, embora que sejamos poucos, mas faremos muito pelas letras e pela nossa Instituição.

O mês de janeiro, tem condão de reencontro e, com quórum surpreendente, desta feita não foi diferente. As manifestações suscitam comentários sobre a festa de fim de ano, sobre o lançamento da Revista anual, sobre os acadêmicos noveis e, principalmente, fé e esperança de conclusão nas metas traçadas: progresso, comunhão entre os pares, movimentação cultural, interação com a massa estudantil, muita fé e trabalho abundante.

Chega fevereiro e, com ares carnavalescos, se nos apresenta promissor, tal qual deve ser a nossa segunda reunião do ano andante. Registro que a Confraria foi convidada para participar do evento Orquestras de Guarulhos, no Teatro Padre Bento, sob o comando do maestro Emiliano Patarra, sendo representada pelos confrades Valdir Carleto e Mauro. Mais uma vez, louvores para o dedicado confrade Valdir Carleto que, atendendo solicitação da professora Nilma Figueiredo, da escola Salime Mudeh, apresentou peça teatral autoral intitulada "Versos Roubados" para uma seleta plateia formada pelo Corpo Docente daquela casa de ensino. Nesta empreitada, Valdir se fez acompanhar pelo presidente Mauro.

Março desponta rompendo a aurora e registra ato de louvor e grande significado, a entronização do quadro na galeria dos presidentes da Confraria. Reverencia-se com méritos a figura do imortal Valdir Carleto que, no último biênio ocupou o cargo máximo, dirigindo com maestria o destino da AGL. A solidariedade sobeja no meio acadêmico, os confrades afastados por doença ou outro qualquer infortúnio recebem visita dos pares,

como bem atesta o registro da presença dos acadêmicos Mauro e Teresinha na residência do confrade Clarimundo Aguiar, onde permaneceram por longas e deliciosas duas horas e meia. Esta ata registra, também, a obrigação da assiduidade dos confrades nas reuniões, não só para marcar presença, mas, para decidir sobre as necessidades emergentes, além de se tratar de imposição estatutária. Novamente a interseção do confrade Valdir permitiu que a Confraria se fizesse presente em casa de ensino do Município, desta vez no "Sarau da Escola Estadual de Período Integral Conselheiro Crispiniano", com participação ativa do alunado.

O mês de abril dá ênfase aos acadêmicos que se pronunciam sobre suas obras, uns evidenciando a boa aceitação pelo público leitor, outro lembra da tarde de autógrafos que capitaneou com sucesso, outro pondera sobre evento de porte levado a efeito com auxílio de seus pares. A turma de sempre visitou a Escola Mario Lago, interagindo com o alunado e discorrendo para o corpo docente a objetividade do Sodalício.

Maio registra para fins estatísticos que, infelizmente, o quórum desta reunião não conseguiu superar o número de ausentes, situação que milita em desfavor da Instituição e, se providências não forem tomadas, em breve tempo, a sua história restará guardada em escaninhos da sede. Neste mês, a AGL participou com destaque do octogésimo sexto aniversário do Teatro Padre Bento, quando seus membros tiveram atuação efetiva, no comando de Sarau para uma plateia considerável. Notável a evolução acadêmica por parte de alguns confrades que se des-

tacaram em eventos múltiplos, distribuindo cultura e cultuando as letras.

O mês de junho se nos apresenta com contornos de calor amigo, não só pelas chamas das fogueiras que aquecem o inverno que se inicia, mas pela pujança dos debates sobre assuntos palpitantes e que traduzem a realidade que a Confraria suporta. A nota primária trazida à mesa pelo presidente Mauro trouxe a lume parte do texto do artigo 9º que enfatiza "Os recursos e o patrimônio da AGL advirão de contribuições" e queira Deus que algum Mecenas adote a Confraria para suprir as necessidades. Natural que todos os escritores que, voluntariosamente, concorrem a uma cadeira vacante para atingir a imortalidade unam-se para suprir as demandas atinentes ao exercício da Confraria. Neste compasso, alguns acadêmicos insistem em negligenciar esta importante e necessária contribuição, obrigando os demais a arcarem com o ônus para suprir os compromissos que não se tornariam um fardo se dividido por todos. A diretoria se desdobra e traz à baila este assunto em quase todas as reuniões, porém não encontra eco e os compromissos são sanados por quem, realmente, tem a Confraria como um sacerdócio. De se registrar que alguns confrades se uniram para encontrar a solução, seja na área política ou empresarial, objetivando conseguir verba para sanar o gasto forçado com a nossa Instituição, que é suportado por alguns acadêmicos. Não obstante ter que suportar este fenômeno, a marcha do Sodalício não para e a turma de abnegados escritores já inicia os preparativos para a festa de final de ano, quando a Academia encerra as atividades e promove o lançamento da sua tradicional Revista anual.

Compilação do núcleo extraído das reuniões ordinárias e/ou extraordinárias implementadas entre os meses de setembro de 2022 e junho de 2023. Com este trabalho, ajusta-se para conhecimento geral a saga da AGL, em cujos anais se assentarão todas as decisões necessárias para a continuidade da sua majestosa trajetória.

Mauro dos Santos Oliveira
Acadêmico Efetivo

Teresinha Silva Maltez de Souza
Acadêmica Efetiva

45 Anos

Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

PARTE III
MEDALHA DO MÉRITO CULTURAL JOÃO RANALI

MEDALHA DO MÉRITO CULTURAL JOÃO RANALI

Fundadores:
GASPARINO JOSÉ ROMÃO
OSCAR GONÇALVES
ARISTIDES CASTELO HANSSEN
ARY BADDINI TAVARES

In memoriam:
JOÃO RANALI
JOSÉ MANUEL MATEOS MARTINEZ
NELSON ANTONIO NATALINO

Acadêmicos Efetivos:
CLOVIS DOMINGUES
ARMANDO ATTILIO COLACIOPPO SOBRINHO
BISMAEL BATISTA DE MORAES

Radialista:
OSVALDO ROMUALDO ERNESTO TASSI

Corporações Musicais:
BANDA LIRA DE GUARULHOS
ORQUESTRA DE VIOLEIROS CORAÇÃO DA VIOLA

Empresária:
VERA LÚCIA NOVO

Acadêmico Honorário:
EDMILSON SOUZA SANTOS

Artista Plástica e Professora:
LISETE CARDOSO NEVES METRAM

45 Anos

Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

PARTE IV
HINO DA AGL
LETRA E PARTITURA

HINO DA ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS - AGL

Música: *Maestro Armando Attilio Colacioppo Sobrinho*
Letra: *Acadêmico Mauro dos Santos Oliveira*

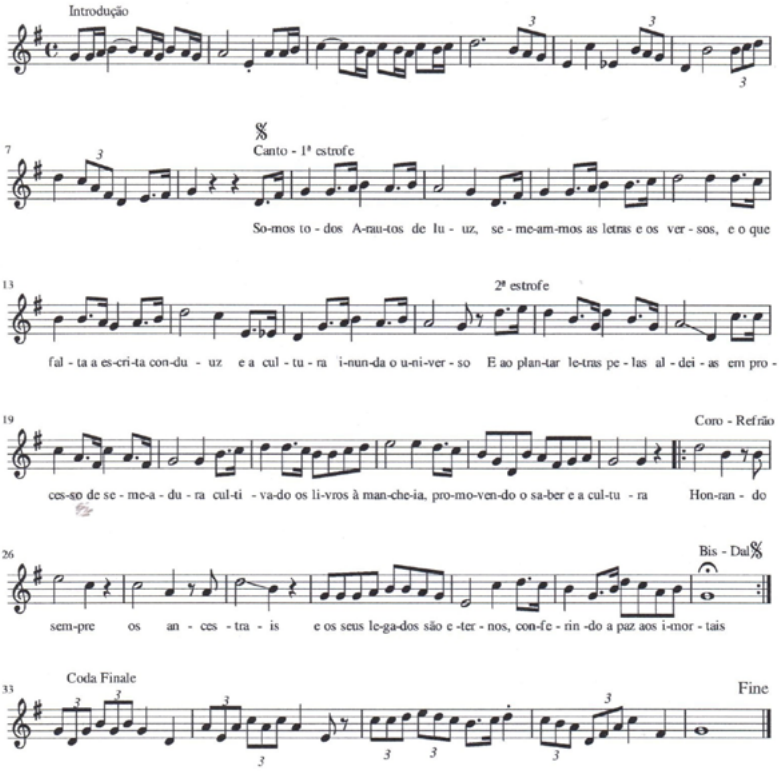
1ª estrofe
Somos todos arautos de luz
Semeamos as letras e os versos
E o que falta, a escrita conduz
E a cultura inunda o universo.

2ª estrofe
E ao plantar letras pelas aldeias
Em processo de semeadura
Cultivando os livros à mancheia
Promovendo o saber e a cultura.

Refrão (Bis)
Honrando sempre os ancestrais
Os seus legados são eternos
Conferindo a paz aos imortais.

HINO DA ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS - AGL

Música: *Maestro Armando Attilio Colacioppo Sobrinho*
Letra: *Acadêmico Mauro Santos de Oliveira*



Estúdio / Gravação: *Acadêmico Bismael Batista de Moraes*
Edição: Dr. Euclides Tadeu Shergue

45 Anos

Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

PARTE V
GALERIAS

PRESIDENTES ATÉ O ANO XLV

Gasparino José Romão
Gestão 1978 - 1998

João Ranali
Gestão 1998 - 2000

Flávio Cleto Giovanni Trombetti
Gestão 2000 - 2001

Adolfo Vasconcelos Noronha
Gestão set/2001 a mar/2002
O presidente faleceu e a gestão foi concluída pelo vice-presidente, Bismael Batista de Moraes.

Milton Luiz Ziller
Gestão 2002 - 2003

Ary Baddini Tavares
Gestões 2003 - 2004 e 2014 - 2016

Armando Attílio Colacioppo Sobrinho
Gestão 2004 - 2006

Bismael Batista de Moraes
Gestão 2006 - 2008

Aristides Castelo Hanssen
Gestão 2008 - 2010

Isabel Borazanian Macedo de Oliveira
Gestão 2010 - 2012

Clovis Domingues
Gestão 2012 - 2014

José Augusto Rodrigues Pinheiro
Gestão 2016 - 2018

Antonia Conceição Vaz Duarte
Gestão 2018 - 2020

Valdir Carleto
Gestão 2020 - 2022

HOMENAGEM GRATIDÃO

Junto à galeria dos presidentes colocamos o saudoso Laerte Romualdo de Souza, que não chegou a ser presidente, por falecimento antes da ordem sucessória, mas foi um dos pioneiros e secretariou o sodalício durante muitos anos, emprestando seu estabelecimento comercial para ali ser guardada toda a história acadêmica.

Entre tantos desdobramentos que nos inspiraram a caminhar no cultivo das letras, deixamos eternizada sua declaração em fase terminal, em uma placa, colocada em destaque e com todo o carinho, em nossa sala de reuniões, que dignifica ainda mais os sonhos dos nossos pioneiros.

"NA ACADEMIA EXISTE VIDA."

Seus feitos especiais estão registrados nos anais da confraria e, com muito carinho à sua saudosa figura, aqui deixamos, neste quadragésimo quinto ano, registrado nosso respeito, reconhecimento e nossa eterna GRATIDÃO.

Clovis Domingues
Acadêmico Efetivo

GALERIA DOS OCUPANTES DAS CADEIRAS NESTE ANO XLV

Alexandre G.Cavalheiro
(Alexandre Gargano Cavalheiro)

André Figueiredo Rodrigues

Antonia Vaz
(Antonia Conceição Vaz Duarte)

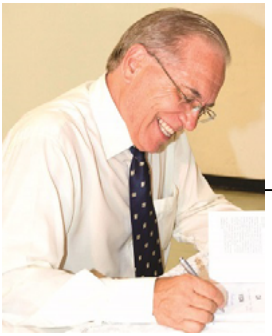
Armando Attilio Colacioppo Sobrinho

Aura Gold
(Maria José Teixeira Guimarães)

Bismael B. Moraes
(Bismael Batista de Moraes)

Bosco Maciel
(João Bosco da Silva)

Clarimundo Oliveira Aguiar



Clovis Domingues

Darlan Zurc
(Darlan Oliveira Cruz)

Devanildo Damião

Fábio Cardoso dos Santos

Fátima Gilioli
(Fátima Regina Gilioli)

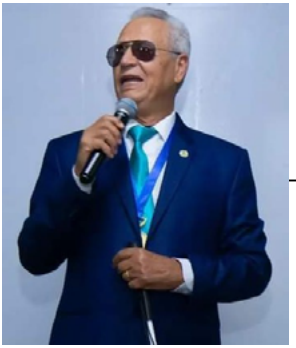
Fernando Canto Berzaghi

Francisco de Souza

Gil Campos de Farias

Heidy Lírio
(Heidy Lírio da Cruz)

Isabel Borazanian
(Isabel Borazanian Macedo de Oliveira)



Ivo de Souza 'Poeta dos Mares'
Ivo de Souza

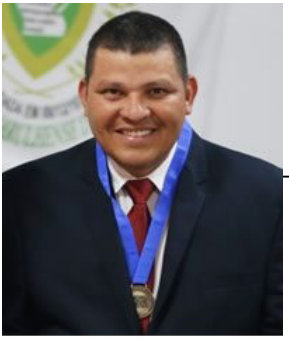
Jacques Miranda
(Jacques Miranda de Oliveira)

José Augusto Pinheiro
(José Augusto Rodrigues Pinheiro)

J.R.Jerônimo
(José Roberto Jerônimo)

Karla Maria
(Karla Maria de Souza)

Luciene Vignoli Müller



Manoel Monteiro
(Manoel Monteiro do Espírito Santo Júnior)

Marlene A. Torrigo
(Marlene Auxiliadora Torrigo)

Mauro dos Santos Oliveira

Plínio Tomaz

Roberto Samuel
(Roberto Samuel da Silva)

Sebastião Dácio de Moura Montans

Sílvio Ribeiro

Teresinha Silva Maltez de Souza

Valdir Carleto

Wellington Alves
(Wellington Alves da Silva)

Yannick Bassuma
(Milton César Bassuma)